PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

Rosinei Costa Papi Dei Agnoli

A GERAÇÃO UNIVERSITÁRIA DA PUC MINAS EM POÇOS DE CALDAS:
dados, análises e perspectivas pastorais

Belo Horizonte
2022

Rosinei Costa Papi Dei Agnoli

A GERAÇÃO UNIVERSITÁRIA DA PUC MINAS EM POÇOS DE CALDAS:

dados, análises e perspectivas pastorais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista

Área de concentração: Religião e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião, Política e Educação.

Belo Horizonte

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Agnoli, Rosinei Costa Papi Dei
A274g A geração universitária da Puc Minas em Poços de Caldas: dados, análises e perspectivas pastorais / Rosinei Costa Papi Dei Agnoli. Belo Horizonte, 2022.
181 f. : il.

Orientador: Paulo Agostinho Nogueira Baptista
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Campus de Poços de Caldas). 2. Estudantes universitários. 3. Igreja e universidade. 4. Pastoral universitária. 5. Movimento da juventude - Igreja Católica. I. Baptista, Paulo Agostinho Nogueira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 256:378
Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Rosinei Costa Papi Dei Agnoli

A GERAÇÃO UNIVERSITÁRIA DA PUC MINAS EM POÇOS DE CALDAS:

dados, análises e perspectivas pastorais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Área de concentração: Religião e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião, Política e Educação.

Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista – PUC Minas – Orientador

---

Dr. João Décio Passos – PUC São Paulo

Dra. Giseli do Prado Siqueira – PUC Minas

Dr. Antonio Geraldo Cantarela – PUC Minas - Suplente

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Ao Espírito Santo.

À minha família.

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista.

À Prof. Dra. Giseli do Prado Siqueira.

Ao PPGCR da PUC Minas.

À Pastoral Universitária da PUC Minas.

Ao REDECLID (Religião, Educação, Ecologia, Libertação e Diálogo).

Ao Grupo de Juventude da UNIFAL-MG.

RESUMO

Esta pesquisa trata da identificação e análise do perfil da geração universitária da PUC Minas em Poços de Caldas no ano de 2021, e busca comparar com os perfis das gerações universitárias de outras pesquisas realizadas nos anos de 1990 e 2013 na PUC Minas em Belo Horizonte, e no ano de 2017 na UFMG, a fim de propor e indicar caminhos novos de ação pastoral e de diálogo no âmbito da universidade altamente plural e singular. É uma pesquisa exploratória descritiva quali/quanti, que se fundamenta em aportes teóricos de pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam a analisar esse fenômeno social complexo sob múltiplos olhares e análises por meio da aplicação de um questionário on-line e acompanhamento dos grupos focais. Busca conhecer e compreender esse fenômeno social, as múltiplas realidades socioculturais, políticas, econômicas e religiosas das juventudes que convivem na comunidade acadêmica: o que pensam, o que creem, o que descreem, as relações com o sagrado, as visões de mundo, a consciência de participação política e o exercício da cidadania, os anseios, os sonhos e as esperanças, as dores e alegrias, os desafios enfrentados e vivenciados que vêm marcados nas mentes e nos corpos das juventudes universitárias. O intuito é aproximar-se desse multiverso para identificar os principais cenários e urgências; abrir espaços e tempos de diálogo e escuta atenta com os/as universitários/as, a fim de construir coletivamente perspectivas/indicações para as ações pastorais que correspondam aos desejos e às necessidades da geração universitária contemporânea.

Palavras-chave**:** Geração universitária. Juventudes. Religião. Política. Pastoral Universitária. Ciências da Religião Aplicada.

ABSTRACT

This research deals with the identification and analysis of the profile of the university generation at PUC Minas in Poços de Caldas in the year 2021, and seeks to compare it with the profiles of the university generations from other surveys carried out in 1990 and 2013 at PUC Minas in Belo Horizonte, and in 2017 at UFMG, in order to propose/indicate new paths of action and dialogue within the highly plural and singular university. It is a qualitative/quanti descriptive exploratory research, which is based on theoretical contributions from researchers who are dedicated to analyzing this complex social phenomenon from multiple perspectives and analyzes through the application of an online questionnaire and monitoring of focus groups. It seeks to know/understand this social phenomenon, the multiple sociocultural, political, economic and religious realities of young people living in the academic community: what they think, what they believe, what they disbelieve, relationships with the sacred, worldviews, awareness of political participation and the exercise of citizenship, the yearnings, dreams and hopes, the pains and joys, the challenges faced and experienced that are marked in the minds and bodies of university youth. The aim is to approach this multiverse to identify the main scenarios and urgencies; open spaces and times for dialogue and attentive listening with university students, in order to collectively build perspectives/indications for pastoral actions that correspond to the desires and needs of the contemporary university generation.

Keywords: University generation. Youths. Religion. Politics. University Pastoral. Applied Religion studies.

SUMÁRIO

Lista de Tabelas 9

Lista de Figuras 10

Introdução 12

Capítulo 1 - A geração universitária contemporânea e a ação pastoral e evangelizadora: concepções, conceitos, cenários e desafios 18

1.1 Concepções e conceitos de geração, “juventudes”, pastoral juvenil e geração universitária 19

1.2 A evangelização juvenil e a evangelização no âmbito universitário: Pastoral Juvenil e Pastoral Universitária – análise histórica 33

1.3 Os cenários e os desafios da geração universitária e da evangelização das juventudes 64

Capítulo 2 - A geração universitária de Poços de Caldas da PUC Minas e as gerações universitárias da PUC Minas e UFMG: dados, análise e comparação 71

2.1. O perfil da geração universitária da PUC Minas Campus Poços de Caldas: coleta e análise de dados 72

2.2. Análise comparativa do perfil da realidade universitária da PUC Poços de Caldas com as pesquisas da PUC Minas (1990 e 2013) e UFMG (2017) 106

2.3. Análise das similitudes e diferenças dos perfis em gerações universitárias mineiras 130

Capítulo 3 - Perspectivas pastorais para as atuais gerações a partir dos dados pesquisados 134

3.1. Questões religiosas e políticas e os desafios pastorais emergentes da pesquisa com a geração universitária da PUC Poços de Caldas e das outras pesquisas 136

3.2. Possibilidades e limites de resposta da ação pastoral aos desafios identificados 141

3.3. Prospectivas de ação para a evangelização no âmbito universitário e na pastoral juvenil diocesana 142

Considerações finais 166

Referências 173

Lista de Tabelas

Tabela 1: Dados do Censo da Educação Superior - Inep 72
Tabela 2: Horas semanais gastas nas atividades 94
Tabela 3: Importância dos valores 96
Tabela 4: Posicionamentos sociopolíticos %.....104
Tabela 5: Distribuição dos/as estudantes por sexo 111
Tabela 6: Contribuição dos/as estudantes para a renda familiar.....116
Tabela 7: Faixa da renda familiar 116
Tabela 8: Critérios para escolha do curso de graduação 119
Tabela 9: Declaração de religiosidade 121
Tabela 10: Filiação Religiosa no ciclo da vida - PUC Minas 2013/ 2021 e 2017 UFMG em %.....122
Tabela 11: Frequência às celebrações religiosas em % 124
Tabela 12: Pastoral Universitária em % 125
Tabela 13: Preferência político-partidária.....126
Tabela 14: Quadro comparativo dos valores %.....128

Lista de Figuras

Figura 1: A geração universitária em relação ao trabalho 75
Figura 2: Tempo de trabalho 76
Figura 3: Faixa da renda familiar 77
Figura 4: Formação escolar nos Anos Iniciais 78
Figura 5: Formação escolar nos Anos Finais 78
Figura 6: Formação escolar no Ensino Médio 79
Figura 7: Financiamento ou bolsa para cursar a graduação 80
Figura 8: Avaliação da aprendizagem remota 81
Figura 9: Continuidade da formação acadêmica 82
Figura 10: Pastoral Universitária como ação desnecessária 84
Figura 11: Diagrama de Venn sobre os eixos de atuação da Pastoral Universitária 85
Figura 12: Pertencimento religioso atual da geração universitária 87
Figura 13: Religião nos ciclos da vida 88
Figura 14: Mundo sem religião? 89
Figura 15: Tipologia da catolicidade 90
Figura 16: Frequência de participação nas celebrações religiosas 92
Figura 17: Grau de espiritualidade 93
Figura 18: Principais metas de vida 97
Figura 19: Interesse em movimentos ou grupos religiosos na universidade 99
Figura 20: Interesse em movimentos ou grupos sociopolíticos/acadêmicos na universidade 100
Figura 21: Interesse em movimentos ou grupos culturais na universidade 101
Figura 22: Interesse em movimentos ou grupos fora da universidade 102
Figura 23: Preferência político-partidária 103
Figura 24: Critérios para escolha dos/as candidatos/as eleitorais 104
Figura 25: Faixa etária dos/as estudantes % 113

Figura 26: Financiamento ou bolsa na graduação 114

INTRODUÇÃO

A pesquisa “A geração universitária da PUC Minas Poços de Caldas: dados, análises e perspectivas” pretende identificar o perfil dessa geração universitária contemporânea, a visão de mundo, a conscientização e a participação das juventudes nos campos religioso e político, as crenças e descrenças, o modo de ser e agir no mundo e no âmbito universitário. O caminho será de coleta de dados e análises comparativas para conhecer melhor esse fenômeno sociocultural da geração juvenil e das “juventudes”, compreender as realidades socioculturais, políticas, econômicas e religiosas das vidas concretas das juventudes presentes no âmbito universitário tão singular e plural. Tudo isso com a meta de propor e indicar caminhos novos de ação pastoral e de diálogo no âmbito da universidade.

A pesquisa quer conhecer e compreender a geração universitária da PUC Minas em Poços de Caldas; analisar comparativamente com outras pesquisas da PUC Minas (1990 e 2013) e da UFMG (2017); e identificar os principais desafios, cenários, perspectivas, a fim escutar as juventudes e construir um caminho de ação pastoral dialogal, inclusivo e participativo, de modo especial para a pastoral universitária.

Trata-se de uma pesquisa descritiva quali/quantitativa, exploratória, fundamentada em aportes teóricos, e análise dos dados coletados, a partir da aplicação de um questionário on-line, aos estudantes matriculados/as nos cursos de graduação da PUC Minas *Campus* Poços de Caldas e da metodologia dos grupos focais on-line. O questionário aplicado (Google Formulário) fora enviado pelo setor de comunicação da universidade para o e-mail acadêmico dos/as estudantes matriculados/as (4038) nos 16 cursos de graduação. Foram 615 respondentes. A amostra estratificada, sorteada aleatoriamente, foi de 383 estudantes respondentes, que proporcionou um nível de confiabilidade de 95% e uma margem de erro menor que 5%. Os cálculos estatísticos da amostra estratificada foram realizados pelos engenheiros Rafael Delmunde e Thaisa Papi Dei Agnoli.

A pesquisa utilizou também a técnica de investigação por meio da metodologia do Grupo Focal, em que foram realizados cinco encontros, com um

grupo de quatro estudantes, de forma on-line, por meio da Plataforma Teams. A duração de cada encontro foi de uma hora e os estudantes foram identificados com “P1, P2, P3 e P4”. Era um grupo plural que participava de encontros de convivialidade antes da pandemia. Os/as estudantes foram convidados/as para o Grupo Focal, e os que concordaram em participar da pesquisa, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Assim, diante do retrato da realidade contemporânea do perfil da geração universitária identificada na PUC Minas em Poços de Caldas, e das análises comparativas com as outras pesquisas realizadas, o objetivo foi apontar prospectivas de ação pastoral e diálogo no âmbito universitário.

Importa destacar que a pesquisa fora realizada no Curso de Mestrado em Ciências da Religião, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, pois a abordagem desse fenômeno sociocultural transcorreu com ênfase na transdisciplinaridade, na interdisciplinaridade e multidisciplinaridade. O intuito fora “rodear o fenômeno”, compreendê-lo de forma heurística, como exigem os fenômenos sociais.

A pesquisa está associada à linha de pesquisa “Religião, Política e Educação”, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista, e em interface com seus projetos “Religião, Teologia e suas interfaces com a Educação e a Juventude” e “O que pensam e que tipo de perfil tem a juventude universitária: estudo comparativo de pesquisas sobre geração universitária e religião”, que inclusive registra em seu artigo que “para todos aqueles que estão envolvidos com o ensino superior é de grande interesse conhecer o perfil atual do estudante universitário” (BAPTISTA, 2013).

As perguntas sobre o perfil da geração universitária são cruciais para quem se vê nesse âmbito universitário, e precisa interagir, dialogar, conviver e agir nesse multiverso. Quem são os jovens presentes nesse mundo singular e altamente plural da universidade? Qual o perfil da geração universitária? Foram essas inquietações que antecederam a missão como pastoralista na PUC Minas no *Campus* Poços de Caldas. Dessa missão surgiu a oportunidade de tornar-se uma pesquisadora para compreender a geração universitária presente na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas, para conhecer melhor esse fenômeno complexo das juventudes, e das suas

vidas concretas impactadas pelas realidades socioculturais, políticas, econômicas e religiosas contemporâneas.

Já havia um caminho de pesquisa consolidado nos estudos do pesquisador Paulo Agostinho Nogueira Baptista, no intuito de apresentar os traços do perfil da geração universitária na PUC Minas. A primeira pesquisa em 1990, surgiu em razão da sua ação pastoral na universidade, diante da necessidade de conhecer essa geração presente no ano de 1990. Assim, outras duas pesquisas se sucederam: em 2013, na PUC Minas em Belo Horizonte, e em 2017, na UFMG.

Torna-se crucial aos que se dedicam à tarefa e às ações na universidade realizar a pesquisa amiúde para a compreensão da geração universitária, em razão da rapidação do tempo e das mudanças aceleradas nos comportamentos, nas linguagens e nas vivências das gerações universitárias contemporâneas.

Como agir e dialogar com a geração universitária sem antes conhecê-la/compreendê-la ou mergulhar nesse multiverso para escutar o que dizem, o que pensam, o que creem, o que descreem, seus desafios, seus medos, suas esperanças, seus sonhos? Que geração universitária está diante de nossos olhos? Tem religião e religiosidade? Como se relacionam com o sagrado? É uma geração religiosa? Tem consciência e participação política? Que forma de agir político acreditam? É uma geração politizada? Quais os valores que defendem? Quais são as metas de vida? Como ocupam o tempo e em quais atividades?

Assim, foram dados os passos para a pesquisa do perfil da geração universitária, a fim de explorar os conhecimentos científicos dos pesquisadores e pesquisadoras sobre esse fenômeno sociocultural plural e complexo das juventudes.

Os pesquisadores e pesquisadoras, em relação ao estudo do fenômeno sociocultural das juventudes, pontuam uma linguagem metafórica, e utilizam nomenclaturas diferenciadas para conceituar essa realidade social pertencente aos jovens. Hoje, diante da pluralidade dos mundos dos jovens e das múltiplas realidades vivenciadas, muitos estudiosos dessa temática consideram o termo no plural “juventudes”. O pesquisador João Batista Libanio acentua que “a etimologia das diferentes palavras, que povoam o mundo jovem, acena-nos para a complexidade” (LIBANIO, 2011, p. 5).

A pesquisadora Regina Novaes usa a imagem do “espelho retrovisor” (NOVAES, 2006), e Giovane Scherer, utiliza a imagem do para-raios (SCHERER, 2019), em razão de serem as juventudes as primeiras impactadas pelas transformações nos cenários sociopolíticos, culturais, econômicos e religiosos.

No decorrer da pesquisa apareceram outros termos, juventudes como “fenômeno social complexo” (LIBANIO, 2011), “paradoxo de vulnerabilidade e potencialidade” (LIBANIO, 2011), “pessoas jovens”, “vidas concretas”, “sujeitos sociais”, “protagonistas”, “concepção dialética”, e por fim “geração”, pois as juventudes comportam uma pluralidade de significados e realidades.

A retomada da conceituação de “geração” foi importante para compreender as juventudes e a geração universitária. As pesquisas consideram que as gerações são identificadas por conexões e vínculos com realidades vivenciadas no percurso do processo histórico, num determinado tempo e pelas mudanças sociais e descontinuidades históricas que impactam esse fenômeno sociocultural complexo das juventudes.

No primeiro capítulo aparecem as concepções, as conceituações, os cenários e os desafios vivenciados pelas juventudes. Há a retomada da conceituação e dos múltiplos significados do termo “geração” no decorrer da história, para assim compreender a trajetória das juventudes, a geração universitária contemporânea e o processo pastoral e evangelizador no espaço e no tempo. Percorre-se uma linha histórica das ações pastorais e evangelizadoras com as juventudes e as juventudes universitárias, bem como o caminho da Pastoral Juvenil e da Pastoral Universitária. Apresenta ainda os desafios e cenários contemporâneos, a fim de escutar, dialogar e pensar ações conjuntas, a partir do perfil da geração universitária identificado.

No segundo capítulo vêm a descrição e a análise da realidade do perfil da geração universitária da PUC Minas *Campus* Poços de Caldas, a partir dos dados coletados, mediante a aplicação do questionário on-line, aos estudantes matriculados nos 16 cursos de graduação, num total de 4.038 estudantes universitários. Mostra ainda a análise comparativa dos perfis das gerações universitárias decorrentes de pesquisas anteriores aplicadas pelo professor Paulo Agostinho Nogueira Baptista, nos anos de 1990 e 2013 na PUC Minas (Belo

Horizonte) e 2017 na UFMG (Belo Horizonte), em confrontações com a pesquisa de 2021 aplicada na PUC Minas (Poços de Caldas).

Toda análise nos possibilita múltiplos olhares e interpretações das realidades plurais, dos fenômenos complexos e/ou dos objetos multifacetados investigados das pesquisas. O pesquisador e teólogo João Batista Libanio, ao formular as tendências presentes no mundo jovem, que refletem o momento sociocultural atual, e, impactam as juventudes, em especial, as gerações universitárias, lembra-nos de que há necessidade de escutar as juventudes para compreendê-las melhor:

> Toda análise supõe um olhar. Varia conforme essa mirada. Se os jovens descrevessem as próprias tendências, diriam coisas bem diferentes daquelas que o olhar adulto percebe. Por isso, é muito proveitoso discutir com eles essas mesmas tendências e ouvir o que eles dizem a respeito delas. A circularidade dos olhares enriquece. Interessa captar os pontos da análise feita com os quais eles se identificam, dos quais divergem ou os quais analisam valorativamente de modo diferente (LIBANIO, 2011, p. 6).

Essa análise permitiu apontar as similitudes e as diferenciações dos perfis das gerações universitárias no decorrer do tempo histórico e das realidades vivenciadas pelas juventudes mineiras presentes na universidade. A pesquisa analisou tempos e espaços universitários diferenciados: a PUC Minas em Belo Horizonte, nos anos de 1990 e 2013, a UFMG, no ano de 2017 e a PUC Minas em Poços de Caldas, em 2021.

No terceiro capítulo, há a sinalização das perspectivas pastorais para a geração universitária contemporânea, a partir das análises dos dados e conversas com grupo de universitários, e das análises comparativas com outras realidades socioculturais, políticas, econômicas e religiosas das juventudes universitárias. Como toda análise pressupõe um olhar, e todo fenômeno para ser explicado e compreendido necessita ser rodeado pela circularidade dos olhares, inclusive dos sujeitos sociais envolvidos no processo de pesquisa, também a construção de um caminho pastoral conjunto, só pode avançar se abrir-se à escuta ativa da geração universitária: com qual Pastoral Universitária poderiam se envolver? O que pensam da Pastoral Universitária?

Por fim, diante dos cenários e desafios percebidos, das possibilidades e limites de respostas encontrados no desenrolar da pesquisa do perfil da geração universitária, dos estudos de pesquisadores e pesquisadoras, das análises das realidades e dos impactos nas vidas concretas da geração universitária, restou uma propositura de caminho. Qual o caminho para a ação pastoral na universidade? Caminhar no meio da geração universitária e promover uma escuta atenta e construir uma Pastoral Universitária sinodal. Será que, de fato, assim pensa a geração universitária contemporânea?

Com tantos dados, esta dissertação é apenas um primeiro olhar analítico, e os dados poderão ser utilizados em ulteriores investigações, como também poderá avançar ainda mais a proposição de um horizonte pastoral que seja mais participativo e engajado.

Capítulo 1 - A geração universitária contemporânea e a ação pastoral e evangelizadora: concepções, conceitos, cenários e desafios

O cerne da pesquisa é a geração universitária contemporânea da PUC Minas em Poços de Caldas: o perfil, a visão de mundo, as linguagens, o modo de ser e agir, as crenças e descrenças. Trata-se de conhecer melhor este fenômeno social da geração juvenil e “das juventudes”. Compreender as realidades socioculturais, políticas, religiosas e econômicas da geração juvenil no mundo e no âmbito universitário. O intuito é mergulhar neste mundo universitário plural e singular para ouvir o que pensam, o que acreditam, os sonhos, as possibilidades, os desafios, as maiores dificuldades vivenciadas, as experiências compartilhadas, as vivências históricas, as relações interpessoais, as relações no mundo acadêmico e na sociedade.

Esta pesquisa busca conhecer e compreender a geração universitária; analisar comparativamente com outras pesquisas da PUC Minas (1990 e 2013) e da UFMG (2017); e identificar os principais desafios, cenários, perspectivas e urgências da ação pastoral e evangelizadora. Primeiramente, parte-se da apresentação das concepções e dos conceitos de geração e de “juventudes”. Pesquisa-se sobre o caminho histórico do processo de atuação e compreensão desse fenômeno social multiverso, “as juventudes”, o processo da ação pastoral junto às juventudes no tempo e no espaço, bem como as propostas de diretrizes e rumos pastorais. Em seguida, abordam-se o processo de evangelização junto à pastoral juvenil e a evangelização no âmbito universitário. Percorre-se um caminho de análise histórica da Pastoral Juvenil, denominada anteriormente de Pastoral da Juventude, e, o caminho da Pastoral Universitária.

Após o percurso histórico e compreensão deste fenômeno juvenil, as análises dos processos históricos da ação pastoral pensada, planejada e realizada, busca-se entender os cenários em que as juventudes estão inseridas e os desafios vivenciados. Conhecer melhor a realidade da geração universitária, o convívio da/na comunidade acadêmica, as aspirações e as dificuldades. Quem é esta geração universitária hoje? Como são os pensamentos nos campos sociopolítico e religioso,

na profissão e na vida? Qual a relação com a religiosidade? Como acontece o processo de evangelização no âmbito universitário?

1.1 Concepções e conceitos de geração, "juventudes", pastoral juvenil e geração universitária

Os sinais dos tempos, bem como as realidades à nossa volta, precisam ser perscrutados a todo tempo, em toda mudança e em todo processo de transformação, pois esses sinais e realidades dinamizam a vida, a cultura, a educação, a economia, a política, a organização social, o convívio, o trabalho, as relações na cidade e no planeta.

A tarefa inadiável é atentar para as realidades contemporâneas e os traços da modernidade presentes, entre eles a concepção de uma sociedade líquida, fragmentada, plural, repleta de diversidade, imediatista, consumista; o processo de desmobilização social e política; a despolitização e a descrença nas instituições sociais, políticas e religiosas.

Cabe ainda perceber que as concepções e os conceitos de "juventudes" sofrem inflexões e impactos no decorrer das transformações, e após os novos giros do mundo. As mudanças precisam ser constatadas na sociedade, principalmente nas juventudes e na geração universitária, que são mundos fronteiriços. A análise das juventudes é um processo de grande complexidade, conforme sinaliza o recente documento papal resultante do Sínodo da Juventude. Não são apenas conceituações das juventudes, mas vidas concretas de pessoas jovens em suas realidades:

> A juventude não é algo que se possa analisar de forma abstrata. Na realidade, 'a juventude' não existe; o que há são jovens com suas vidas concretas. No mundo atual, cheio de progresso, muitas destas vidas estão sujeitas ao sofrimento e à manipulação. (CV, 2019, n.71).[1]

[1] As siglas dos documentos eclesiais citados no decorrer do texto se apresentarão conforme comumente usadas, a saber, pelas letras iniciais do documento, o ano de publicação e o número

O mundo contemporâneo vive uma “mudança de época”, e, é atravessado por aceleradas e constantes transformações nos cenários socioculturais, políticos, religiosos e econômicos. De fato, já se vive essa nova época. Os dias atuais revelam-se com um grande desafio: definir esse fenômeno social que tem mudado ao longo do tempo e, apresenta características diferentes nas diversas culturas e espaços sociais (NOVAES, 2006).

Vale ressaltar aqui o contexto do tempo pandêmico vivenciado, a multiplicidade e confluência de crises que o mundo enfrenta. Vive-se o grande impacto da pandemia, da crise sanitária global em junção com outras crises do mundo moderno, que faz evidenciar até mesmo um novo ciclo na história, nas relações, na vida humana global e no planeta.

As vidas concretas das juventudes precisam ser consideradas no tempo e no espaço em que estão inseridas. As realidades socioculturais, as conceituações, as características, a compreensão das faixas etárias das juventudes são impactadas pela dinamicidade da história e por vivências marcantes em seus corpos e em suas vidas. No cenário atual, quem são considerados/as jovens?

O Estatuto da Juventude define que “são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (BRASIL, 2013). Chegam a quase 50 milhões de pessoas jovens. Muitas pesquisas apontam as juventudes como as primeiras pessoas impactadas por este novo tempo; as juventudes como para-raios das transformações sociais, políticas, culturais, religiosas e econômicas. Por isso, a pesquisa objetiva essa geração, e de modo especial, a geração universitária, e torna-se crucial para compreensão da realidade ao derredor, e ainda pode contribuir para pensar novos modos de ação, interação; novos passos de diálogo, de compreensão, de novas relações e um novo projeto político comum mais justo, mais humano e mais solidário em todas as dimensões da vida humana e planetária.

---

prescrito no documento. Exemplo: CV, 2019, n. 71. CV, referente à Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco “Christus Vivit”, ano 2019, e o trecho retirado do número 71. A lista de siglas acompanhará o texto.

Acentua o pesquisador Giovane Scherer, em entrevista concedida à Revista IHU On-line (2019), que as novas gerações indicam as transformações a que todos os segmentos sociais se submetem. As juventudes não apenas como reflexos ou indicadores das transformações, mas como sujeitos atuantes na história:

> Olhar para os conflitos das novas gerações é uma forma de apreender os desafios a que todos somos submetidos num mundo em constantes transformações. As juventudes demonstram o que toda a sociedade está vivenciando em um determinado momento histórico. Evidentemente, as juventudes não são um simples reflexo, que, de forma passiva, demonstram as transformações sociais, mas são compostas por sujeitos que participam e constroem história, juntamente com os demais segmentos sociais (REVISTA IHU, 2019, p.10).

A escuta e o olhar atentos para as juventudes, a geração universitária, o que pensam, o que creem/descreem, os sonhos e esperanças, as perspectivas e os questionamentos tornam-se vitais e nos interessam muito. Os jovens de hoje, não são apenas reflexos da realidade, mas são também sujeitos que participam da construção/desconstrução da história da vida na terra. Portanto, nesse mundo secularizado, vale dizer, num mundo em que o modo de vida é plural, não mais estruturado apenas na religião; e, ao lado de muitos valores, com tantos conflitos e precariedades, tantas formas de violência, entre elas a desigualdade social, e pode-se perguntar: como construir conjuntamente para um mundo mais justo para todas as pessoas? Como ouvir todos os atores sociais? Como construir o bem comum? Como buscar o equilíbrio entre o projeto individual e coletivo? Como construir uma economia solidária e inclusiva? Como propor um pacto educativo global com a participação de todos os atores sociais? Como convergir e potencializar as ações para o cuidado com a Casa Comum? São muitos questionamentos que nos inquietam e nos provocam a responder.

Há muitos desafios para compreender as juventudes de nosso tempo, para ouvir e acolher as participações das pessoas jovens nos espaços de decisão. A pesquisadora Miriam Abramovay destaca a necessidade de escutar e mobilizar as juventudes à participação desde a perspectiva deles, “do contrário, é reiterar e aumentar as distâncias.” Afirma que o “adultocentrismo”, uma lógica social que se repete com as juventudes, “silencia, apaga e flagela o jovem”, dessa forma,

> Há sempre muitas mudanças em cada geração, e há muita dificuldade por parte dos adultos justamente porque eles são muito *adultocêntricos,* ou seja, toda cultura, tudo que se pensa, tudo que ser quer é muito ligado ao que são os adultos. Os jovens têm uma visão crítica, mas não estão organizados e não sabem reivindicar e, ainda, são muito reprimidos quando falam aquilo que querem (ABRAMOVAY, 2020, p. 24-25).

Diante de tantos cenários e crises atuais é importante perscrutar sobre os olhares e as falas das juventudes e dos/as jovens universitários/as. Para onde apontam? O que pensam sobre a política e religião? A pluralidade religiosa? Como dialogam num contexto tão plural e singular como a universidade? E a relação com o sagrado? Como atuam nos espaços em que estão inseridos? Qual a compreensão de mundo?

Não resta dúvida, que o contexto plural e singular da universidade permite ouvir/acolher as indagações e inquietações deste tempo sobre educação, secularização, religião, política, diálogo e sentido da vida. E, a partir das perspectivas apresentadas por eles mesmos, dialogar e construir novo caminho de relações na universidade e na sociedade.

A pesquisadora Regina Novaes escreve que “a juventude é como um espelho retrovisor que reflete e revela a sociedade de desigualdades e diferenças sociais,” e, esta geração, vê-se impactada pelo processo de secularização (NOVAES, 2006, p. 120). As juventudes são marcadas pelos processos históricos, pela modernidade, por uma extrema diversidade e pelas desigualdades sociais.

Os pesquisadores NOVAES (2006); ABRAMOVAY (2020); SCHERER (2013); SOFIATI (2011); GROPPO (2017 e 2020) que trabalham sobre as novas gerações e as análises deste fenômeno social apontam essa realidade multifacetada e impactada diretamente pelas mudanças nos mais diversos campos e cenários. Destaca-se aqui também o registro de análise do documento 85 da CNBB sobre evangelização da juventude que diz da complexidade do fenômeno juvenil e das realidades enfrentadas:

> A juventude é a fase do ciclo de vida em que se concentram os maiores problemas e desafios, mas é, também, a fase de maior energia, criatividade, generosidade e potencial para o engajamento [...] A juventude é um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira. Ela é especialmente atingida pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no

> mundo do trabalho e, ainda, é o segmento etário mais destituído de apoio de redes de proteção (CNBB, 2007, n. 26 e 31).

Portanto, revela-se essencial a escuta e a compreensão da geração universitária no seu tempo e espaço, especialmente neste novo ciclo de pós-pandemia. Acima de tudo, perceber de qual geração universitária se fala, pois não se pode homogeneizar “as juventudes”, este segmento social complexo e diferenciado. Há muita pluralidade e diversidade entre as juventudes, em relação ao gênero, etnia, classe social, entre outros. Há jovens com idades iguais que vivem juventudes desiguais, como afirma Regina Novaes (2006).

Importante destacar que, na sociedade que vivemos, as oportunidades oferecidas aos jovens são distintas, e, consequentemente, os impactos sofridos diante das realidades também serão diferenciados. Vê-se hoje um mosaico das juventudes brasileiras. O que existe de fato é uma realidade plural e multifacetada, (DAYRELL, 2003); NOVAES; VANNUCHI, 2004; ABRAMO; BRANCO, 2005; CASTRO; ABROMOVAY, 2009). A questão abrange infinitas “faces” e com grupos múltiplos das juventudes e não uma só juventude: “Por se ter uma dificuldade de se conceituar o que é juventude que a literatura sociológica brasileira vem empregando a expressão *juventudes*” (VELOSO; BARBOSA, 2012, p.17).

Ainda o texto do documento 85 da CNBB aponta os desafios e perspectivas para as juventudes e reconhece que:

> A juventude brasileira é marcada por uma extrema diversidade e manifesta as diferenças e desigualdades sociais que caracterizam nossa sociedade. Dentre as várias diferenciações que recortam a juventude, estão as de classe social, cor e etnia, sexo, local de moradia, as diferentes situações de responsabilidade face à família, além das variações relativas ao gosto musical ou estilo cultural e as pertenças associativas, religiosas e políticas (CNBB, 2007, n. 30).

Assim, torna-se importante a compreensão das transformações no contexto atual e pandêmico, o processo histórico do mundo secularizado, que prescinde exclusivamente da religião e o novo ciclo pós-pandemia. No mundo moderno gravitam múltiplas cosmovisões e diferenciadas formas de relação com o mundo. Diante disso, cabe principalmente aos educadores, indagar: como os jovens lidam

com a secularização e a religião num mundo plural? A religiosidade e a relação com o sagrado? A militância política e a politização? Como enfrentam este tempo pandêmico e de múltiplas crises? Os/as jovens têm condições de vida melhor e mobilidade social? Há políticas públicas para o enfrentamento das desigualdades e das violências? E a inserção no mercado de trabalho? De fato, quem são os/as jovens?

Dentre as muitas caracterizações do mundo juvenil e dos elementos da cultura moderna em que os/as jovens estão inseridos/as, destacam-se a forte subjetividade, as novas formas de vivência do sagrado, a centralidade das emoções e o forte acento presentista e narcisista. A dinâmica da subjetividade humana merece conhecimento permanente para aprender a lidar com as decorrências, como "a permissividade, o egoísmo, a identificação simples da felicidade com o prazer, a incompetência para lidar com a pluralidade e solicitações e ofertas, entre outras" (CNBB, 2007, n.16). Observa-se nesse texto da CNBB que pesa certa visão, e poderíamos até dizer, preconceito de perspectiva moralista. Será que a visão pastoral ainda não consegue ter mais abertura para compreender as juventudes?

Ao mesmo tempo convivem com aspirações e ideais importantes para as juventudes deste tempo, valores essenciais e próprios do dinamismo do mundo juvenil, entre eles, a democracia, o diálogo, o desejo de felicidade, a transparência, a liberdade, a justiça, os direitos individuais, a igualdade e o respeito à diversidade. Os jovens também são identificados pela ousadia, coragem, generosidade, espírito de luta e de aventura, gosto pelo risco, espírito de mudança e alegria de viver à flor da pele.

Deve-se salientar que diante do multiverso juvenil, das diversidades de experiências e realidades das juventudes brasileiras, a visão homogeneizadora, estigmatizada e estereotipada não dá conta desse fenômeno complexo e plural. Ora se tem a ideia de "juventude problema", "juventude alienada" ou "juventude, esperança do futuro". E ora, são considerados como agentes de transformação, parceiros, corresponsáveis e protagonistas na construção de um mundo mais justo. As juventudes, de fato, querem participar ativamente da vida social, entretanto não encontram espaços adequados de participação e nem são valorizadas em suas opiniões e sugestões.

As análises, as conceituações, as caracterizações devem se pautar na perspectiva da diversidade das juventudes; compreender os paradoxos das realidades juvenis, e, as vivências específicas e divergentes nos campos social, político, cultural e religioso dos jovens e das jovens (NOVAES, 2018; DAYRELL, 2003).

As juventudes contemporâneas enfrentam paradoxalmente no campo religioso as ondas de “desencantamento/reencantamento” com o sagrado. Em um mundo secularizado vivenciam as múltiplas crises, entre elas as crises de sentidos, éticas, políticas e sanitárias. Percebem-se, hoje, diante dos vazios existenciais e das angústias do tempo as novas expressões de vivência da dimensão religiosa: uma religiosidade mais individual, sentimentalista e intimista. Cresce ainda o número de jovens sem religião, que acreditam em Deus ou possuem outras formas de crenças, embora não estejam vinculados a uma instituição religiosa em particular (SOFIATI, 2011); (CARRANZA; SOFIATI, 2018); (NOVAES, 2018).

Muitos pesquisadores e pesquisadoras apontam que a relação da humanidade com o sagrado vem de muito longe. O sentimento religioso jamais esteve ausente da vida social e intelectual. Construir o mundo de sentidos é próprio do ser humano. A religião é um sistema simbólico próprio ao sentimento humano no intuito de viver num mundo possível. Há estudos que demonstram o crescimento de jovens sem pertencimento religioso institucional, os chamados “sem religião”, mas que dizem acreditar em Deus, ou expressar uma religiosidade ou espiritualidade, e uma religiosidade mais individual (NOVAES, 2004); (ABRAMO, 2005); (SOFIATI, 2011).

A abertura para o transcendente não significa, necessariamente, uma aceitação das religiões organizadas. Há estudos que demonstraram que jovens estão procurando razões para viver sem envolver-se com uma “Igreja.” Trata-se de uma espiritualidade centrada na pessoa e não a partir de uma vivência institucional e, por isso, busca-se algo que satisfaça as suas necessidades (CNBB, 2007, n. 20).

Neste cenário atual, as religiões têm-se revitalizado e há um despertar religioso, uma onda de reencantamento no mundo secularizado e racional, um retorno do “sagrado”. E afirmam isso muitos pesquisadores (BERGER, 2001 e 2017); (PIERUCCI, 1997); (CARRANZA, 2015); (CAMURÇA, 2015); (SOFIATI,

2011); (PAIS, 2003 e 2006); (CARRANZA; MARIZ, 2014); (CARRANZA; SOFIATI, 2018), que a religião não morreu! Mas o que acontece é uma nova forma de se relacionar com o “sagrado”, com maior liberdade de escolhas e sem mediação e pertencimento às instituições religiosas.

A pesquisadora Regina Novaes destaca que houve um aumento do número de jovens “sem religião”, entre 15 e 24 anos, mas isso não representa uma negação da experiência religiosa, ou antes, vê-se uma tentativa de novas formas e possibilidades de lidar com a transcendência. Diz Novaes que a secularização, que apresentou a possibilidade de negação das instituições religiosas, propiciou outros modos de lidar com a religião. A negação da religião não pressupõe a negação da fé. “É nesta geração que se generaliza a possibilidade de declarar ‘sem religião’, sem abrir mão da fé – ‘ser religioso sem religião’” (NOVAES, 2004, p. 328).

O processo de secularização possibilitou a liberdade da fé e das múltiplas escolhas religiosas. A religiosidade e as experiências religiosas sofreram grandes mudanças, em particular nas juventudes, que diferenciam religião e religiosidade; creem mais nas experiências de fé singulares e questionam e contraditam as instituições religiosas. Pesquisas recentes de Brenda Carranza e Flávio Sofiati (2018, p. 331) revelaram um perfil religioso com mais autonomia pessoal e uma “juventude alinhada institucionalmente”, mas sem culpa de discordar e contrapor-se aos valores e princípios, “atentamos para certa oscilação dos jovens entre a autonomia relativa perante a bagagem institucional e um alinhamento criativo com os ensinamentos e doutrinas tradicionais”.

Ao longo do tempo as gerações receberam diferentes denominações e caracterizações; sofreram interferências e inflexões dos momentos históricos e nos mais diversos campos de atuação e vivência das juventudes. A geração juvenil brasileira, denominada “Geração Z”, compreende os 48 milhões de jovens entre as faixas etárias de 10 a 24 anos, considerados os “nativos digitais”, nascidos/as em uma sociedade tecnológica e globalizada.

Essa geração convive bem em meio à pluralidade e à diversidade. Foge dos rótulos e dogmas, mas ainda assim são jovens religiosos/as. Essa geração gosta de praticar alguma fé, mas querem quebrar todo conservadorismo e engessamento. Há um crescimento do fenômeno religioso do neopentecostalismo entre as juventudes

contemporâneas que reforçam a tendência da subjetividade e do emocionalismo nas formas de relacionar com o sagrado. Afirmam Brenda Carranza e Flávio Sofiati que hoje, “a cultura juvenil pentecostalizada tende a ser hegemônica” (CARRANZA; SOFIATI, 2018, p. 349).

O mundo moderno vive marcado por crises paradigmáticas: crises econômicas, crises políticas e democráticas, crises de mobilização social, crises ambientais e migratórias. As juventudes são marcadas pelas crises poliédricas desse tempo. Os jovens hoje têm medo da morte e do futuro, e os maiores desafios a enfrentar são a violência e o desemprego (NOVAES, 2006). Quanto ao medo do futuro, a pesquisadora Regina Novaes chama de “medo de sobrar”, ou seja, medo de não ter lugar na sociedade. As políticas públicas e os projetos sociais não respondem satisfatoriamente ao conjunto de necessidades das juventudes atuais. Não há o processo de acompanhamento, avaliação e continuidade das políticas públicas implementadas para as juventudes nem o fortalecimento das redes de proteção para a defesa e garantia de vida digna e feliz aos jovens contemporâneos (NOVAES, 2006, p.03).

Diante da complexidade da realidade sociocultural e política, os/as jovens são muito descrentes da política, em especial da política partidária, e do governo.[2] E a situação do país oferece poucas possibilidades de abertura para atuação e participação nas instâncias decisórias e das políticas públicas desses jovens. Mas, se por um lado são descrentes, por outro, e na contramão da realidade, apesar da desconfiança dos poderes constituídos e das poucas oportunidades, os jovens demonstram criatividade e apresentam novas possibilidades e saídas. Isto revela as ambiguidades deste fenômeno social complexo e plural (LIBANIO, 2011).

As novas gerações também se compreendem como agentes de transformação de realidades sociais e políticas, acentua o jornalista João Vitor Santos da Revista IHU On-Line, do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em uma entrevista com a jovem Karina Penha, ativista e liderança jovem da ONG Engaja Mundo (SANTOS, 2019). Resta-nos perceber que para as juventudes é importante

[2] Pesquisa da Isto É, n.1229, 21 abr. 1993, p.34-36 e AGENDA JUVENTUDE BRASIL 2013.

participar e ter espaço; ter “voz e vez” nos ambientes em que vivem e atuam (CAMPOS, 2020). A ativista Karina Penha confirma que as novas gerações têm consciência e se veem como parte e solução dos problemas globais, e sintetiza:

> Os jovens são fortes, ligados a tudo o que acontece no mundo e têm uma energia incrível. Quando eles decidem que querem algo, eles vão até o fim. Levar a voz da juventude e toda a sua diversidade para os espaços de diálogo e tomada de decisão é permitir que os protagonistas do hoje falem sobre as suas próprias vivências e histórias e garantir que eles sejam ouvidos (SANTOS, 2019, p.30).

De fato, quem são os jovens do século XXI, a chamada “Geração Z”, reflexo de uma sociedade tecnológica? As respostas são muitas e diferenciadas, e repercutem a multiplicidade cultural, as ambiguidades e os paradoxos. O que se compreende pelo conceito de geração? Como classificar e identificar as gerações? As gerações estariam baseadas na década de nascimento em comum ou nas experiências e eventos compartilhados por um determinado grupo e em um determinado tempo? Há associação entre geração e sucessão do tempo biológico? As novas gerações são frutos de descontinuidades históricas e mudanças sociais? Torna-se essencial a compreensão da conceituação de geração no decorrer do tempo histórico e os principais autores que pensaram essa temática.

Os conceitos sofrem inflexões do tempo histórico, de acordo com os estudos e pesquisas, e, são articulados de maneiras diversas por diferentes disciplinas. O termo geração comporta, indubitavelmente, uma pluralidade de significados. A conceituação atualmente tem seu papel reflexivo e analítico diante do que muitos/as pesquisadores/as classificam como “geração global” e as “constelações geracionais”, acentuadas por contrastes e pluralidades (BECK, U. & BECK-GERNSHEIM, E., 2008). Dizem que a geração atual é marcada por fatores cosmopolitas e pela multiplicidade.

Há certo consenso em considerar que o tempo de uma geração fica entre 20 e 25 anos. Mas essa visão tem passado por revisão. Com os avanços tecnológicos e seus impactos na cultura, nos costumes, pode-se identificar que esse tempo está diminuindo, chegando a 10 anos. As últimas gerações identificadas são: Baby Boomers – nascidos entre 1944 e 1964; Geração X – nascidos entre 1965 e 1979;

Millennials (Geração Y) – nascidos entre 1980 e 1994; e a Geração Z – nascidos entre 1995 e 2015, e a mais recente geração, a Alfa, os nascidos a partir de 2011.

Muitos pesquisadores hoje retomam as raízes históricas do conceito de geração e veem a relevância para os debates e estudos contemporâneos sobre juventudes. De fato, há a demarcação de uma geração no tempo e no espaço, na vivência de experiências, desafios e no surgimento de mudanças sociais. Feixa e Leccardi (2010) reconstruíram historicamente a conceituação de geração. Mostraram que a noção de geração percorreu três momentos da história: em 1920, veio a ideia de “revezamento geracional”, com a sucessão e coexistência de gerações; em 1960, surgiu o conflito de gerações; e a partir de 1990, a “sobreposição geracional”, a coexistência parcial das gerações, como afirmou o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (BAUMAN, 2007).

Houve posteriormente um arrefecimento no conceito de geração nas teorias sobre juventude desde meados dos anos de 1960. A teoria das gerações, considerada conservadora e antiquada até então, retoma o cenário dos debates e pesquisas a partir de 1985, com a releitura dos pensamentos clássicos do filósofo espanhol Ortega y Gasset. A conceituação perpassa os pensamentos desde Augusto Conte, Karl Mannheim, José Ortega y Gasset e Antonio Gramsci. Nas pesquisas sobre juventudes, a teoria das gerações vem como uma metáfora para caracterizar a construção social do tempo, como escreve o antropólogo Carles Feixa e a socióloga Carmem Leccardi (FEIXA; LECCARDI, 2010).

O pesquisador e sociólogo Karl Mannheim, considerado o fundador da abordagem moderna do termo gerações, fundamentou suas reflexões nos pensamentos clássicos de Augusto Comte e Dilthey, dois autores do século XIX. Comte tinha uma visão matemática e quantitativa do tempo das gerações. Para Dilthey o termo geração consistia no conjunto de pessoas que compartilhavam o mesmo tempo de forma qualitativa. Assim, Mannheim formula a conceituação moderna de geração, como “jovens que experenciam os mesmos problemas concretos, pode-se dizer, fazem parte da mesma geração.” (MANNHEIM, 1928, p. 251)

Portanto, a formulação sociológica de Mannheim sobre o termo geração, considerou a importância analítica para o estudo das mudanças sociais, porque

concebia a ideia de que geração não é somente uma data de nascimento comum de um determinado grupo, mas compartilhamento desse mesmo grupo geracional do processo histórico, das descontinuidades históricas e das mudanças sociais (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Os estudos de doutorado do educador Sandro Faccin Bortolazzo exploram o conceito de gerações e os pensamentos de Mannheim (1982), e, aponta a importância do compartilhamento dos mesmos acontecimentos e a vivência de experiências semelhantes e não apenas o nascimento em um mesmo tempo cronológico:

> Mannheim vai definir *geração* em vários momentos do seu ensaio e traz para a análise outros conceitos como *conexão geracional, unidade geracional* e vínculo geracional. Mesmo com um acento histórico, a simples presença dos sujeitos em um dado momento histórico-social não é determinante para desenvolver perspectivas semelhantes entre indivíduos de idades próximas. Segundo Mannheim (1982), é preciso existir uma *conexão geracional* entre os membros, ou seja, um determinado tipo de participação ou prática coletiva que possa produzir esse *vínculo geracional* a partir da reflexão sobre os mesmos eventos ou acontecimentos em comum (BERTOLAZZO, 2015, p. 129).

O conceito de geração demarca o tempo histórico em relação ao tempo da existência humana. Traz à tona os impactos e os desafios vivenciados; evidencia as experiências concretas; revela as mudanças sociais e as descontinuidades da história. Mais tarde, o sociólogo Philip Abrams (1982) aprofunda o conceito de Mannheim, a noção histórica social de geração, e, a correlaciona à identidade, ao entrelaçamento do tempo individual e do tempo social. O estudo de Feixa e Leccardi acentua o contributo de Abrams para a conceituação de geração e escreve que:

> O ponto de partida de Abrams foi sua convicção de que a individualidade e sociedade são construções históricas. Seria, portanto, necessário, analisar suas interconexões e, simultaneamente, suas mudanças ao longo do tempo (FEIXA; LECCARDI, 2010, p.190).

Das novas gerações surgem novas identidades, novas linguagens e possibilidades de ação e diálogo. A nova geração social surge da coalisão do tempo biográfico e do tempo histórico, a sincronia entre o curso da vida e a experiência histórica (FEIXA; LECCARDI, 2010). O pesquisador Bauman (2011) pontua que o

conceito de geração deve comportar flexibilidade, indica elementos diferenciadores de classes, gêneros, faixas etárias e, também culturais. Ainda argumenta que o termo geração pode ser aplicado para indicar um conjunto da população com traços característicos comuns atravessados pela estrutura de sociedade em que se encontra, o mercado globalizado e midiático. E diz ainda que

> Nenhum ser humano é exatamente igual ao outro – e isso se aplica tanto aos jovens quanto aos velhos. Contudo, é possível notar que, em determinadas categorias de seres humanos, algumas características ou atributos tendem a aparecer com maior frequência que em outras. É essa "condensação relativa" de traços característicos que nos permitem falar, em primeiro lugar, em "categorias", sejam elas de nações, classes, gênero ou gerações (BAUMAN, 2011, p.58).

Assim sendo, a retomada da conceituação de geração ao longo da história, bem como os sentidos e significados construídos até aos dias atuais têm papel fundamental nas pesquisas e debates contemporâneos sobre juventudes. Constata-se hoje a relevância de perceber os traços característicos comuns e a coalisão do tempo biográfico e do tempo histórico, o curso da vida e as vivências históricas da geração social em estudo, e até mesmo o "vínculo geracional".

As gerações são identificadas pelas conexões e vínculos com as realidades vivenciadas no decorrer do processo histórico num determinado tempo; pelas mudanças sociais e descontinuidades históricas. Fazem parte da geração juvenil àqueles e àquelas que experienciam os mesmos desafios históricos concretos. Portanto, segue-se esta compreensão de geração para a pesquisa, vale dizer, a conceituação de geração como a conexão entre o tempo biográfico e o tempo histórico, as vivências históricas das realidades socioculturais, políticas e econômicas e o curso da vida.

Nos dias atuais, costuma-se utilizar recortes de classificação em decorrência da caracterização de uma sociedade tecnológica e globalizada. Faz-se referência às gerações jovens denominadas "Geração Y" e "Geração Z", respectivamente, os/as jovens entre 21 e 35 anos e entre as faixas etárias de 12 a 20 anos. São gerações advindas da sociedade modificada pela cibercultura, que apresentam comportamentos característicos dessa era tecnológica. Os jovens das gerações Y e Z possuem modos de ser e fazer em consonância com essa realidade tecnológica.

Essas gerações detêm maior agilidade e instabilidade; maior grau de insatisfação e apresentam comportamentos individualistas. São identificadas como nativos/as digitais e se comunicam por meio de redes conectadas em tempo real.

A Geração Z (nascidos/as a partir de 1995 até 2015), que representa 48 milhões, mostra a cara do Brasil e os desafios latentes.[3] Esses jovens e essas jovens dominam as redes sociais, as linguagens e os ambientes digitais e criam formas inusitadas de se relacionar e ver mundo. Essa geração juvenil nos dias de hoje apresenta uma forma diferenciada e descomplicada de conectar-se com o mundo. São juventudes que têm tolerância baixa com preconceitos. São consumidores/as conscientes e mais críticos quanto às marcas e ao mercado. Essa geração pensa em abrir seu próprio negócio, casar-se mais tarde, ter poucos filhos e casa própria.

São jovens religiosos e jovens religiosas em sua maioria, gostam de praticar alguma fé, mas sem dogmatismo e com maior flexibilidade, como registra a recente reportagem da folha de São Paulo, intitulada “Os imperfeitos” (2019). O perfil desta geração, que compreende o ciclo de vida que vai dos 15 aos 29 anos, tempo considerado no Brasil para efeitos de políticas públicas, é permeado de contrapontos e contramarchas, e de intensa pluralidade e diversidade. A compreensão do período da juventude nos tempos atuais sofre outras interpretações e classificações, portanto, é importante olhar para a multiplicidade dessa geração e os mundos em que estão inseridos. Importa ainda perceber as desigualdades de classe, a região que moram e vivem, a renda familiar, a moradia, a etnia, o gênero.

Assim, para conhecer melhor esse fenômeno e o mundo juvenil, a análise de alguns perfis é primordial, entre eles, o perfil socioeconômico, o protagonismo, a participação social e política e o perfil religioso ou não religioso. Deve-se aprofundar sobre os conceitos e as concepções do mundo juvenil, das juventudes e o mundo plural em que estão inseridos, bem como pesquisar os ambientes específicos em que vivem e atuam.

---

[3] Podem ser encontradas características importantes dessa geração na publicação da Folha de São Paulo UOL TAB. Reportagem “Os imperfeitos”. Publicado em 03 de junho de 2019. Disponível em: https://tab.uol.com.br/edicao/geracao-z/. Acesso em 12 out. 2020.

Portanto, conhecer a história de atuação também no campo religioso, o caminho de evangelização das juventudes, e, especificamente, a evangelização da geração universitária ajudam a traçar o perfil desta geração no mundo moderno. Esse aprofundamento histórico no processo evangelizador permite vislumbrar novas perspectivas.

1.2 A evangelização juvenil e a evangelização no âmbito universitário: Pastoral Juvenil e Pastoral Universitária – análise histórica

O advento do Concílio Vaticano II abriu as portas da Igreja para o mundo. Começou um novo tempo e caíram as resistências em relação às mudanças. A Igreja aproximou-se das realidades do seu tempo. Quebrou-se o distanciamento, em especial, do mundo das juventudes, das suas linguagens e da maneira como viviam e compreendiam a modernidade. O Concílio Vaticano II trouxe ares novos e a necessidade de dialogar com tempo e o mundo, com as pessoas e suas realidades sociopolíticas e culturais. O Concílio trouxe a finalidade precípua de ser Igreja no mundo e atenta às realidades e às necessidades concretas do povo, e inclusive o mundo dos jovens e das jovens. Esse era e continua sendo o intento maior do Concílio Vaticano II, a inserção nas realidades do mundo, a aproximação com o povo e suas necessidades.

> Conhecer os jovens e as jovens é condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece. É necessário ter em conta a variedade de comportamentos e situações da juventude hoje e a dificuldade de delinear um único perfil da mesma no mundo e no Brasil [...] Uma das finalidades do Concílio Vaticano II, convocado pela Papa João XXIII, era ajustar melhor as instituições da Igreja às necessidades de nosso tempo (CNBB, 2007, n.10 e 11).

As juventudes, e de modo especial, a geração universitária, estão inseridas no mundo moderno altamente acelerado e tecnológico. Apesar das crises existenciais, as crises de valores e de sentido, alguns valores ainda continuam importantes para um grupo grande de jovens. Os jovens vivem impactados e influenciados pela modernidade na mentalidade, nos valores e nos comportamentos. O processo de evangelização não pode ignorar estas mudanças, pois “uma

evangelização que não dialoga com os sistemas culturais é uma evangelização de verniz, que não resiste aos ventos contrários" (CNBB, 2007, n.14).

A evangelização das juventudes, o anúncio de uma proposta nova de vida e de sentido, é tema de reflexão e preocupação constante da Igreja, em especial, neste tempo de "mudança de época", de grandes e rápidas transformações nos cenários sociopolítico, econômico e cultural. Diante dos sinais dos tempos exige-se conhecer as realidades, escutar os desafios e enfrentamentos das juventudes, e, juntos encontrar caminhos novos.

As mudanças penetram profundamente a vida dos jovens e modificam os padrões comportamentais, as formas de relacionar com os outros e com o mundo, conforme dispõe o documento 85 da CNBB, e diz que "constatam-se mudanças no cenário, grande velocidade e volume de informação, rapidez na mudança do cotidiano por parte da tecnologia, novos códigos e comportamentos" (CNBB, 2007, n.12).

Para apropriar-se desse tempo e desse momento, da mudança de época, torna-se primordial que se compreenda o caminho histórico de todo o processo de evangelização das juventudes, a forma no decorrer do tempo, de desenvolver e provocar o amadurecimento da dimensão humana da religiosidade, da busca de sentido em interação com a vida e os fatos e acontecimentos no mundo. Um percurso na história da Pastoral Juvenil no Brasil, antes denominada Pastoral da Juventude, e, da Pastoral Universitária que estão marcadas por marchas e contramarchas. Percebem-se muitas inflexões ideológicas, culturais, políticas e sociais e teológicas nos objetivos e nas propostas pastorais e evangelizadoras.

A Pastoral Juvenil[4], nomenclatura adotada a partir do ano de 2007, é a ação organizada e articulada da Igreja que se dedica a evangelizar e, a acompanhar pastoralmente as juventudes em sua pluralidade, em seu modo de ser e agir, em

[4] Pastoral Juvenil é a nomenclatura adotada pela CNBB, a partir do Documento 85, em 2007. Toda ação pastoral da Igreja, em vista da juventude, era denominada Pastoral da Juventude. Hoje, como se pretende incluir todas as expressões juvenis, e, ao se reconhecer a presença das mais diversas expressões a favor dos jovens adotou-se a expressão "Pastoral Juvenil". É importante compreender as diversas nomenclaturas utilizadas junto à evangelização das juventudes no processo histórico, e os objetivos e rumos propostos.

suas diversidades de expressões e nos variados ambientes onde vivem e atuam. Hoje, a articulação pastoral está sob a responsabilidade da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, e busca conciliar princípios da unidade, da organicidade e do protagonismo juvenil. Não é uma tarefa simples pois envolve muitas expressões juvenis diferenciadas nos perfis e propostas evangelizadoras.

Cabe aqui uma reflexão sobre a integração das diversas expressões juvenis, pois embora o intuito fosse de comunhão, de sinodalidade e de construção de um novo caminho conjuntamente, será que houve respeito às identidades e às especificidades das múltiplas expressões e das realidades das juventudes? A unidade na multiplicidade conseguiu ser atingida nessa forma de trabalho com as juventudes? A inquietação que se persegue até hoje, é se de fato, houve aproximação ou distanciamento das diversas expressões juvenis que têm ações e programas diferenciados para o mundo juvenil.

O Documento 103 “Pastoral Juvenil no Brasil – Identidades e Horizontes” (2013) destaca a importância da atuação nos mais diversos ambientes e realidades em que as juventudes estão inseridas para provocar a transformação social como sujeitos e protagonistas da história:

> Somos todos chamados a reconhecer as sementes do Reino espalhadas por todos os cantos e a renovar nossa atuação nos novos areópagos juvenis – situações, ambientes e culturas – contribuindo com a vida dos jovens e auxiliando-os no reconhecimento de seu valor como agente transformador na edificação de um novo tempo caracterizado por esta mudança de época, ainda complexa e incógnita (CNBB, 2013, p.11).

A Pastoral Juvenil no Brasil, ao longo do tempo, buscou aproximar-se do mundo juvenil, para que a partir da própria juventude pudesse abrir juntos novos caminhos para favorecer o desenvolvimento integral dos jovens e a visão crítica do mundo e da sociedade, da ciência, da tecnologia, da educação, da política, da economia. Vale destacar que nem todas as expressões juvenis que caminham como Pastoral Juvenil defendem a proposta de formação da consciência crítica e política, da transformação e engajamento social. As expressões juvenis têm suas próprias particularidades, diferenciações em seus objetivos de missão, campos de trabalhos, estruturas organizativas, acompanhamento e formação e escolha de lideranças.

A Pastoral Juvenil hoje é a organização da ação de todas as expressões juvenis, esse multiverso rumo à comunhão, à participação de todas e de cada uma das expressões juvenis, na sua especificidade e carisma, conforme acentua o documento da CNBB: “reconhecer a significativa presença eclesial das demais expressões a favor dos jovens, a Pastoral Juvenil se compreende, principalmente, como a ação eclesial de cada uma delas e de todas elas em conjunto” (CNBB, 2013, p. 102).

A Igreja no Brasil deu passos ao longo do tempo no pastoreio das juventudes e, mais intensamente, e com maior abertura, após a era conciliar do Vaticano II. O Papa Paulo VI, em 08 de dezembro de 1965, dirige uma mensagem especial aos jovens.[5] Segundo a visão do pesquisador Paulo Fernando Dalla-Déa (2018) o Concílio Vaticano II concede a cidadania eclesial aos jovens, e, o mesmo Concílio assume a responsabilidade de dar vez e voz às juventudes, de forma oficial e permanente. Dalla-Déa pontua que o Vaticano II soube escutar as vozes dos novos atores eclesiais e sociais. O Concílio Vaticano II deu início a um novo cenário para a evangelização no mundo e para as juventudes, e incentivou a participação e a contribuição dos jovens e das jovens.

Na era conciliar a sociedade dessa época também sofria transformações em seus cenários: forte processo de industrialização, crescimento econômico, urbanização e mudanças comportamentais. Era o momento de acompanhar as mudanças e atualizar o processo de evangelização da Igreja no mundo. Há mais de meio século, a implementação das mudanças conciliares e das decisões proclamadas nos documentos do Concílio Vaticano II sofreram conquistas e derrotas, avanços e retrocessos.

De fato, no contexto do Vaticano II, e nos anos que se seguiram, algumas mudanças aconteceram nos cenários eclesiais e sociais. A década de 1960 foi um marco para a atuação junto às juventudes, por meio da Ação Católica Especializada. Num período anterior, as ações junto às juventudes ocorriam através de diversos

5 Mensagem do Papa Paulo VI dirigida aos jovens na conclusão do Concílio Vaticano II em 08 de dezembro de 1965.

movimentos eclesiais que acompanhavam e trabalhavam com a dimensão devocional. Surgia em várias partes do mundo, e no Brasil, a Ação Católica Geral, com intuito de construir uma ordem social mais justa e, num segundo momento, cria-se a Ação Católica Especializada, porque a Igreja precisava ir ao encontro dos povos, onde esses se encontravam, nas realidades em que viviam, trabalhavam e estudavam.

As estratégias pastorais precisavam ser pensadas e articuladas para atualizar e acompanhar os sinais dos tempos. Percebia-se assim, uma mudança radical nas estratégias e pensamentos da ação evangelizadora. Portanto, partiu-se de uma evangelização mais devocional a cargo dos movimentos religiosos para uma evangelização mais encarnada na realidade, nas dores e alegrias das juventudes. Assim, viu-se as estratégias de ação em consonância com os documentos conciliares, a inserção na realidade, a interação entre a fé e a vida dos/das jovens.

O pesquisador Ney de Souza (2006) reconstrói esse importante momento histórico, a denominada “Ação Católica”, que marcou a organização e a militância dos leigos e leigas no Brasil, bem como as lutas pela democracia e exercício da cidadania. Foram tempos de grandes conflitos internos e externos, e forte movimentação política inserida nas realidades das juventudes brasileiras. A Ação Católica pretendia abarcar os desafios das diversas realidades no campo, na cidade, nas fábricas, nas escolas, nas universidades. Apesar de extensa, vale apresentar essa síntese:

> A “Ação Católica” percorreu longo processo para chegar a se consolidar como movimento da Igreja Católica, sua expressão universal foi assumida dentro do pontificado de Pio XI, conhecido como o Papa da Ação Católica, todo um contexto de mudanças sociais e políticas envolveram o pontificado de Pio XI e permitiu o reconhecimento da “Ação Católica” como uma das alternativas da Igreja para responder aos desafios demandados na época. [...] O papel inicial da Ação Católica Brasileira foi à defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política. Tendo o intelectual Alceu Amoroso Lima como principal colaborador leigo do Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme (1882 -1942), efetivamente surge em 1933 a Liga Eleitoral Católica e em 1935 a Ação Católica Brasileira tendo com Alceu como primeiro presidente. [...] Em 1945, com o fim da ditadura Vargas, a Ação Católica Brasileira tornou-se importante instrumento para a participação dos leigos na vida democrática e no exercício pleno da cidadania. A Ação Católica teve o mérito de levar a doutrina social da Igreja às escolas, às universidades, às fábricas, aos meios de comunicação, aos sindicatos e estimulando a criação de inúmeros outros movimentos sociais de inspiração cristã. [...] A Ação Católica no

> Brasil foi marcada por dois momentos distintos. O primeiro, com a chamada Ação Católica Geral (de 1932 a 1950), e o segundo momento, a Ação Católica Especializada (de 1950 a 1960). A Ação Católica Especializada e os seus grupos JAC (Juventude Agrária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica) e JOC (Juventude Operária Católica) percebemos o início de um novo modelo de pastoral com os jovens. A Pastoral de Juventude herdou muita coisa deste período, como o método Ver-Julgar-Agir; uma prática transformadora a partir da realidade; a descoberta da dimensão política da fé; o protagonismo dos jovens e a presença do Deus Libertador nas lutas do povo (SOUZA, 2006, p. 40.49-50).

Assim, uma ideia advinda pouco antes do período conciliar e, que ganhou forças, foi a tarefa de adentrar na vida concreta dos jovens e das jovens no mundo operário, no campo e na educação, por meio da formação dos pequenos grupos (nucleação) e dos grupos em rede, de jovens operários, camponeses e estudantes, evangelizando em seus próprios ambientes de trabalho e atuação. A ideia era uma nova forma de organização e atuação diante das transformações sociais e respostas aos novos desafios.

A proposta foi uma ação no meio das juventudes para enfrentamento das dificuldades vivenciadas no cotidiano, no chão da fábrica, nas universidades e no campo. Houve uma rede de novas estratégias, inserções em vários ambientes e ramos de atuação, como a Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Agrária Católica (JAC), sempre a partir da vida dos jovens e das jovens, articulando a espiritualidade e a vida:

> A Ação Católica Especializada desenvolveu uma nova metodologia para enfrentar os desafios de uma sociedade em transformação. Havia necessidade de partir da vida dos jovens. Surgiu o método Ver-Julgar-Agir**,** que continua sendo um importante instrumento na ação pastoral da Igreja hoje. Os pequenos grupos e a organização dos grupos em rede se tornaram uma estratégia importante de envolvimento e formação dos jovens. Foi forjada uma espiritualidade que despertava os jovens para o engajamento na comunidade eclesial e na sociedade. Neste processo surgiu um novo tipo de agente evangelizador adulto que respeitava e promovia o protagonismo dos jovens, nos diferentes ramos da Ação Católica Especializada, JOC, JUC, JIC, JEC, JAC (CNBB, 2007, n. 269).

Essa mudança na evangelização e esse processo evangelizador mais próximo das realidades forjaram uma espiritualidade encarnada no cotidiano e

favoreceram o engajamento comunitário e social, a formação da consciência crítica e a participação na transformação do mundo de forma organizada e consciente.

Muitas lideranças jovens foram formadas nesse tempo de evangelização; tornaram-se protagonistas de suas histórias e de seu povo; e atuaram no cenário sociopolítico, cultural e econômico para construção de um mundo mais justo. Vários pesquisadores nas análises e nas contextualizações afirmam essas mudanças e a importância desse momento histórico para a formação de novas lideranças que hoje ocupam o cenário sociopolítico e cultural, entre eles, COMBLIN, 1983; OLIVEIRA, 1983; BEOZZO, 1984; SOUZA, 2006; STAMATO, 2008; DICK, 2010; BAPTISTA, 2015. Por exemplo:

> A geração universitária participante da JUC – Juventude Universitária Católica marcou esse processo. A população universitária em 1960 era de cerca de 95.000 estudantes. Nesse contexto, a JUC chegou a ter entre 5.000 e 10.000 jovens em seus quadros. É um número muito significativo e deixou marcas na história do país, formando lideranças nas diversas áreas, que ainda hoje estão presentes no cenário religioso, político, social e acadêmico (BAPTISTA, 2015, p.80).

A partir de 1970, surgiram novas mudanças nos rumos e estratégias de ação pastoral e evangelizadora. Apareceram os Movimentos de Encontros para Jovens, nos finais de semana, como experiência de encontro com Deus e um processo de conversão, mas sem continuidade no engajamento social e comunitário. Evidenciou-se uma onda evangelizadora mais intimista e cercada de emocionalismo. Desse novo movimento houve a percepção dos limites de uma metodologia mais emocionalista para as juventudes, mas surgiram daí grandes grupos e eventos de massa. Percebeu-se o arrefecimento da formação da espiritualidade ligada à vida e à transformação da sociedade. Cessaram assim a formação e organização dos pequenos grupos inseridos nas realidades juvenis.

No caminho do processo de evangelização da Igreja junto às juventudes e nas proposituras de ações surgiu outro impulso importante e transformador novamente: a retomada das lutas sociopolíticas e o engajamento nas realidades sociais. Aconteceram na América Latina e Caribe as Conferências Latino-Americanas em decorrência do Concílio Vaticano II. Dessas experiências e das

conferências muitos grupos brotaram e reacenderam as chamas pelas lutas sociopolíticas e pelos desafios e dores das juventudes.

Surgiu daí a necessidade de se pensar outra forma de interagir com os/as jovens, de maneira mais organizada e efetiva. Ocorreram avanços e retrocessos, e, a partir de 1980, veio a necessidade de criar mais organicidade e comunhão entre as expressões juvenis, por meio da Pastoral Orgânica da Juventude, um novo modo de ser Igreja jovem engajada nas realidades do mundo. Mas a gestação desse novo modelo preocupado com a organização e atuação política, a visão democrática da sociedade, a garantia dos direitos fundamentais deu-se à custa de muitas lutas, tensões, posicionamentos contraditórios e antagônicos, enfrentamentos acirrados dentro e fora dos muros da Igreja no Brasil e na América Latina.

> Mas o surgimento de uma Pastoral de Juventude Orgânica e transformadora, como conhecemos hoje, foi sendo gestado na década de 70 por iniciativa da própria CNBB e iluminado por um novo modelo de Igreja Latino-americana que vinha sendo construído através das conclusões e encaminhamentos das Conferências dos Bispos do América-latina ocorridas em Medelin (1968) e Puebla (1979). No início da década de 1960, a Igreja estava ideologicamente dividida, tendo à esquerda Dom Hélder e à direita Dom Jaime de Barros Câmara e Dom Vicente Scherer. A Ação Católica tinha três organismos para condução de suas atividades: Juventude Estudantil Católica (JEC) – no meio secundarista, Juventude Operária Católica (JOC) – no meio operário, e Juventude Universitária Católica (JUC) – formado por estudantes de nível superior (SOUZA, 2006, p. 51).

A década de 1980 foi marcada pelo clamor da democracia e os jovens e as jovens voltaram às ruas e exigiram um estado de direitos e liberdades democráticas: “As bandeiras eram direitos humanos, anistia para os exilados, liberdades democráticas, ‘diretas já’” (CNBB, 2007, n. 277). Esse período influenciou na evangelização das juventudes que acompanhou os apelos e as realidades vivenciadas à época. Se nos anos 70 muitos jovens tinham se tornado conservadores e preocupados com os problemas pessoais, em 1980 outra geração aparece, a juventude progressista volta ao cenário das lutas pelas conquistas democráticas.

O caminho da organicidade pastoral começou a dar passos concretos nas realidades diocesanas, através do planejamento participativo das juventudes nas instâncias paroquiais, regionais e diocesanas, em que a evangelização das

juventudes passou a ser pensada pelos próprios jovens. Esse processo de construção conjunta e o protagonismo juvenil foram frutos da opção preferencial pelos jovens na Conferência de Puebla (1979). Novos processos de articulação e coordenação da ação pastoral das juventudes advieram, como a Pastoral da Juventude (PJ), a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), a Pastoral da Juventude Rural (PJR) e a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP). Houve um crescimento de fortes lideranças jovens nos movimentos populares, estudantis, nos sindicatos e nos partidos políticos. Um novo florescimento com a participação das juventudes nos seus ambientes de atuação e convivência. Surgiu uma ação evangelizadora a partir dos jovens e de dentro de suas realidades e pertencimentos.

Em 1983, criou-se a Setor da Juventude e a Comissão Nacional de Jovens. As juventudes se articulavam em cada Regional da CNBB e havia um/uma representante na Comissão Nacional. Percebia-se aí a tentativa de um processo articulador bem mais amplo. As mudanças globais sociopolíticas e culturais, a partir de 1990, encaminharam novos rumos mais uma vez.

Essa década trouxe eventos históricos impactantes, como a queda do muro de Berlim, o avanço do capitalismo neoliberal e as privatizações. Não se pode esquecer que houve uma mudança radical na Igreja com o pontificado de João Paulo II, numa visão eclesial e pastoral mais conservadora e evidenciou-se uma luta contra a Teologia da Libertação. Apareceu uma geração bem diferenciada das décadas de 1960 e 1980. Uma nova geração se fez presente nesse cenário: jovens mais centrados nas subjetividades e nos sentimentos. Os movimentos das pastorais da juventude arrefeceram e outros movimentos ganharam forças, entre eles: Renovação Carismática Católica, Focolares, Movimento de Comunhão e Libertação e Novas Comunidades (Canção Nova e Shalom), que investiram maciçamente nos meios de comunicação. Constatou-se outra mudança forte nos rumos da evangelização com as juventudes e a desarticulação de todas as forças vivas juvenis locais.

Desse modo, o Setor Juventudes da CNBB, a partir de 1995, começou a organizar encontros anuais de articulação com todas as expressões juvenis. Veio ainda a necessidade de que o Setor Juventude acontecesse nas dioceses para mobilizar a comunhão, a proximidade e o fortalecimento de todas as forças vivas

locais existentes. Nesse período, outras frentes de ação foram incentivadas pelo Setor Juventude da CNBB, como o encontro anual dos assessores regionais e nacionais, retiros nacionais, encontros e subsídios para prevenção de drogas, informativos, encontros dos militantes da política partidária, assembleias, Dia Nacional da Juventude, Missões Jovens e Semana da Cidadania.

Surgia em 1995, a expressão “Pastoral da Juventude do Brasil” (PJB) para abarcar o trabalho conjunto com as quatro pastorais atuantes naquele momento histórico: Pastoral da Juventude (1973), Pastoral da Juventude do Meio Popular (1978), Pastoral da Juventude Estudantil (1980) e Pastoral da Juventude Rural (1983). Essa configuração da Pastoral da Juventude do Brasil seguiu até o ano de 2008. São novamente marcantes as marchas e contramarchas, as tentativas de articulação das expressões juvenis plurais, as desconstruções e as construções de novos caminhos. Nesse processo muitas perdas e feridas e muitas discussões. Buscou-se o planejamento de ações conjuntas e muitas mudanças desagradaram a uns e aborreceram a outros pelo caminho.

No ano de 2007, um importante documento da CNBB, fruto de dois anos de reflexão e assembleias, o Documento 85, intitulado “Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais”, que se estrutura na linha do Ver, Julgar e Agir impulsionou a criação do Setor Juventude nas dioceses, e dinamizou a ação evangelizadora no Brasil. Era hora da retomada da ação local, da formação dos pequenos grupos e a dedicação às juventudes que formavam a base eclesial.

Iniciou-se um novo processo de organização e articulação entre as quatro pastorais e outras expressões juvenis a partir do ano de 2011. Importa perceber que a Igreja se preocupou, desde o Concílio Vaticano II, em mergulhar no mundo e nos sinais dos tempos, mas esse caminho foi tecido com muitas dificuldades e ações que decepcionaram muitos/as jovens. Tornou-se crucial a atenção às especificidades das expressões juvenis e o respeito aos campos de atuação de cada uma delas. Era necessário buscar as pautas comuns e permitir o avanço nas particularidades. Revelou-se um caminho muito complexo à comunhão das ações.

Definitivamente, continua a ser um caminho árduo e bem difícil: olhar as realidades juvenis, analisar o contexto sociopolítico e cultural em que as juventudes estão inseridas, acompanhar os desafios e os impactos sofridos, dialogar a partir

dessas realidades, de forma orgânica e sinodal, a fim de encontrar caminhos e novas perspectivas, sem negligenciar as particularidades e carismas das múltiplas expressões juvenis.

A Igreja Católica no Brasil, na América Latina e Caribe, consciente da responsabilidade de evangelizar as diferentes juventudes, e, em momentos históricos diferenciados, busca atentar para os sinais dos tempos. Na trajetória histórica da CNBB, no caminho de acertos e desacertos, e, na construção conjunta das diretrizes de ação pastoral e evangelizadora percebe-se a atenção, o cuidado e o acompanhamento das juventudes e dos desafios do mundo juvenil. Inúmeras iniciativas pastorais somadas animaram e animam a caminhada das juventudes, entre elas, a organicidade, os documentos mais recentes da CNBB – 85 (2007) e 103 (2013) - as orientações pastorais, as diretrizes sobre a evangelização da juventude, a Jornada Mundial da Juventude, a criação da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude e a proposta de revitalização da Pastoral Juvenil "Civilização do Amor – Projeto e Missão" (2012), lançada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM).

O Documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), denominado "Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais" (2007), convocou para uma ação pastoral de comunhão e favorecimento do protagonismo dos/as jovens, e assinalou que "em cada época há necessidade de adequar as concepções e as práticas de evangelização para se relacionar com os jovens" (CNBB, 2007, n.50).

A Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude (CEPJ), criada em maio de 2011, na 49ª Assembleia Geral da CNBB, em razão da importância da juventude no cenário eclesial, sociocultural e político, se empenhou na organização e articulação da ação evangelizadora, e visou garantir a comunhão entre as expressões juvenis: Pastorais da Juventude, Movimentos Eclesiais, Novas Comunidades, Congregações Religiosas, catequese crismal, pastoral vocacional, pastoral da educação, pastoral familiar, pastoral do adolescente, pastoral universitária e outros segmentos eclesiais.

A coordenação nacional realizou seu primeiro encontro em outubro de 2011, em que se esboçou a identidade e missão da Pastoral Juvenil Nacional, na busca de interação entre as diversas expressões juvenis, a Igreja e a sociedade:

> Somos uma coordenação criada e formada por diversas expressões juvenis da Igreja católica no Brasil que acreditam na opção preferencial pelos jovens, centrada na figura de Jesus Cristo, que, a partir da espiritualidade e da missão comum a todos nós, quer dialogar e somar forças em prol da evangelização da juventude, contribuindo para a construção do Reino de Deus (CNBB, 2013, p. 71-72).

Vale pontuar que uma das responsabilidades da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude busca refletir sobre a juventude em sua diversidade cultural, social, geográfica e pastoral. São tarefas extremamente árduas, desafiadoras e essenciais: criar comunhão na diversidade, ouvir as juventudes e, a partir delas e com elas, evangelizar. E mais, motivar o protagonismo juvenil, pois “o jovem, como apóstolo de outros jovens, tem um poder de comunicação e de convencimento peculiar” (CNBB, 2013, p.80). São objetivos que exigem uma rede de articulação, processos de acompanhamento, avaliação, escuta e participação.

Resta ainda, construir uma breve memória do processo histórico das conferências latino-americanas, das ideias principais concebidas e presentes nos documentos latino-americanos e caribenhos para as juventudes. E assim, compreender a construção/desconstrução do caminho pastoral e evangelizador junto às juventudes da América Latina e Caribe é crucial para repensar/reavaliar e abrir caminhos prospectivos.

Indubitavelmente, o grande impulso provocador dos caminhos das conferências latino-americanas e caribenhas foi o Concílio Vaticano II. Buscou-se novos passos para a atuação da Igreja no processo transformador das realidades socioculturais, políticas e econômicas dos povos da América Latina e Caribe. Os documentos finais das conferências são frutos da sinodalidade, da participação de muitas pessoas diferenciadas, com posicionamentos também diversificados; e, da colegialidade, governo exercido em comum pela totalidade dos bispos da América Latina e Caribe, que trouxeram muitas mudanças e contradições. Esses textos conclusivos são elaborados em processos coletivos, decorrentes de muitos debates, contrapontos, divergências/convergências e análises do contexto sociocultural, político e eclesial.

O texto conclusivo da Segunda Conferência Episcopal Latino-americana, ocorrida na cidade de Medellín (Colômbia), entre os dias 24 agosto a 06 de setembro de 1968, como dizem muitos pesquisadores, entre eles os cientistas da religião da PUC Minas, Giseli do Prado Siqueira, Paulo Agostinho Nogueira Baptista e Wellington Teodoro Silva, foi um marco na história da Igreja e do processo evangelizador que se revelou mais libertador e inserido nas realidades dos povos latino-americanos e caribenhos: “de uma Igreja pobre, comprometida com a libertação e envolvendo a força viva da juventude nesse processo transformador e libertador” (SIQUEIRA; BAPTISTA; TEODORO-SILVA, 2018, p. 672).

Destacaram críticas ao documento conclusivo em relação às pistas de ação propostas distanciadas das realidades e a visão negativista da caracterização das juventudes. Na análise desses pesquisadores sobre a Conferência de Medellín, o contexto político-eclesial e a posição sobre educação e juventude, ainda apontam que

> O objetivo do Papa Paulo VI ao convocar essa reunião, como diz o próprio título da proposta da Conferência – A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio -, era ler a realidade latino-americana à luz do Concílio Vaticano II. Os bispos fizeram mais do que isso. Leram o Concílio à luz da realidade latino-americana. [...] Há documentos que marcam história. As conclusões de Medellín é um desses documentos. Representou o registro de uma nova etapa da Igreja latino-americana, assumindo-se como Igreja da libertação. Mas Medellín não seria possível, assim como a Teologia da Libertação, sem os ventos do Concílio Vaticano II (SIQUEIRA; BAPTISTA; TEODORO-SILVA, 2018, p.649 e 672).

A Conferência Episcopal de Medellín, no ano de 1968, encontrou a juventude num contexto histórico muito importante e revolucionário. O documento acentuou a força da juventude na Igreja e na sociedade, como “uma grande força nova de pressão” e “um novo organismo social com valores próprios.” Mostrou que a juventude vivia uma época de crises, e muitos não se identificavam com a Igreja, porque não eram convidados a participar dos momentos decisórios.

As juventudes clamavam por transformações profundas que garantissem uma sociedade mais justa, e assim esses jovens e essas jovens assumiram compromissos sociais e políticos. A Ação Católica mobilizava os jovens em suas diversas expressões juvenis (JAC, JEC, JIC, JOC e JUC), inseridos nas realidades e

nos ambientes em que viviam. A juventude universitária católica, ligada ao pensamento da esquerda política, atuava incisiva e criticamente.

Havia um estremecimento da juventude com o episcopado, e mesmo, uma ruptura de relações entre a hierarquia da Igreja e a Ação Católica. Muitos desencontros, divisões e enfrentamentos contrários. A análise dos pesquisadores destaca como Medellín encontrou a juventude católica no Brasil num contexto de grande crise política e religiosa, especialmente a juventude da Ação Católica:

> De um lado há uma juventude com olhar crítico, como a JUC, e ligada à esquerda. De outro, começa em 1969, em São Paulo, com Pe. Haroldo Rahm, um movimento que será identificado depois como Renovação Carismática Católica – RCC, de origem americana (1967) (SOFIATI, 2011). Nessa linha mais espiritualista, há as experiências dos cursos de Treinamento de Lideranças Cristãs – TLC, dos cursilhos de Cristandade e do Movimento de Emaús, assim como outros grupos que surgirão e se desenvolverão posteriormente como o Movimento Construindo, a Comunidade Shalom e tantos mais (SIQUEIRA; BAPTISTA; TEODORO-SILVA, 2018, p.665).

Nessa conferência os bispos afirmaram que a juventude vivia uma época de crises, mas via nos jovens a constante renovação da vida humana no mundo, e assumiram a posição dialogal: “a Igreja deseja ter uma atitude de diálogo com a juventude, reconhecendo seu papel cada vez mais insubstituível na missão profética que ela tem” (CELAM, 2013, n.181). O documento de Medellín assumiu que queria trabalhar com uma pedagogia orgânica juvenil, a formação humana e cristã, a formação da personalidade e da liberdade, o conhecimento da realidade e o contexto sociocultural e político da juventude (MEDELLÍN, 1968, n.14).

Praticamente 10 anos depois, a Conferência Geral de Puebla, no ano de 1979, foi marcada por duas fortes opções: a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens. Apontava-se como traços característicos dos jovens, “o espírito de aventura, a capacidade criadora, o desejo de liberdade e o fato de serem sinal de alegria e felicidade [...]” (CELAM, 2013, n. 187). [6] E mais, pedia-se que levasse em conta, “a

[6] Cf. Documento de Puebla, n. 1166-1205.

realidade social dos jovens" e proporcionasse "canais eficazes de participação ativa na Igreja e na sociedade para os jovens" (CELAM, 2013, n. 193).

O acento fora para que se aguçasse o senso crítico nas juventudes, formasse "os jovens para a ação política e para a mudança de estruturas" (CELAM, 2013, n. 195). Puebla registrou os diferentes rostos de jovens, as múltiplas realidades juvenis - os indígenas, os camponeses, os mineiros, os pescadores e os operários – que deviam ser escutadas e pensadas nos ambientes em que viviam e atuavam. Houve registros e análises das realidades, mas poucos avanços nas ações efetivas com as diversas juventudes, e na formação do senso crítico e ação política, embora as juventudes se mobilizassem e se organizassem.

Na Conferência Geral de Santo Domingo, no ano de 1992, retomou-se a opção preferencial pelos jovens afirmada na Conferência de Puebla. Assumiu-se a efetiva ação da Pastoral da Juventude Orgânica, a ação conjunta das diversas expressões juvenis, e a missão de uma ação pastoral mais dialogal. Uma ação pastoral atenta às realidades das juventudes e às suas necessidades, segundo o texto final, capaz de "responder às necessidades de amadurecimento afetivo e à necessidade de acompanhamento; capacitar para que os evangelizados conheçam e respondam criticamente aos impactos culturais e sociais [...]" (CNBB, 2007, n. 304). Revelou-se a situação de miserabilidade, marginalização e violência de muitos jovens na sociedade, e o contraponto de jovens mais conscientes e engajados política e socialmente:

> Muitos jovens são vítimas do empobrecimento, da marginalização social, do desemprego e do subemprego, da má qualidade da educação formal e tecnológica, do narcotráfico, da guerrilha, das "galeras", "marras" e "gangues", da prostituição, do alcoolismo e dos abusos sexuais. Há jovens adormecidos pelas propagandas, alienados por imposições culturais e pelo pragmatismo imediatista. Há os jovens e as jovens que reagem contra o consumismo, sensibilizam-se com a dor dos mais pobres e se inserem na sociedade, repudiando a corrupção [...] (CELAM, 2013, n.197).

A Conferência de Aparecida, em 2007, acentuou a urgência na atenção especial com as juventudes, insistiu na prioridade da evangelização juvenil. Apresentou linhas de ação diante dos desafios e ameaças do mundo moderno, como a formação para a ação política e a mudança de estruturas; a opção

preferencial pelos pobres e a capacitação dos jovens para que tivessem oportunidade no mundo do trabalho. Recuperou a ação missionária e a tarefa de sair dos muros da Igreja e ir até o povo. Analisou as juventudes no contexto de uma cultura consumista e de incertezas quanto ao futuro; a situação econômica, e os muitos jovens que sofrem: os pobres, os migrantes, os despejados, os camponeses, os que vivem na informalidade, na prostituição, na drogadição, as vítimas de toda forma de violência. O documento de Aparecida acentuou:

> É necessário colocar como prioridade a criação de oportunidades econômicas para setores da população tradicionalmente marginalizados, como as mulheres e os jovens, a partir do reconhecimento de sua dignidade (CNBB, 2007, n. 406).

A Assembleia de Aparecida chamou atenção para a educação de baixa qualidade que criou muitas dificuldades para os jovens adentrar o campo de trabalho, e esta educação visou uma formação para o mercado, a competitividade e a produtividade. Apontou os maiores enfrentamentos juvenis, chamadas "as sombras juvenis" que se encontram no mundo moderno. Afirmou que os jovens são marcados por muitas situações complexas:

> Inúmeros jovens de nosso continente passam por situações que os afetam significativamente. Enumeram-se onze dessas "situações": as consequências da pobreza; a socialização de valores implantada em novos ambientes com forte carga de alienação; a permeabilidade a novas formas de expressões culturais que afetam a identidade pessoal e social do jovem; o fato de ser presa fácil das novas propostas religiosas e pseudo-religiosas; a crise da família, que produz na juventude profundas carências afetivas e conflitos emocionais; a repercussão que tem nos jovens uma educação de má qualidade; a ausência de jovens na esfera política devido à desconfiança gerada pelas situações de corrupção, pelo desprestígio dos políticos e pela busca de interesses pessoais em vez do bem comum; o suicídio dos jovens; a impossibilidade de estudar e de trabalhar; o fato de serem obrigados a deixar seus países, "dando assim ao fenômeno da mobilidade humana e da migração um rosto juvenil; o uso indiscriminado e abusivo da comunicação virtual (CELAM, 2013, n. 221).[7]

[7] Cf. Documento de Aparecida, 2007, n.444-445.

Percebe-se que houve avanços consideráveis nas reflexões e análises dos perfis juvenis e do contexto sociocultural, político, econômico, educacional das juventudes. Para melhor compreender esse fenômeno social complexo das juventudes e buscar linhas de ação junto às essas realidades é urgente apropriar desse caminho dos pesquisadores e pesquisadoras e das análises disponíveis em documentos importantes. A maior dificuldade ainda é fazer com que os documentos cheguem até às bases, às comunidades juvenis e às mãos daqueles e daquelas que se dedicam às juventudes. E assim, as linhas de ação pastoral e evangelizadora tornem-se realidades.

O Documento 103 da CNBB (2013), denominado “Pastoral Juvenil no Brasil – Identidades e Horizontes”, descreveu o processo de avanço na evangelização com as juventudes e a necessidade de pessoas capacitadas para acompanhar essa missão e, portanto, plasmar o plano de ação no mundo e nas realidades em que as juventudes vivem e atuam. O processo pastoral e evangelizador juvenil precisa de planejamento, acompanhamentos, avaliações constantes, estruturas adequadas, participação das juventudes nos espaços decisórios e proximidade com as bases juvenis:

> O grande impulso que a Igreja deu à evangelização da juventude, nestes últimos tempos, exige pessoas cada vez mais esclarecidas, convictas, apaixonadas e capacitadas, além de estruturas adequadas para a missão. Nossas estruturas juvenis, constantemente imbuídas do dinamismo do Evangelho, são convocadas a testemunhar a força da unidade eclesial em vista do serviço qualificado, gratuito e alegre a favor da construção do Reino, principalmente entre os jovens que mais sofrem com a falta de sentido da vida e de condições básicas para a dignidade humana (CNBB, 2013, p. 8).

As juventudes estão dispostas à comunhão, à ação conjunta em pautas comuns, mas sem descaracterização dos perfis juvenis, desde que sejam respeitadas, ouvidas e participem do processo de articulação. Hoje, o Setor Diocesano da Juventude, torna-se o espaço mais próximo e eficaz em que acontece a pastoral de conjunto. A ação articuladora precisa conhecer as realidades juvenis, as comunidades e os grupos juvenis espalhados pela diocese.

A ação pastoral mais próxima da realidade do mundo juvenil e das expressões juvenis existentes, o Setor Diocesano de Juventudes, em que há a possibilidade de melhor acompanhamento, se bem-organizado e articulado, torna possível uma participação efetiva na luta por direitos e políticas públicas para as juventudes: “um Setor Diocesano de Juventude bem-organizado poderá ser, também, uma importante força de reivindicação de políticas públicas para a juventude” (CNBB, 2013, p. 65). Mas a realidade que se presencia é uma grande dificuldade e árduo trabalho de articulação e missão conjunta entre as diversas expressões juvenis.

A Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB, que possui a missão de acompanhar a evangelização das juventudes no Brasil, apontou cinco eixos pastorais para o novo projeto de evangelização, o Projeto IDE: missão, formação, estruturas de acompanhamento, ecologia e políticas públicas. O Projeto IDE visa evangelizar os jovens, a partir de Jesus Cristo, em uma Igreja em saída, rumo à Civilização do Amor. Propõe uma formação integral fundamentada em valores como a ética, a espiritualidade, a comunhão, a solidariedade e o trabalho.

No planejamento do Projeto IDE, na análise do mundo juvenil para a missão pastoral de educar para a cultura do encontro, do diálogo e da consciência política, e em preparação para o Sínodo da Juventude, destacou-se como pontos ameaçadores da evangelização: pouco conhecimento das realidades juvenis, a mudança de época, o imediatismo, o secularismo, o consumismo, o ativismo, o vazio existencial, os homicídios, os suicídios, a falta de políticas públicas e a crescente tendência de conservadorismo e separatismo.

Recentemente, aconteceu o Sínodo da Juventude em Roma, em que os jovens foram envolvidos, desde o início, num processo sinodal de escuta, de aprofundamentos das realidades e desafios das juventudes no mundo. Mais de 300 jovens participaram da reunião Pré-sinodal em Roma para discutir e elaborar as diretrizes do instrumento de trabalho. Ainda pela internet outros 15 mil jovens participaram da propositura de ideias e manifestações de anseios e desejos. Construiu-se um novo caminho de comunhão, sinodalidade e planejamento para os próximos passos de evangelização das juventudes. Todo o processo sinodal resultou em dois documentos importantes no ano de 2019: o Documento Final da XV

Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”; e a Exortação Apostólica Pós-sinodal do Papa Francisco “*Christus Vivit* - para os jovens e para todo o povo de Deus.”

O processo sinodal destacou a importância da escuta e do caminho com as juventudes: “os jovens querem ser escutados”, e, mostrou que muitas vezes prevalece a tendência de oferecer respostas prontas. Revelou-se a diversidade de contextos e culturas do mundo juvenil que deve ser percebido e levado em conta. Acentuou o documento final do Sínodo dos Jovens “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” sobre a pluralidade das realidades juvenis:

> Há uma pluralidade de mundos dos jovens, a tal ponto que, em alguns países, tende-se a utilizar o termo “juventude” no plural. Além disso, a faixa etária considerada por este Sínodo (16 a 25 anos) não representa um conjunto homogêneo, mas sim a composição de grupos que vivem em situações peculiares. Todas essas diferenças têm impacto profundo na experiência concreta que os jovens vivenciam: dizem respeito às diferentes etapas de crescimento, às formas de experiência religiosa, à estrutura da família e sua relevância na transmissão da fé, às relações intergeracionais (...), às modalidades de participação na vida social, à atitude em relação ao futuro, à questão ecumênica e inter-religiosa (CNBB, 2019, n. 10).

A Igreja na América Latina lançou o Projeto de Revitalização da Pastoral Juvenil latino-americana com enfoque em um processo de evangelização permeado por quatro etapas: “fascinar, escutar, discernir e converter-se”. E em 2012, o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) com o documento “Civilização do Amor: Projeto e Missão”, reforçou a missionariedade das juventudes e conclamou o “jovem como missionário/a” do seu tempo. Os movimentos pedagógicos da missão propostos visam impulsionar a ação pastoral juvenil orgânica para a formação de comunidades juvenis, os pequenos grupos em paróquias, escolas, universidades, bairros e nas cidades:

> A Pastoral Juvenil refletiu sobre a necessidade de imprimir um dinamismo renovado em sua ação pastoral, propondo alguns movimentos pedagógicos que impulsionem a missão a ela confiada. Destacamos cinco deles: Deixar-se fascinar pela pessoa do jovem, descobrir seu rosto e seu mundo e sair ao seu encontro [...] conhecer sua cultura [...] estar com eles em seus lugares vitais. Reconhecer e valorizar o que são e o que fazem, estar com os jovens em seus ambientes cotidianos, aproximar-se dos diversos mundos juvenis. [...] Prestar atenção ao que falam, àquilo a respeito do que

> falam, como falam e colocar-se no lugar deles. Escutar as necessidades, os interesses, os sonhos, as angústias, os medos, os desafios da juventude. Interpretar, discernir os apelos dos jovens a partir de suas realidades. E comover-se com a juventude (CELAM, 2013, n. 464-469). [Grifo nosso].

O caminho de revitalização da Pastoral Juvenil Latino-americana percorreu várias etapas e momentos históricos, e hoje busca compreender as realidades juvenis, suas necessidades, suas aspirações, a partir da vida e dos ambientes em que os jovens estão inseridos, a fim de construir a nova civilização do amor. A proposta é de organicidade na ação pastoral e evangelizadora.

Busca-se ainda aprofundar eixos temáticos importantes para a formação integral e humanística das juventudes. A formação integral compreende o conjunto das dimensões humanas, a relação consigo mesmo, a relação com o grupo, a relação com a sociedade, a relação com o Transcendente e um processo de construção do projeto de vida:

> Uma pedagogia pastoral evangelizadora parte das aspirações, necessidades e realidades dos jovens, propõe como atitudes fundamentais escutar, acompanhar, despertar possibilidades, estimular, animar, e tem como traços característicos: ser experiencial [...] Discernir e realizar um projeto de vida ajuda os jovens a crescer integralmente na relação consigo mesmos, com os demais, com a natureza e com Deus. Ajuda-os a integrar harmonicamente valores, aspirações e ideais de vida, e a responder adequadamente os desafios das etapas de crescimento. Ajuda-os a concretizar o sentido da vida e a dar resposta ao chamado de Deus a construir um mundo melhor (CELAM, 2013, n. 257 e 274).

Esse processo de revitalização da ação pastoral e evangelizadora destacou “a necessidade que temos de ir em busca dos jovens em seus próprios lugares, escutá-los e caminhar juntamente com eles na descoberta da “fonte da água viva” que sacia a nossa sede de sentido e felicidade [...] (CELAM, 2013, p. 20). E reforça que é fundamental perceber a totalidade do que acontece no mundo juvenil, “ver a realidade como mudança de época em que cresce e se desenvolve a juventude atual” que influencia e molda “o ser e o fazer dos jovens” (CELAM, 2013, n.5). Perceber e contemplar essa realidade juvenil tem uma conotação bem profunda, ou seja, “perceber é ver o que está emergindo na realidade total” (CELAM, 2013, p. 33).

Há necessidade de caminhar com as juventudes e a dinâmica do caminho ocorre em um ambiente específico, em sintonia com as crenças e as descrenças, a visão de mundo, o convívio e os enfrentamentos e desafios vivenciados. Importante perceber que ainda há muitos entraves e medos para reconhecer a autonomia dos jovens e a capacidade de participação deles nos espaços de decisão. São pouco valorizados e muito controlados, porque se está em jogo o exercício do poder, pontua Hilário Dick, histórico e importante assessor das juventudes, falecido em 20202, num pronunciamento feito no 3º Congresso Latino-Americano de Jovens, em Los Teques (Venezuela), de 05 a 12 de setembro de 2010, tendo como tema a "Revitalização da Pastoral Juvenil Latino-Americana", e destaca que:

> Eles e elas são bons se fazem o que os adultos, padres e bispos pensam e determinam... A prova mais cabal disso é que a juventude começou a ser alguém na história, não somente na América Latina, apenas no fim da década de 1930, com a Ação Católica Geral. Organizações juvenis com a vivência do jovem como protagonista só surgem, de fato, ainda de forma tímida, com a Ação Católica Especializada, a partir da década de 1950. É um fenômeno histórico do qual nem sempre temos consciência. Esse "processo" que estamos vivendo e que nos atrevemos a chamar de Revitalização da Pastoral Juvenil Latino-Americana começou, portanto, há 30 anos atrás... (DICK, 2010, p. 3)

Revela-se de extrema importância que o ambiente e as realidades específicas dos jovens sejam considerados; que se leve em conta o lugar vital das juventudes e as situações nas quais convivem cotidianamente. Portanto, as Pastorais Específicas de Juventude, tornaram-se opção por uma ação mais concreta, entre elas a Pastoral Universitária, pois visam acompanhar os jovens em seus ambientes específicos, e assim proporcionar "meios, mística, alternativas e propostas novas de estilo de vida e de militância, sem tirá-los de seu ambiente, de suas raízes, culturas e valores, que os torne conscientes de sua realidade e solidários com os mais necessitados e oprimidos" (CELAM, 2013, n. 580).

As Pastorais Específicas da Juventude na América Latina se dirigem aos operários, estudantes, camponeses, universitários, indígenas, jovens urbanos e jovens do meio popular, e muito mais, um trabalho diferenciado com a pluralidade do mundo juvenil, conforme já havia sido pensado em Puebla, nos diferentes rostos juvenis. Cada país se organiza a partir de sua realidade e de sua experiência, mas

atento ao processo de uma pastoral orgânica e de conjunto. Essa organização e efetivação do trabalho conjunto se constroem passo a passo e com muitos enfrentamentos. O processo de articulação e o fortalecimento das bases, dos jovens e das jovens inseridos/as em seus ambientes de vida e atuação, acontecem muito lentamente, e até mesmo vê-se o esfacelamento nesse percurso dos objetivos propostos de comunhão e organicidade.

A evangelização no âmbito universitário e a ação da Pastoral Universitária nesse multiverso devem atentar-se para essa realidade singular e plural. Assim, saber dialogar com todos os atores que convivem na comunidade acadêmica e conhecer as realidades do âmbito universitário favorecem ações efetivas e concretas. O Documento de Aparecida (2007) mostrou a importância do diálogo entre fé e razão, fé e cultura, e a formação humanística compromissada com a dignidade da pessoa humana e a solidariedade. Registrou no texto conclusivo que "é indispensável que se cuide do perfil humano, acadêmico e cristão dos que são os principais responsáveis pela pesquisa e docência" (CNBB, 2007, n.342). Por isso, ressaltou que:

> É necessária uma pastoral universitária que acompanhe a vida e o caminhar de todos os membros da comunidade universitária, promovendo um encontro pessoal e comprometido com Jesus Cristo e múltiplas iniciativas solidárias e missionárias. Também se deve procurar ser uma presença próxima e dialogante com membros de outras universidades públicas e centros de estudo (CNBB, 2007, n. 343).

A Pastoral Universitária (PU) tem suas raízes na antiga JUC (Juventude Universitária Católica) e recebe atenção da Igreja no Brasil no 2º Plano Bienal – 1973-1974. A articulação nacional começa em 1975 (Vitória – ES), depois com o Concílio de Lins (SP) em 1977, e a seguir uma reunião em Juiz de Fora (1978). Daí, são realizados seis encontros nacionais: Vitória (ES) em 1979 e 1980, São Paulo (1982 e 1984), Nova Iguaçu (1986) e Brumadinho (MG) em 1988 (CNBB, Estudos da CNBB n. 56, 1988, p. 41). Sempre houve uma grande proximidade da Pastoral da Juventude e a Pastoral Universitária, mas hoje a PU compõe o Setor Universidades da Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e Educação. Essa Comissão Episcopal compreende atualmente, o Setor Universidades, o Setor Cultura, o Setor

de Educação, o Setor Ensino Religioso e o Setor Bens Culturais. São mudanças e estruturações ocorridas ao longo do tempo com o objetivo de caminhar de forma mais integrada, mas refletem também o processo de reestruturação da CNBB, exigida por Roma a todas às Conferências Episcopais por João Paulo II, pelo documento *Apostolos Suos* (1988). O novo Estatuto, promulgado em 2002, fará profunda renovação das lideranças a partir de 2003, sendo secretário Dom Odilo Scherer.

Resta saber, de fato, se houve benefícios com esses novos processos, as novas composições de trabalho, e, se a inserção da Pastoral Universitária na Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e Educação trouxe mais frutos e integração nos campos da educação e cultura do que a inserção na Pastoral Juvenil. O público-alvo dessa nova organização são os/as educadores/as, a comunidade universitária, os/as professores/as, os/as estudantes, os atores no mundo da cultura e da educação. Houve, de fato, uma maior abrangência e inclusão de mais atores pertencentes ao universo da cultura e da educação, e não especificamente as juventudes.

Importa registrar, no percurso histórico da PU, a intrínseca ligação entre a Teologia da Libertação e a Pastoral Universitária. Há uma forte correlação entre o processo de implantação da Teologia da Libertação, a sua maneira de compreender o mundo, a atuação dessa teologia na história, na vida do povo, nas lutas cotidianas com as juventudes universitárias. Segundo o sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza (1984), as ações da juventude universitária católica foram espaço de germinação da Teologia da Libertação.

O pesquisador Paulo Agostinho Nogueira Baptista (2015), retomou a história do surgimento da Pastoral Universitária e a relação entre a juventude universitária católica e a Teologia da Libertação. Apontou os conflitos advindos da atuação das lideranças da Juventude Universitária Católica – JUC, que abraçava outro jeito de ser e agir na Igreja e no mundo, com uma visão mais aberta e inserida nas realidades e desafios das juventudes em seus ambientes específicos. Mostrou ainda uma presença significativa no âmbito universitário e atuação em quase 60% das cidades com cursos universitários.

> A história da pastoral universitária no Brasil começa com o redentorista Pe. Júlio Maria, no Rio de Janeiro, que criou a "União Católica Brasileira", em 1908. E em 1929, sob a presença de Alceu de Amoroso Lima, surge a "Ação Católica Brasileira", que se integrou à Ação Católica – AC em 1937. Essa AC se especializa em JAC, JEC, JIC, JOC e JUC (juventude agrária, estudantil, independente, operária e universitária), a partir de 1950 (CNBB, 1988, p. 37). A JUC será a grande referência história dessa pastoral. [...] os conflitos com as lideranças da JUC acabaram levando ao fim do movimento em 08 de novembro de 1966, em Carta de Dom Vicente Scherer, Secretário do Apostolados dos Leigos da CNBB. Deve-se destacar que a JUC chegou a ter sua presença em quase 60% das cidades com cursos universitários (BAPTISTA, 2015, p. 53 e 54).

Merece registro ainda, de acordo com a memória histórica de vários pesquisadores (BEOZZO, 1984; GÓMES DE SOUZA, 1984; BAPTISTA, 2015), que a Pastoral Universitária percorreu um caminho de lutas e conflitos. Pode-se dizer que enfrentou momentos difíceis, com a reorganização das estruturas da Pastoral da Juventude e a criação da denominada Pastoral Juvenil que englobava as mais diversas expressões juvenis. Retrataram que a Pastoral Universitária sobreviveu graças ao trabalho incansável de muitos assessores no acompanhamento e formação de novos grupos depois da JUC, com grupos na cidade de Lins (após 1968), em Ponta Grossa (1969) e Ribeirão Preto (1970). Mais grupos se formaram, com assessoria do jesuíta João Batista Libanio, no Rio de janeiro, Belo Horizonte e Juiz de Fora.

A história da Pastoral Universitária, já brevemente referenciada, ressurgiu a partir de dois encontros mobilizadores de jovens de todo Brasil na década de 1970. Um encontro em 1975, na cidade de Vitória (aproximadamente 800 jovens), e outro em 1977, na cidade de Lins (3.000 jovens/120 universitários). Os jovens universitários e as jovens universitárias começaram a se articular em encontros nacionais, com representatividade de todo país, e, a se organizar em coordenações regionais.

O primeiro encontro aconteceu em 1979, o Encontro Nacional da Pastoral Universitária – ENPU, na cidade de Vitória. Em 1980, houve o 2º ENPU, novamente em Vitória, com a discussão do método "Ver-Julgar-Agir" e a Revisão de Vida. Esses encontros e a dinâmica organizacional da Pastoral Universitária – PU, cresceram paulatinamente. O 3º ENPU aconteceu em São Paulo em 1982, e, um novo assessor o jesuíta Hilário Dick assumiu os trabalhos com a Pastoral da Juventude e a Pastoral Universitária, e provocou novo dinamismo.

Em 1984, no 4º ENPU foi um ano decisivo de mudanças para a Pastoral Universitária, em que começou a articulação da criação de uma Pastoral Universitária mais pluralista, com as várias expressões juvenis reunidas: as Comunidades Universitárias de Base – CUBs (movimento italiano Comunhão e Libertação), o Movimento de Cristãos Universitários – MCU, e os grupos diocesanos das igrejas locais. Numa mesma dinâmica de aproximação e ação, se inseriram grupos tão plurais e até mesmo antagônicos e polarizados. Alguns pesquisadores (LEITE, 2000); (SANTOS, 2004) indicaram que as CUBs se aproximavam do Movimento Carismático, (Projeto Universidades Renovadas – PUR, hoje MUR, e os conhecidos Grupos de Oração Universitária - GOU, dentro das universidades).

Assim o processo histórico da Pastoral Universitária seguiu o caminho das marchas e contramarchas, avanços e retrocessos, por meio de diálogos e tensões. No 5º ENPU, em 1986 na cidade de Nova Iguaçu, houve o reconhecimento da pluralidade na PU (Pastoral Universitária) e das relações tensionadas entre os grupos CUBs, MCU e os grupos diocesanos PU/PU.

No ano seguinte, em 1987, aconteceu em Campinas o I Encontro Nacional dos Grupos de PU das Instituições de Ensino Católico Superior – IECS. Esse encontro tratou sobre a presença da PU nas Instituições de Ensino Superior - IES católicas. Apareceu também a concepção de “Universidade em Pastoral”. Produziu-se, a partir desse encontro, um documento intitulado “Carta de Betânia”. Aconteceu nesse mesmo ano o I Encontro Nacional da Pastoral Universitária em Brasília e definiu-se a identidade da PU como pastoral e não movimento. Em 1988, na cidade de Brumadinho, realizou-se o 6º ENPU, com apoio de todos os grupos existentes: a PU diocesana, as CUBs, os MCU, a PU PUC-MG e a PU UFMG (BAPTISTA, 2015).

Vale ressaltar a contextualização desse tempo histórico apontada pelo pesquisador Paulo Agostinho Nogueira Baptista, de 1960 a 1990, que se evidenciou de fato, o período de enfrentamentos conflituosos dentro e fora do âmbito eclesial: o Vaticano II, a Conferência de Medellín, o surgimento da Teologia da Libertação, a ditadura militar, entre outros.

As idas e vindas do processo da Pastoral Universitária, os cenários, as lutas sociopolíticas, as mudanças estruturais e organizacionais influenciaram na ação pastoral e evangelizadora. Foram movimentos históricos polêmicos e contrapostos,

ora na luta pela democracia e o exercício da cidadania, ora na busca de um distanciamento do campo sociopolítico:

> Todo esse processo, dos anos de 1960 até os anos de 1990, acontece num momento rico da história brasileira e internacional. Apenas para referenciar, destacamos alguns: o Concílio Vaticano II (1962-1965); Medellin (1968) e surgimento da TdL (entre 1962-1968); ditatura civil-militar (1964-1985); luta pela Anistia a partir de 1975, e pela Redemocratização e Diretas-Já em 1983; o movimento Constituinte, que culminará com a nova Constituição de 1988; o início do pontificadode João Paulo II (1978) e os problemas com a TdL, a partir de 1984, e também a conferência de Puebla (1979); crise política no Brasil (Tancredo Neves, Sarney, Color, Itamar, Fernando Henrique) e crise econômica (advento do Real); crescimento dos (neo) pentecostalismos (católicos e protestantes); virada conservadora mundial (Reagan, Thatcher, Kohl); queda do muro de Berlim e crise dos socialismos (BAPTISTA, 2015, p.58).

Não resta dúvida, houve a presença marcante dos jovens, especialmente dos jovens universitários, na efervescência da Teologia da Libertação, e nos movimentos sociopolíticos e culturais que clamavam por libertação e democracia. Aconteceram mudanças drásticas de cenários e das realidades sociocultural e política. Portanto cabem os questionamentos: como está hoje a mobilização sociopolítica das juventudes e da ação da Pastoral Universitária, diante de tantas mudanças na organização e nas diretrizes pastorais? Como está a participação política, cultural e religiosa dos jovens universitários e das jovens universitárias? Como está o processo de construção da história e inserção da PU na Igreja, na universidade, nas políticas públicas e no mundo? Baptista ressaltou que:

> A geração universitária participante da JUC – Juventude Universitária Católica marcou esse processo. A população universitária em 1960 era de cerca de 95.000 estudantes. Nesse contexto, a JUC chegou a ter entre 5.000 e 10.000 jovens em seus quadros. É um número muito significativo e deixou marcas na história do país, formando lideranças nas diversas áreas, que ainda hoje estão presentes no cenário religioso, político, social e acadêmico (BAPTISTA, 2015, p.80).

Desde então, se evidenciou cada vez mais na história o contexto de conflitos e tensões no diálogo entre a Pastoral da Juventude e os jovens e as jovens dos movimentos religiosos. Nas análises do teólogo Comblin (1983) já se apontavam as dificuldades no processo de articulação entre as várias expressões juvenis. Será que

o processo de construção e articulação da Pastoral Orgânica desmantelou a capacidade de mobilização política da Pastoral da Juventude e da Pastoral Universitária? Modificou-se a ação pastoral com as juventudes e a geração universitária diante das novas diretrizes e organização? Como caminham as juventudes e a geração universitária?

O pesquisador Paulo Agostinho Nogueira Baptista, em seus estudos e análises comparativas sobre o perfil da geração universitária nos anos de 1990, 2013 e 2017, acompanhou o processo de mudanças e conflitos no decorrer dos enfrentamentos históricos. Trouxe resultados e análises importantes para conhecer o fenômeno das juventudes e a atuação no mundo e na universidade. Destacou que "deve-se incentivar estudos e pesquisas sobre/para levantamento da realidade da juventude. Não é possível trabalhar com ela sem conhecê-la" (BAPTISTA, 2014, p.33).

O fenômeno sociocultural das juventudes é objeto de estudo de múltiplas ciências em razão da complexidade e pluralidade. Muitos pesquisadores ao longo da história se detêm a pesquisar essa realidade juvenil, entre eles, TRANCOSO; OLIVEIRA (2014), GROPPO (2000) PAIS (2003) STAMATO (2008). Baptista (2014) apontou o perfil diferenciado das juventudes e os interesses que campeiam o mundo da geração universitária. Pontuou as porcentagens em relação ao interesse na participação das ações da Pastoral Universitária e registrou que:

> Em relação à juventude universitária, pesquisa de 1991, com universitários da PUC Minas, 32,2 % manifestavam interesse em participar da Pastoral Universitária. Na nova pesquisa em 2013 encontram-se os seguintes resultados: **- 48,4 %** têm interesse em participar de atividades em comunidades carentes; **- 37,2** % têm interesse em participar de grupos de reflexão na universidade; **- 27,2** % têm interesse em participar de celebrações na universidade; - **3,4 %** dos universitários católicos se identificam com a TdL versus **14,4 %** que o fazem com Renovação Carismática Católica, ou seja, em números absolutos, 750 x 3.200 alunos, num universo aproximado de 45.000 (BAPTISTA, 2014, p.32).

Portanto, o conhecimento dos perfis das juventudes, das mudanças nos cenários sociopolíticos e culturais, do processo de articulação da ação pastoral com as juventudes, das novas diretrizes e novas formas de organização das expressões juvenis na Igreja e no mundo revelaram para onde caminham as juventudes.

A edição da Jornada Mundial da Juventude no Rio, em 2013, foi outro momento considerado importante para a evangelização das juventudes, pois essa ação pastoral de grande envergadura, um evento de massa, visava apostar e acreditar nos jovens, que segundo o Cardeal Rylko, “cada Jornada Mundial da Juventude nos força, em certo sentido, a verificar no âmbito pastoral as nossas capacidades propositivas em relação às gerações jovens” (RYLKO, 2012, p.6).

Esse evento de evangelização mereceria uma análise mais detida e meticulosa diante dos benefícios e desafios provocados, o que não será possível fazer neste trabalho. Muitos pesquisadores e pesquisadoras se dedicaram ao estudo dos impactos desse evento e à identificação do perfil das juventudes reunidas em Copacabana no ano de 2013 (GRACINO; MARIZ, 2013; CARRANZA, 2013; MARIZ; CARRANZA, 2017; CARRANZA; SOFIATI, 2018).[8]

Em momentos da história, ressurge no cenário sociopolítico, a força e a luta das juventudes por um mundo mais justo e igualitário, e, ora, há um esfriamento dessas lutas e a desmobilização sociopolítica. Nas alternâncias de perfis juvenis no decorrer da história, vale destacar ainda, a força política mobilizadora das juventudes nas Manifestações de 2013 e no movimento das ocupações das escolas no ano de 2015-2016 com a paralisação em 22 estados e ocupação em mais de 1.100 escolas no Brasil.

Dentre tantas mudanças ocorridas e que trouxeram novas configurações e propostas de ação com a geração universitária, houve a criação do Setor Universidades pela CNBB. O Setor Universidades foi criado em 2007 com os objetivos: de pensar e articular a ação evangelizadora no âmbito universitário, de

[8] Muitos pesquisadores e pesquisadoras apontados/as no texto se detiveram diante do evento de massa, a Jornada Mundial da Juventude, ocorrida no Rio de Janeiro em 2013. Destacam que a grande maioria presente era a juventude católica, mas necessário considerar as diferentes maneiras no modo de ser católico e a diversidade de culturas juvenis no catolicismo brasileiro. Os pesquisadores Brenda Carranza e Flavio Sofiati (2018), na análise do público presente, mais de 3 milhões, na missa de envio, apontaram quatro grupos distintos: os tradicionalistas (Arauto do Evangelho), os reformistas (escolas católicas ou confessionais/maristas e salesianos), os radicais (pastorais sociais e pastorais da juventude) e os modernizadores-conservadores (carismáticos). Perceberam a predominância da cultura juvenil pentecostalizada e uma “juventude alinhada institucionalmente”, que convive bem com a autonomia pessoal e a adesão institucional, sem qualquer culpa. Conjugam o pertencimento e a autonomia para fazer suas escolhas e contrapor-se e discordar de valores e princípios doutrinais.

estabelecer linhas gerais comuns e de criar um caminho de diálogo entre as diversas expressões e rostos das juventudes presentes nas universidades.

Os membros do Setor Universidades pensaram construir juntos, de forma organizada e articulada, a ação evangelizadora no meio universitário, mas uma pastoral "que se abre ao diálogo e à comunhão com a cultura e a intelectualidade, formando novas lideranças que na sociedade contribuam na construção de um mundo mais justo e fraterno" (CNBB, 2013, p. 6). Houve a percepção de que o momento exigia a tarefa de formar pessoas conscientes e bem-preparadas em todas as dimensões humanas, nos "novos areópagos", entre eles, o âmbito universitário:

> Tarefa de grande importância é a formação de pensadores e pessoas que estejam em níveis de decisão, evangelizando, com especial atenção e empenho, os "novos areópagos". Um dos primeiros areópagos é o mundo universitário. Uma consistente pastoral universitária é a necessidade em quase todas as Igrejas Particulares. Quanto mais nos empenharmos em conscientizar e capacitar nossos leigos a partir de sua própria profissão, no empenho do diálogo fé e razão, estaremos animando sua vocação no mundo e, consequentemente, auxiliando na melhoria da sociedade (DGAE 2011-2015, n.117).

A proposta de trabalho objetivou indicar e sugerir linhas de ação, com respeito à pluralidade de cada realidade universitária, em um documento de reflexão e orientação, de como ser presença eclesial num contexto tão singular. Surgiu assim, o documento orientador de Estudos da CNBB 102 (2013) – "O seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora no âmbito universitário". Esse documento acentuou a fundamental missão da Igreja nesse complexo ambiente e registrou que:

> A universidade é o lugar da pergunta, da reflexão e da busca de sentido. É o espaço privilegiado para a descoberta e a vivência da vocação profissional. A presença da Igreja nesse ambiente é necessária e importante para acompanhar a comunidade acadêmica nesse tempo de estudo, trabalho, pesquisa e extensão. A presença ética, criativa, acolhedora, fraterna, servidora na comunidade acadêmica faz a diferença, numa sociedade cada vez mais marcada pela redução da razão a mero fator instrumental, produtor de ciência e de tecnologia, indiferente às ameaças e à dignidade da pessoa humana ou à destruição do planeta (CNBB, 2013, n.4).

Mas o que é a Pastoral Universitária e o que pretende? É a ação evangelizadora da Igreja no âmbito universitário, considerada uma pastoral de fronteira, meio privilegiado de diálogo com a cultura e o mundo dos saberes. Torna-

se fundamental essa presença como oportunidade de fecundar o ambiente acadêmico com os valores do Evangelho e os ideais de um mundo mais justo e solidário.

A Pastoral Universitária busca permear com os valores cristãos a vida na universidade, no âmbito da pesquisa, ensino e extensão, e com a articulação dos três eixos de ação: a espiritualidade, a reflexão-formação e a ação social solidária. O intuito é contribuir para que a formação acadêmica seja integral, abrangente, ampla e humana a partir de um novo humanismo solidário.

As premissas da ação pastoral na universidade são a atitude dialogal, o acolhimento, a abertura ao diferente, o respeito e a capacidade de cultivar relacionamentos fraternos e pacíficos. As pessoas que se dedicam a esta tarefa necessitam ter a disponibilidade de tempo para estar junto, para cultivar laços de amizade e fazer coisas junto às juventudes universitárias.

Em 2018, surge outro documento referencial, de construção e reflexão coletiva, o Estudos da CNBB 112 – “Setor Universidades da Igreja no Brasil: Identidade e Missão” (2018), a fim de atualizar e avançar sobre essa realidade, em razão de inúmeras transformações nos cenários eclesiais e universitários. Traz os eixos norteadores da atividade pastoral, o eixo da espiritualidade, o eixo da reflexão e o eixo socioeducativo, articulados e em constante equilíbrio, e devem resultar numa dinâmica de atuação transversal e integradora no âmbito universitário.

O Setor Universidades que compõe a Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e Educação se desdobrou ainda em Setor Universidades Regional, Setor Universidades Diocesano e a Pastoral Universitária no âmbito das Instituições de Ensino Superior. Há ainda um longo caminho a percorrer para fortalecimento das redes de articulação da Pastoral Universitária no âmbito da IES e formação dos agentes para compreensão das realidades e desafios da geração universitária, bem como a atuação pastoral neste âmbito.

As propostas de ação para o trabalho de Pastoral Universitária podem ser implementadas nas Instituições de Ensino Superior, comunitárias confessionais ou não, privadas ou públicas e de diversas formas organizacionais. O mais importante é propiciar o diálogo entre fé e cultura no âmbito universitário. Criar um espaço de compartilhamento entre a fé e os saberes; uma experiência de encontro e partilha da

fé e da vida de todos e todas presentes na comunidade acadêmica. A proposta pastoral é a formação de pequenos grupos de vivência e partilha da vida e dos desafios acadêmicos: os grupos de estudos, os grupos de espiritualidade, as rodas de conversas, os grupos de debates, os grupos de jovens, os grupos de professores, e os grupos de funcionários.

Cabe ainda à Pastoral Universitária promover a interação, o diálogo e a unidade dos diversos grupos religiosos e não-religiosos, e, promover no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, o diálogo crítico, a dignidade da vida humana com a "presença coerente, projetos e atividades, que explicitem a dimensão política, profética e libertadora da fé cristã [...] iniciativas e ações em defesa de uma sociedade sustentável, que preserve a vida e o meio ambiente" (CNBB 102, 2013, n.8). Tarefa inadiável é semear a cultura da paz e da justiça social; da sociedade fraterna, solidária e ecológica. Porque a universidade é um campo propício e desafiador da pergunta, das dúvidas, das antíteses e das sínteses, da formação integral, da interpelação, da abertura e convívio com os diferentes.

A Pastoral Universitária pode e deve fomentar a atitude dialogal amadurecida e respeitosa. Na universidade, espaço plural e singular, há a possibilidade de construção do diálogo maduro e consciente entre a fé, a cultura e a razão; o cultivo à abertura crítica diante das mais diversas interpelações e contribuições dos muitos saberes e correntes de pensamento; e, assim, favorecer o bem viver e o conviver; o processo de formação integral e crítica e o discernimento para as escolhas da vida:

> Encontramo-nos num mundo cada vez mais plural e complexo, no qual muitas posições que se pretendem humanistas e humanizadoras não representam uma visão crítica e construtiva da realidade, além de favorecer compreensões reducionistas e empobrecedoras da vida humana. Do mesmo modo, há configurações religiosas atuais que favorecem experiências de alienação, infantilização e, inclusive, de exploração mercantilista da fé. É urgente oferecer critérios claros de juízo e discernimento que permitam às pessoas fazerem escolhas de forma mais adequada, escolhas que favoreçam a conquista da realização e da vida plena (CNBB 102, 2013, n. 27).

A tarefa da Pastoral Universitária é dialogar e acolher a todos e todas. E as experiências devem propor o engajamento social; o compromisso na realização do bem comum e da justiça social; as ações de voluntariado e a luta pela construção de uma sociedade mais humana e mais justa. O critério da interdisciplinaridade e da

imersão nas estruturas acadêmicas possibilitará a reflexão e a formação humana integral, o exercício da cidadania acadêmica, bem como a abertura à diversidade social, cultural e eclesial presentes na universidade, que resultará em profissionais mais humanos e capazes de transformar a realidade em que vivem e atuam:

> O âmbito universitário abarca, em suas fronteiras, uma vasta diversidade de sujeitos e saberes não sobrepostos, mas com seus valores e significados próprios, construídos a partir de uma dinâmica histórica, cultural, social diferentes e que se encontram nesse universo. Assim, a atividade pastoral nesse ambiente deve ser um lugar primordial de diálogo, acolhida e escuta sensível dessas realidades, buscando, através do fortalecimento identitário, do exercício da alteridade, do respeito à diversidade, aproximação entre os saberes (fé, ciência, razão, cultura), propor espaços e atividades de diálogo horizontal na aproximação desses sujeitos e seus saberes (CNBB 112, 2019, n. 54).

Diante da tarefa de conhecer a realidade do fenômeno social das juventudes, do âmbito universitário e do perfil atual da geração universitária, cabe ainda perceber os cenários e os desafios mais prementes nas ações com as juventudes.

1.3 Os cenários e os desafios da geração universitária e da evangelização das juventudes

Os processos históricos, os cenários e os desafios das juventudes precisam de análise meticulosa, estudo e pesquisa permanentes; de percepção atenta a seu tempo e, em confronto com as realidades e tempos anteriores, porque “a história do jovem e da jovem torna-se, pouco a pouco, a história do mundo” (CELAM, 2013, n. 873).

As juventudes hoje vivem sitiadas e situadas por múltiplos cenários e desafios que precisam conviver e enfrentar. Dentre esses maiores desafios enfrentados aqui se destacam: as desigualdades sociais, o acesso restrito à educação de qualidade, o desemprego, a difícil inserção no mercado de trabalho, a desqualificação profissional e a falta de oportunidade para qualificação, a drogadição, a banalização da sexualidade, gravidez precoce, a AIDS, a violência no campo e na cidade, a migração, as mortes, as crises existenciais, a exclusão, a pobreza (NOVAES, 2006).

Os impactos do mundo contemporâneo globalizado e neoliberal sobre os jovens e as jovens são enormes e diversificados. Há vários traços identificadores que retratam as juventudes: a centralidade das emoções e a relativização dos valores e tradições; o alto grau de subjetividade; a necessidade de estímulos constantes (geração *zapping*); a descrença nos compromissos definitivos; as relações interpessoais mais abertas; a fragmentação da identidade; o sincretismo religioso e o ecumenismo; o hedonismo e a vulnerabilidade psicológica (ABRAMOVAY, 2020; FERNANDES, 2010).

Importa ressaltar que cada geração tem as suas marcas e lutas, de acordo o processo histórico e as realidades sociopolíticas e culturais. Conhecer o perfil da geração jovem e da geração universitária, bem como os desafios e os cenários em que estão inseridas possibilitam ações e relações mais profícuas. Olhar as realidades que vivem as juventudes é uma tarefa complexa que exige olhares múltiplos e de integralidade, pois "pode se tornar injusta quando se parte de uma perspectiva unicamente de ordem social, econômica, cultural, religiosa ou política, e não de sua integralidade" (CELAM, 2013, n. 30).

As transformações advindas do fenômeno da globalização em suas dimensões econômica, cultural e comunicacional impactaram profundamente a compreensão do mundo, das relações e da convivência sociopolítica e cultural, inclusive o mundo juvenil e o mundo da geração universitária. Esse fenômeno global atingiu e modificou a forma de pensar, amar, relacionar-se e de sentir das juventudes. Há uma grande diversidade de juventudes, de diferentes etnias, riquezas culturais, linguagens, expressões e sensibilidades impactadas pelos fenômenos da globalização, do pluralismo e do relativismo. Encontra-se nesse cenário globalizante capitalista neoliberal uma diversidade de rostos concretos de jovens, indígenas, afro-americanos, camponeses, suburbanos marginalizados, que sofrem a desestruturação da sociedade que exclui e oprime os mais frágeis, entre eles os adolescentes e os jovens (CELAM, 2013).

Há um cenário de desilusão por parte da juventude em relação ao campo político, "não acreditam que as instituições levem a vida a sério e, por isso, criticam-nas e não participam delas ou, pior, negam-nas." De fato, as juventudes, em sua maioria, se ausentam dos espaços políticos e decisórios pois "costuma sentir pouco

representada em espaços de tomada de decisões políticas [...] abre-se-lhes pouco espaço de participação em matéria política e de programas juvenis" (CELAM, 2013, n. 57,58 e 59). A taxa de abstenção nas últimas eleições, segundo o TSE, foi de 23,1%. Entre os jovens de 21 a 24 nos essa taxa foi de 24% (VASCONCELOS, 2020).

Vê-se hoje também o cenário de uma sociedade fragmentada, em que a centralidade da pessoa e a sobrevalorização da subjetividade individual ocupam maior espaço no mundo juvenil, em detrimento dos interesses coletivos, dos vínculos comunitários e da concepção integral do ser humano na sua relação com o mundo e com Deus. Como acentuou o Documento de Aparecida:

> Vivemos uma mudança de época cujo nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus; aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes do último século [...] Surge hoje, com grande força, uma sobrevalorização da subjetividade individual. Independentemente de sua forma, a liberdade e a dignidade da pessoa são reconhecidas. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação (CNBB, 2007, n.44).

Percebe-se, nesse contexto, que também se mantém na atualidade, o fenômeno da religiosidade difusa, de forte subjetivismo, a religiosidade como um bem de consumo. Vê-se o rompimento da experiência de fé no sentido eclesial e de compromisso social. Novas realidades emergem do mundo juvenil, e, uma dessas realidades é o retorno ao sagrado, a busca da transcendência de forma mais livre e descomprometida com o formalismo da religião, como pontuaram os estudos da socióloga Silvia Fernandes (2010), e do pesquisador Cleto Caliman (1998), e ainda destacou o documento do Conselho Episcopal Latino-Americano:

> [...] para os jovens, fica claro que, falar de Deus e de religiosidade, não é o mesmo que falar de religião. Aceita-se a religiosidade, mas se resiste ao formalismo da religião[...] por que não acreditar que a juventude traz outra compreensão do sagrado e da transcendência na vivência da própria afetividade, do corpo, da sexualidade, dos desejos e das rebeldias, dos sonhos e das esperanças, das buscas e posturas tipicamente juvenis? (CELAM, 2013, n.780 e 785).

Segundo o teólogo João Batista Libanio, o processo biopsicossocial, afetivo e emocional dos jovens se modificou muito. Observou-se maior maturação biológica e lentidão no amadurecimento psicológico. A imaturidade refletiu na incapacidade de assumir compromissos permanentes:

> Vive-se no reino do individualismo, da lógica da vida privada, do presentismo, da hegemonia solitária do capitalismo. Os jovens buscam a festa, a beleza, a felicidade no momento presente. Há um contentar-se com momentos felizes sem continuidade e sem preocupação como futuro. Desconhecem e desacreditam dos caminhos dos compromissos políticos sérios e envolventes. Preferem pequenos engajamentos humanitários em causas que tocam de perto sua rua, no máximo o seu bairro ou cidade (LIBANIO, 2011, p. 241).

Na cultura contemporânea os acentos fortes são o presente, o imediato, o traço narcisista, a centralidade do sujeito em si mesmo. A afirmação da autonomia e da subjetividade ganham passos acelerados. Avança o reino da estética e da exterioridade. Acelera-se a experiência sexual sem cultivar o afeto, e ao mesmo tempo, supera-se a repressão, o negativismo em relação ao corpo, ao prazer e ao sexo. O processo de superação continua a romper com as atitudes machistas, preconceituosas e desrespeito às opções sexuais das pessoas. Os jovens rejeitam qualquer forma de autoridade impositiva, mas querem dialogar nos campos da educação, da religião, da política, da sociedade para esclarecer as posições e as visões de mundo. Houve um crescimento assustador no campo da tecnociência que exerce um tremendo fascínio nas juventudes, pois é uma forma rápida e ágil de pensar. Circulam no meio digital simultaneamente muitas informações. Constata-se tensão entre a instrumentalização do saber, sem criatividade nem humanidade, e o saber criativo, reflexivo, humanizado, socializado em favor do bem comum (NOVAES, 2018; ABRAMOVAY, 2020; FERNANDES, 2010).

Vive-se um tempo de escasso convívio familiar, que provoca impactos na vida e nos afetos dos jovens. A diminuição das relações intrafamiliares decorre do ritmo moderno de vida e de trabalho, e, assim, as relações virtuais ganham maior espaço. Mesmo nesse tempo pandêmico, passou-se mais tempo dentro de casa, mas não aconteceu uma convivência maior entre os membros familiares, muitas vezes cada um no seu espaço, com seus dispositivos de tecnologia de comunicação e

informação – TIC (laptop, tablete, smartphone, TV), variando conforme a condição social, o local da residência, as possibilidades de conectividade e a necessidade de sobrevivência. O mundo virtual é uma realidade difusa e um campo aberto de possibilidades, conhecimentos e experiências. Cria-se uma visão de mundo, de tempo e de relações; de percepção de si mesmo e dos outros, nessa cultura amplamente digitalizada. São ambientes que os jovens passam muito tempo, e, na pandemia esse tempo se intensificou. Também é um território de solidão, manipulação, exploração e violência.

Há, de fato, novas configurações das realidades juvenis e nos diversos âmbitos onde vivem e atuam, inclusive no âmbito universitário, em que os jovens apresentam traços específicos e diferenciados de gerações anteriores. Segundo o documento de Estudos da CNBB 112 (2018), as marcas atuais no ambiente universitário são a mobilidade urbana e rural que causa sobrecargas nos estudantes (física, de transporte, alimentação e moradia, das questões financeiras, da viabilidade das práticas religiosas, dos danos pedagógicos e psíquicos). Há ainda o fenômeno das migrações e da diversidade das condições dos estudantes: bolsistas, indígenas, migrantes internacionais; da mulher no ensino superior; do impacto da pobreza na vida acadêmica e das políticas públicas educacionais; dos desafios do ensino à distância; da internet e da articulação das redes digitais.

Os perfis da geração juvenil e da geração universitária sofreram mudanças profundas. O âmbito universitário plural e singular também comporta muitas realidades, é um ambiente multiverso, de sujeitos e saberes, portanto, o caminho do diálogo, da alteridade, do respeito à diversidade torna-se crucial. Surgem novas formas de linguagem e interações no mundo juvenil e no mundo acadêmico mediado também pelo mundo digital:

> As redes sociais definem um espaço antropológico relacional, identificativo, histórico. São os espaços de integração em torno de experiências de narração, vivências entrelaçadas, onde a pessoas se sente no centro da história, espectadora e não apenas mera consumidora. [...] Novas formas de expressão de si mesmo [...] nota-se uma nova busca de sentido, de pertença, de relação entre a dimensão local e a global (CELAM, 2013, ns.41-42).

A universidade é um espaço fundamental de continuidade da formação humana integral, cidadã e democrática. A educação superior detém uma função social inegável, qual seja, a responsabilidade e o compromisso *intra* e extramuros, mediante o tripé do ensino, da pesquisa e da extensão. A universidade é “o espaço desafiador da pergunta, da formação, da interpelação, da abertura ao novo [...]”. O ambiente universitário tem papel crucial “no mundo da cultura, na formação das mentalidades e na formação de profissionais” que ocuparão espaços de poder e decisão na sociedade. “A universidade é o lugar da reflexão e da busca de sentido. É espaço privilegiado para a descoberta e a vivência vocacional” (CNBB, 2013, n.19, 3 e 4).

A proposta desta pesquisa na abordagem e nas indagações junto à geração universitária demonstra a pertinência e a essencialidade do debate, especialmente nesse tempo de “mudança de época”, e diante dos cenários sociopolíticos e culturais contemporâneos. Todos os espaços de diálogo e decisões políticas, de modo especial, o âmbito universitário, devem se abrir e intervir na discussão. A participação política de todos os interlocutores no pacto social por uma sociedade mais justa e humana, por uma educação integral e inclusiva faz-se urgente.

Por isso, interessa colher os questionamentos da geração universitária e dialogar sobre o que pensam da política social e educacional, da educação inclusiva e integral, da religiosidade, do pluralismo, da diversidade e do processo de secularização no país. A sociedade, a escola e a universidade, ganham quando escutam, respeitam e entendem as linguagens das juventudes, e para isso, precisam saber ouvir, valorizar, e a partir deles, repensar/ reconstruir o caminho de sentidos para a vida, “fazer com” eles e “não para” eles.

A compreensão da relação das juventudes com as experiências religiosas, não religiosas, sociais e políticas - as transformações no modo de pensar, viver, agir e relacionar com o mundo moderno, tudo isso revela o contexto atual e para onde caminha a contemporaneidade. A universidade busca um novo tempo, a partir da reflexão, do “curvar-se” sobre seus passos e atitudes. Quer repensar sua ação em diálogo com sua própria identidade, e na escuta profunda e madura de todos os seus interlocutores, diante das contestações e dos conflitos internos e externos.

Vê-se, a necessidade de se reinventar para acompanhar essas mudanças e esse tempo de crises. A crise é oportunidade de crescimento e aprendizado; é possibilidade de se desvencilhar do que é velho, e abrir-se ao novo que já está entre nós. Faz-se necessário ouvir muito e ouvir a todas e a todos. Provocar as perguntas mais do que dar respostas prontas. Os desafios que se apresentam são muitos, a começar pela definição das prioridades e a retomada do processo de humanização da vida no mundo, nas cidades e nas universidades.

O cenário atual pede uma universidade “em saída”, uma Pastoral Universitária “em saída”, comprometida com as mudanças na sociedade sociopolítica e cultural, com atitude dialogal, de cuidado com a Casa Comum, de abertura à avaliação constante e ao pacto educativo global. A geração universitária pode e deve contribuir para os novos caminhos e participar do diálogo amplo com todos os atores sociais por uma economia mais justa, uma educação integral qualificada, comprometida e atenta às necessidades da realidade contemporânea. As juventudes buscam a inserção no mundo; reivindicam o direito à participação ativa no cenário nacional e mundial. De fato, querem ser vistos como parceiros e interlocutores das decisões nos processos sociopolíticos educacionais, e não meros destinatários das ações pensadas para elas.

A pesquisa da geração universitária contemporânea, a identificação dos aspectos socioeconômicos, culturais e as crenças/descrenças neste âmbito específico, visa conhecer melhor as necessidades e os desafios, a partir deles mesmos, o que os jovens pensam, seus sonhos e expectativas, seus sofrimentos e limites, e suas possibilidades e potencialidades. As análises e as comparações dos dados de pesquisas anteriores possibilitarão amplas discussões para novos diálogos e caminhos dentro e fora das universidades.

O caminho da pesquisa e do estudo dessa realidade universitária busca o perfil da geração universitária na PUC Minas em Poços de Caldas e a construção de metodologias de trabalho e de relação com as juventudes, de modo particular no âmbito pastoral, mas que poderá ir além e oferecer elementos para a gestão acadêmica. Não resta dúvida de que compreender as juventudes é um grande desafio e um aprendizado contínuo, em razão da dinamicidade da história e das transformações constantes nos cenários e desafios.

Capítulo 2 - A geração universitária de Poços de Caldas da PUC Minas e as gerações universitárias da PUC Minas e UFMG: dados, análise e comparação

Os caminhos das pesquisas realizadas no decorrer dos anos, e os resultados obtidos são importantes balizadores para analisar e conhecer com maior profundidade a geração universitária contemporânea. Assim, mergulhar nas realidades analisadas e comparar com a realidade presente contribui sobremaneira para processos de atuação e diálogo próximos às realidades existentes e atentos às necessidades e sonhos mais concretos da geração universitária.

Para dar passos na construção de diálogos e ações conjuntas torna-se imprescindível rever o caminho dos pesquisadores e pesquisadoras, entre eles Baptista (1990, 2013, 2018) que se debruçaram sobre a pesquisa do perfil da geração universitária. Portanto, o intuito fora analisar comparativamente com as pesquisas do perfil da geração universitária de 1990 e 2013 da PUC Minas e da UGMG em 2017, e assim perceber as diferenciações e similitudes diante dos sonhos e dos desafios; dos avanços e das mudanças nos pensamentos, nas crenças e descrenças das gerações universitárias.

A confrontação das realidades socioculturais, políticas, religiosas e econômicas, e dos tempos históricos vivenciados, possibilitam planejar de forma eficaz e coerente as ações compatíveis com a geração presente no âmbito universitário. Ver as realidades, o percurso das gerações universitárias, as características, as linguagens, os desejos, as metas de vida e as visões de mundo permitem compreender o chão em que se pisa e os sujeitos sociais que atuam e convivem neste multiverso.

Houve, de fato, e as pesquisas demonstraram, um acréscimo de 5,4% em relação à edição anterior no número de estudantes no Ensino Superior, segundo o Censo da Educação (INEP, 2019). Na pesquisa de 2013, Baptista apontou a expansão do Ensino Superior no país, provenientes dos dados dos últimos Censos da Educação Superior, nos anos de 2010 e 2013, e 2019. Dessa forma, mediante o crescimento do número de estudantes no Ensino Superior, conhecer a geração universitária evidencia-se a urgência para acompanhar os avanços e as adequações

diante da contemporaneidade (BAPTISTA, 2014). Segue abaixo um quadro comparativo do aumento do número de estudantes nas universidades, o número de cursos de graduação e de Instituições de Ensino Superior no país.

Tabela 1: Dados do Censo da Educação Superior - Inep

Censos da Educação Superior	2010	2013	2019
Instituições de Educação Superior	2.377	2.400	2608
Cursos de graduação no Ensino Superior	29.507	32.000	40.427
Matrícula no Ensino Superior	6. 379.000	7.305.977	8.603.824

Fonte*:* Dados do Censo da Educação Superior – Inep, 2019

O estudo comparativo e as análises das pesquisas, a partir das coletas de dados dos questionários aplicados aos estudantes da PUC Minas em Belo Horizonte (1990 e 2013), da UFMG (2017) e da PUC Minas em Poços de Caldas (2021) permitiram a compreensão, a interação e o planejamento articulados com as realidades da geração universitária contemporânea. Primeiro, um olhar sobre as realidades da PUC Minas em Poços de Caldas, em seguida uma análise comparativa com outras pesquisas anteriores, e assim, apresentar as diferenciações e as similitudes.

O campo de pesquisa sobre a geração universitária persegue a investigação e a compreensão do fenômeno sociocultural presente nas universidades; para conhecer o perfil da geração universitária; quem são as juventudes presentes nas universidades; comparar com outras gerações na forma de pensar, de se relacionar, de ver o mundo, a religiosidade percebida, o pensar e agir político e as múltiplas realidades contemporâneas. Para onde caminha essa geração universitária? Como se revela esse multiverso?

2.1. O perfil da geração universitária da PUC Minas Campus Poços de Caldas: coleta e análise de dados

A pesquisa sobre o perfil da geração universitária da PUC Minas em Poços de Caldas, se encaminhou a partir da coleta e análise dos dados decorrentes da aplicação do questionário on-line aos estudantes matriculados/as nos dezesseis cursos de graduação oferecidos pelo *Campus*: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Computação, Direito, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia de Produção, Fisioterapia, Medicina, Medicina Veterinária, Psicologia, Publicidade e Propaganda, Relações Internacionais, Administração e Ciências Contábeis à distância. O questionário on-line com 134 perguntas fora enviado aos 4038 (quatro mil e trinta e oito) estudantes matriculados/as no *Campus* de Poços de Caldas no primeiro semestre de 2021. O primeiro envio ocorreu no dia 22 de março de 2021, com reenvio no dia 12 de abril de 2021 e encerramento do recebimento das respostas no dia 19 de maio de 2021 às 11h45.

A aplicação do questionário aconteceu no início do semestre letivo do ano de 2021 com envio pelo e-mail acadêmico, pelos setores de Comunicação e Informática do *Campus*, de forma anônima, através de link do Google Formulário. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas, em 03 de dezembro de 2020, número do parecer consubstanciado do CEP 4.437.490 (CAAE 385867.2.0000.5137).

Na abertura do questionário aplicado constava um texto explicativo e ao final solicitava-se o assentimento do/da estudante para responder e participar de forma livre, consciente e esclarecida da pesquisa do perfil da geração universitária da PUC Minas em Poços de Caldas. O questionário aplicado abordou perguntas sobre dados pessoais, culturais e socioeconômicos; a formação educacional e a universidade; religião e religiosidade; política e cidadania; pastoral universitária e cultura religiosa; projetos de vida, valores e lazer; sexualidade e fecundidade.

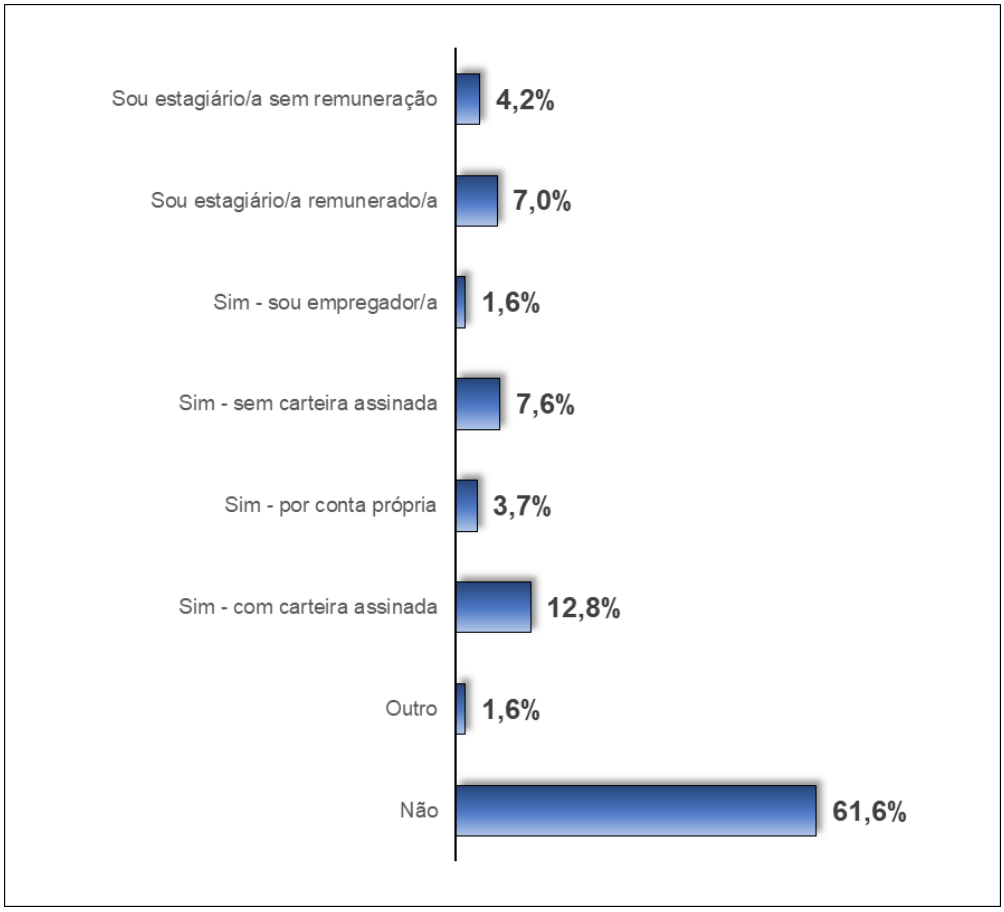
A PUC Minas *Campus* Poços de Caldas está localizada em um município de médio porte situado no sul de Minas Gerais. É uma cidade turística no circuito das águas termais e sulfurosas, com uma população de quase 170 mil habitantes. O *Campus* da universidade em Poços de Caldas recebe muitos estudantes da região e de todo o país.

As análises dos dados apresentados na pesquisa permitiram traçar o perfil da geração universitária, primeiramente, pela leitura dos dados pessoais e socioeconômicos. Observou-se que a maioria da geração universitária da PUC Minas em Poços de Caldas é formada por estudantes/mulheres (52,74%), que se consideram de cor branca (80,2%) e jovens entre as faixas etárias de 19 a 23 anos, a chamada “Geração Z”. Mais da metade dos/as estudantes são oriundos/as das cidades de Minas Gerais. São 25,1% dos/as estudantes respondentes naturais da cidade de Poços de Caldas e 40,2% dos/as estudantes respondentes oriundos/as de outras cidades mineiras.

No questionário indagou-se sobre a residência do/da universitário/a quando cursava a graduação presencialmente, e os resultados obtidos apontaram que 78,9% dos respondentes residiam em Poços de Caldas quando cursavam a graduação presencialmente na PUC Minas em Poços de Caldas. Dos respondentes 13,8% residiam em outras cidades mineiras e 7,3% residiam em outras cidades paulistas circunvizinhas. No tempo pandêmico esse cenário sofreu grande modificação porque muitos/as estudantes retornaram para as suas cidades de origem. A maioria dos/as estudantes ainda reside com seus familiares perfazendo um total de 76,8%; 5,5% moram em repúblicas e pensões; 5,5% com amigos e 5,7% em residência própria.

A grande maioria da geração universitária presente na PUC Minas em Poços de Caldas em 2021 é formada por estudantes solteiros/as (92,4%). Em relação ao trabalho, os dados apontaram que 61,6% não trabalham e só estudam, 12,8% trabalham com carteira assinada e 7,6% trabalham sem carteira assinada; 7,0% fazem estágios remunerados e 4,2% são estagiários/as sem remuneração.

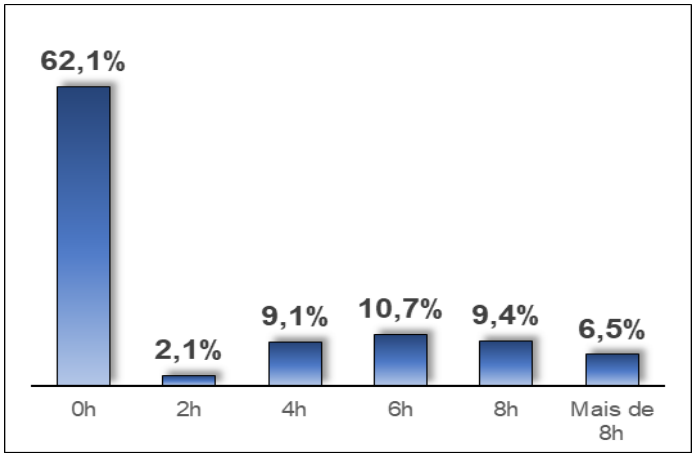
Figura 1: A geração universitária em relação ao trabalho



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Questionou-se o tempo de trabalho dos respondentes e os resultados sinalizaram que 62,1% não trabalham. Os/as estudantes que perfazem 2 horas de trabalho somam 2,1% dos/as respondentes; 9,1% dos/as estudantes trabalham por 4 horas; 10,7% por 6 horas e 9,4% dos estudantes respondentes trabalham até 8 horas por dia.

Figura 2: Tempo de trabalho



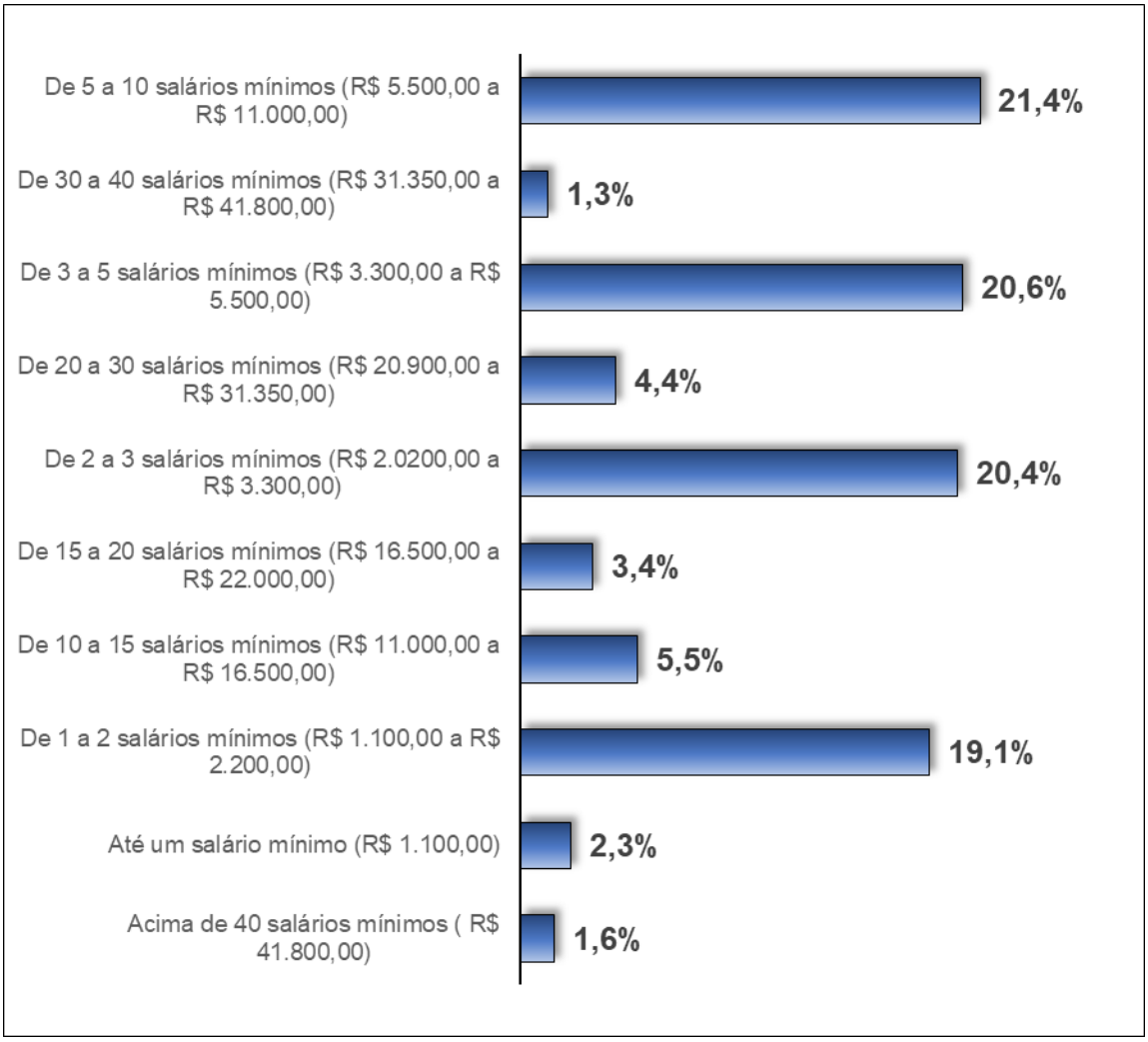
Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A renda familiar dos estudantes que participaram da pesquisa varia entre a faixa de 2 a 10 salários-mínimos, sendo o valor do salário-mínimo vigente no tempo de aplicação do questionário de R$ 1.100,00 (Hum mil e cem reais), de acordo com a MP 1021/2020, com um percentual de aumento de 5,6%[9] do salário-mínimo.

A pergunta dirigida aos estudantes fora sobre a faixa de renda em que se enquadrava a família do/a respondente somando todos os ganhos, mostrou que 2,3% até um salário-mínimo (R$1.110,00); 19,1% de 1 a 2 salários-mínimos (R$ 1.110,00 a R$ 2.220,00); 20,4% de 2 a 3 salários-mínimos (R$ 2.200,00 a R$ 3.300,00); 20,6% de 3 a 5 salários-mínimos (R3.300,00 a R$ 5.500,00) e 21,4% de 5 a 10 salários-mínimos (R$ 5.500,00 a R$ 11.000,00) e 16,2% acima de 10 salários-mínimos (mais de R$ 11.000,00). Em relação à contribuição para a renda familiar os/as respondentes sinalizaram que 70,8% são mantidos/as pela família para cursar a graduação na universidade. Apenas 2,3% disseram ser a principal fonte de renda da família e 17,5% dos/as respondentes contribuem com uma parte para o sustento da família.

[9] O valor do salário-mínimo sofreu alteração no ano de 2021, por ocasião da aplicação do questionário, sendo R$ 1.100, 00 (Hum mil e cem reais), de acordo com a MP 1021/2020, com um percentual de aumento de 5,26%. No ano de 2020 vigorava o valor do salário-mínimo de R$ 1.045,00 (Hum mil e quarenta e cinco reais), segundo a MP 919/2020.

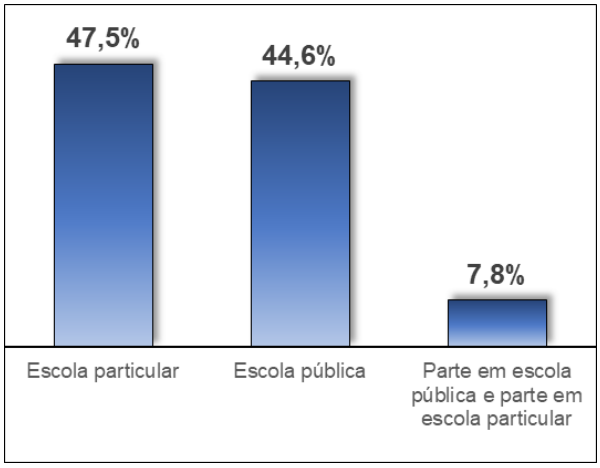
Figura 3: Faixa da renda familiar



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Os dados coletados na pesquisa sobre a educação e o processo de escolarização dos/as estudantes pesquisados/as sinalizaram que, a formação desde os anos iniciais até o ingresso na universidade, aconteceu tanto na escola pública quanto na escola particular. A metade dos/as estudantes cursou em escolas públicas e a outra metade em escolas particulares. Sobre a formação nos anos iniciais (1º ao 4º ano ou 1º ao 5º ano) 44,6% cursaram em escola pública e 47,5% em escola particular.

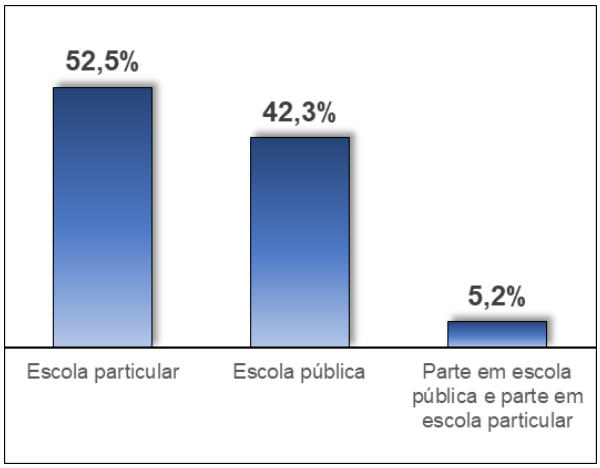
Figura 4: Formação escolar nos Anos Iniciais



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Nos anos finais (4º ao 8º ano ou 5º ao 9º ano) 42,3% em escola pública e 52,5% em escola particular. Há um aumento em relação à formação nos anos finais em escolas particulares.

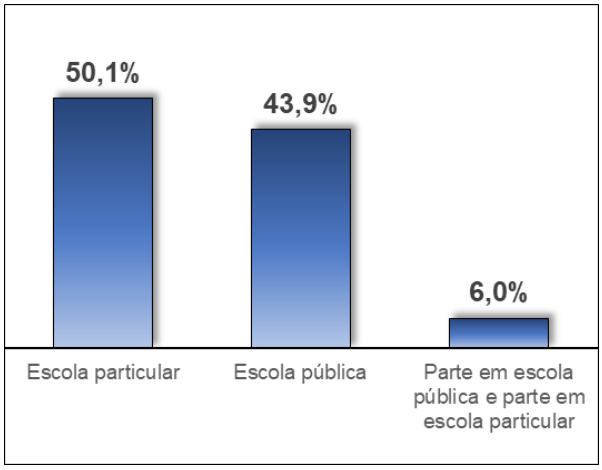
Figura 5: Formação escolar nos Anos Finais



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Em relação ao Ensino Médio 43,9% estudaram em escola pública e 50,1% cursaram em escola particular. Percebeu-se um aumento do número de alunos/as na formação escolar em escolas particulares, certamente em razão da seleção para o ingresso na universidade.

Figura 6: Formação escolar no Ensino Médio



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

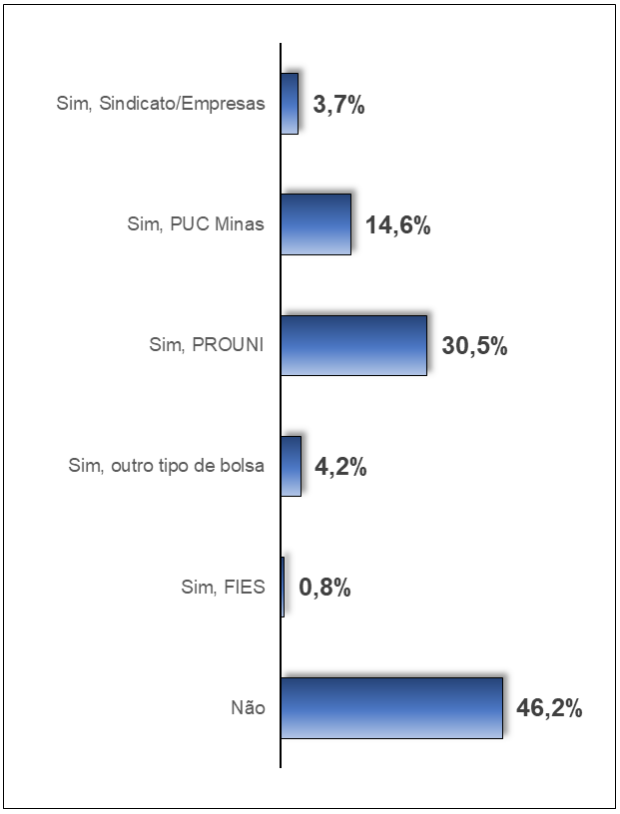
Os/as estudantes avaliaram positivamente a formação escolar que tiveram no decorrer dos anos de escolarização, tanto os anos iniciais como os anos finais. A fase inicial da escolarização (os anos iniciais, ou seja, 1º ao 4º ano ou 1º ao 5º ano): 89% dos/as respondentes avaliaram como muito boa. A formação do Ensino Médio foi avaliada por 74,4% dos/as respondentes como muito boa também. Houve um decréscimo na avaliação dos anos iniciais para o Ensino Médio, mas de um modo geral registrou-se uma boa avaliação da escola pública. Sobre o ingresso na universidade por meio do cursinho 66,3% dos/as respondentes afirmaram que não fizeram cursinho preparatório para entrar na universidade.

Importante destacar que 79,9% dos/das estudantes cursavam a primeira graduação; 11,7% mudaram de curso antes do término e apenas 8,4% são graduados/as em outros cursos. A maioria escolheu o curso de graduação com foco na aptidão e talento pessoal (52,7%). Outros/as apontaram a escolha do curso correlacionada à área de trabalho (26,6%) e apenas 6,5% dos/das respondentes em razão da demanda de mercado (empregabilidade e salário). A grande maioria dos/as estudantes que participou da pesquisa, totalizando 96,1% dos/as respondentes, disseram que estão felizes com a escolha do curso de graduação.

Observou-se nas respostas coletadas que 53,8% dos/as universitários/as estudavam por meio de algum financiamento ou bolsa (PROUNI 30,5%; FIES 0,8%; Sindicato ou Empresa 3,7%; PUC Minas 14,6%; ou outro tipo de bolsa 4,2%) e

46,2% dos/as estudantes não possuem financiamento ou bolsa para cursar a graduação na PUC Minas em Poços de Caldas.

Figura 7: Financiamento ou bolsa para cursar a graduação

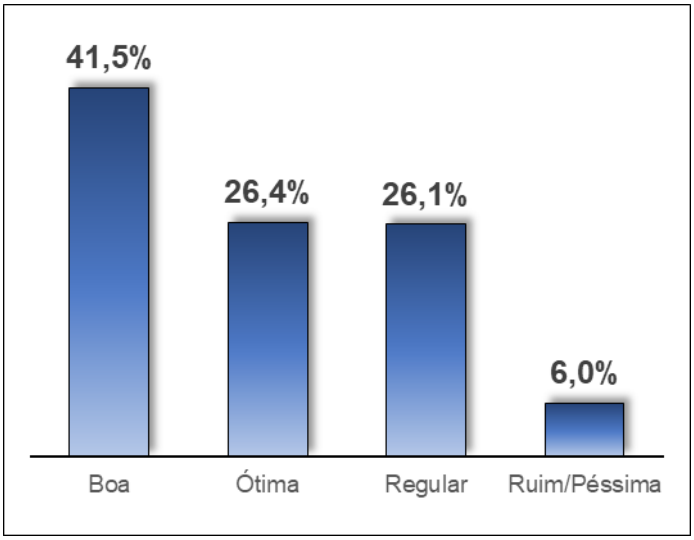


Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Houve a indagação no questionário aplicado sobre a escolaridade dos pais ou das pessoas que criaram ou educaram os/as estudantes, e os resultados em relação à escolaridade das mães ou da figura feminina foram: 32,9% têm Ensino Superior; 27,2% possuem Ensino Médio completo; 4,7% Ensino Fundamental completo; 11,0% Ensino Fundamental até 4º ano; 1,3% de analfabetas ou semianalfabetas e 9,7% têm Especialização (Pós-graduação lato sensu); 1,0% Mestrado e 1,6% Doutorado. De acordo com as respostas apontadas sobre a escolaridade dos pais ou das figuras masculinas que os/as educaram ou criaram: 22,5% Ensino Superior; 29,2% possuem Ensino Médio completo; 18,0% Ensino Fundamental até 4º ano; 6,8% Ensino Fundamental completo; 5,2% Especialização; 3,1% Mestrado; 2,1% Doutorado e 1,6% analfabetos ou semianalfabetos. Um dado interessante é que 3,1% não tiveram pai ou figura masculina que os/as criassem ou educassem.

Os/as estudantes matriculados/as na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas avaliaram positivamente a universidade, num total de 94% dos/das respondentes. Opinaram que a PUC Minas é ótima (54,3%) ou boa (39,7%) e 5,5% como regular. A PUC Minas *Campus* Poços de Caldas recebeu a avaliação de 92,4% dos/as estudantes como muito positiva (56,9% ótima e 35,5% boa) e 6,8% como regular. Em relação geral ao curso que escolheram 92,4% avaliaram como muito bons. Os professores e as professoras foram muito bem avaliados/as em seus conhecimentos acadêmicos e na capacidade de ensinar (90,6% como ótimos). Os serviços de infraestrutura, de atendimento e os canais de comunicação da universidade obtiveram avaliação altamente positiva, mais de 93,9% como ótima e boa. A maioria avaliou a aprendizagem remota positivamente, num total de 67,9%; 26,1% dos/as respondentes avaliaram como regular e apenas 6,0% como ruim ou péssima.

Figura 8: Avaliação da aprendizagem remota

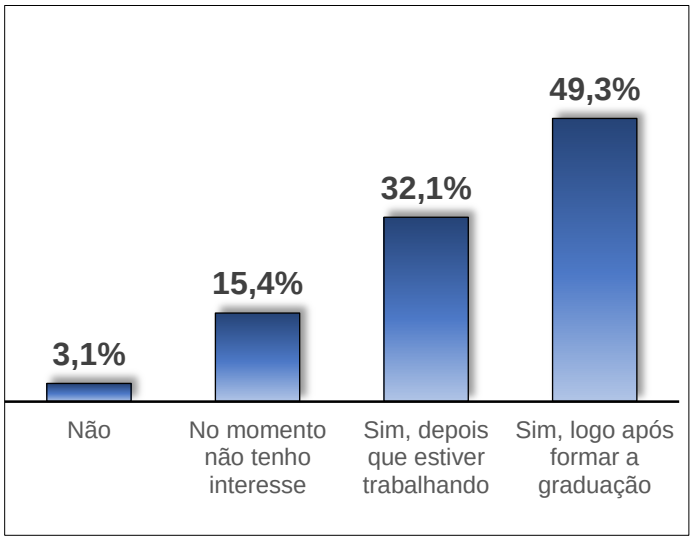


Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Grande parte dos/as acadêmicos/as manifestaram interesse em compartilhar seus conhecimentos com a sociedade e as comunidades carentes: 75,7% demonstraram interesse em participar de atividades extensionistas, sendo que 9,9% já participavam dessas atividades na universidade. Muitos/as estudantes também manifestaram desejo de participar de grupos de pesquisa, somando 78,3 % dos/as respondentes da pesquisa, e 7,6% já participavam de grupos de pesquisa. Percebeu-se ainda que muitos/as pretendem continuar a formação acadêmica na

Especialização ou Mestrado/Doutorado, num total de 81,4% dos/as estudantes, sendo que 49,3% deles logo após a formatura da graduação e 32,1% assim que estiverem trabalhando.

Figura 9: Continuidade da formação acadêmica



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Dentre as disciplinas constantes da grade curricular dos cursos de graduação, a disciplina de Cultura Religiosa compõe o currículo da PUC Minas. A maioria dos/as alunos/as concordaram com o oferecimento da disciplina de Cultura Religiosa na universidade, e 61,9% concordaram que a disciplina contribui para a formação humana e profissional. Num total de 65,5% dos/as respondentes opinaram que a disciplina Cultura Religiosa proporciona abertura ao diálogo e respeito às diferenças existentes na universidade, e mais, favorece a tolerância e o diálogo inter-religioso. Ainda 59,5% disseram que há um despertar para conhecer melhor a religião e viver bem a espiritualidade, em harmonia e respeito à pluralidade religiosa e aos considerados “sem religião”.

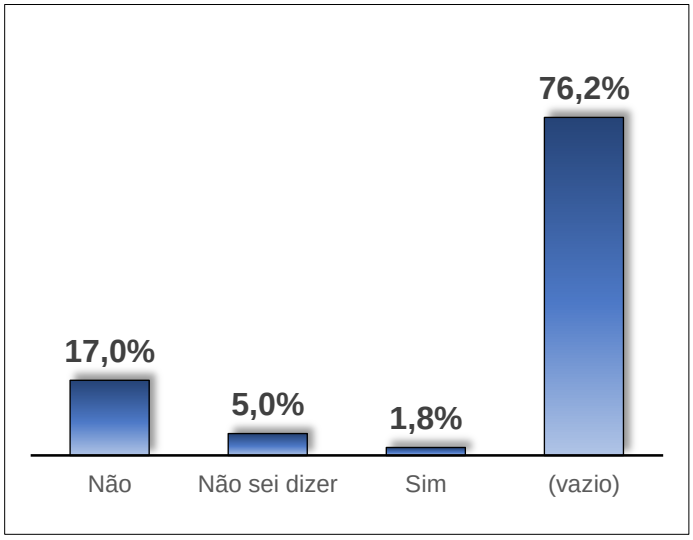
O Serviço de Pastoral da Universidade – SPU, criado na PUC Minas desde 1989, quando apresentou à reitoria da universidade, no ano de 1990, um projeto de pesquisa com o intuito de conhecer a realidade da geração universitária. A pesquisa fora aprovada e ampliada a fim de contribuir também para a gestão universitária. Esse caminho da pesquisa abriu outras oportunidades para escutar as juventudes presentes na universidade em anos posteriores.

A PUC Minas *Campus* Poços de Caldas, desde o ano de 2003, oferece atividades pastorais e evangelizadoras por meio da Pastoral Universitária, que objetiva semear na universidade a cultura do encontro e dos valores humanísticos, acolher e dialogar com esse mundo plural, a partir da articulação dos eixos pastorais, o eixo da espiritualidade, o eixo da formação-reflexão e o eixo socioeducativo.

A pesquisa de 2021 revelou que muitos/as estudantes não conheciam a atuação da Pastoral Universitária ou desconheciam que muitas ações que participaram eram propiciadas pela Pastoral Universitária: 76,2% (383 estudantes) desconheciam a Pastoral e apenas 23,8% conheciam as ações da Pastoral Universitária. As respostas dos que a conheciam 13,1% mostraram que a Pastoral Universitária promove a formação e ação solidária e 10,7% não souberam dizer; 11,7% responderam que a ação pastoral é dialogal e acolhedora e 12% não souberam dizer e 10,2% opinaram que desperta para a espiritualidade, reflexão, e favorece a participação em ação social e política, enquanto que 13,1% não souberem dizer.

Dos/as estudantes que responderam 15,7% disseram que a Pastoral Universitária proporciona momentos celebrativos e religiosos e dialoga com a fé, cultura e outros saberes e 8,1% não souberam dizer. Há a percepção de que a Pastoral Universitária é uma ação necessária na universidade, num total de 17% dos que responderam que conheciam a Pastoral Universitária (91 respondentes), sendo que 5% não souberam dizer e apenas 1,8% opinaram como uma ação desnecessária no âmbito acadêmico. São 292 respondentes que desconheciam as ações da Pastoral Universitária (o registro do vazio no gráfico abaixo representa os/as estudantes que desconheciam a Pastoral Universitária e não opinaram no questionamento feito).

Figura 10: Pastoral Universitária como ação desnecessária

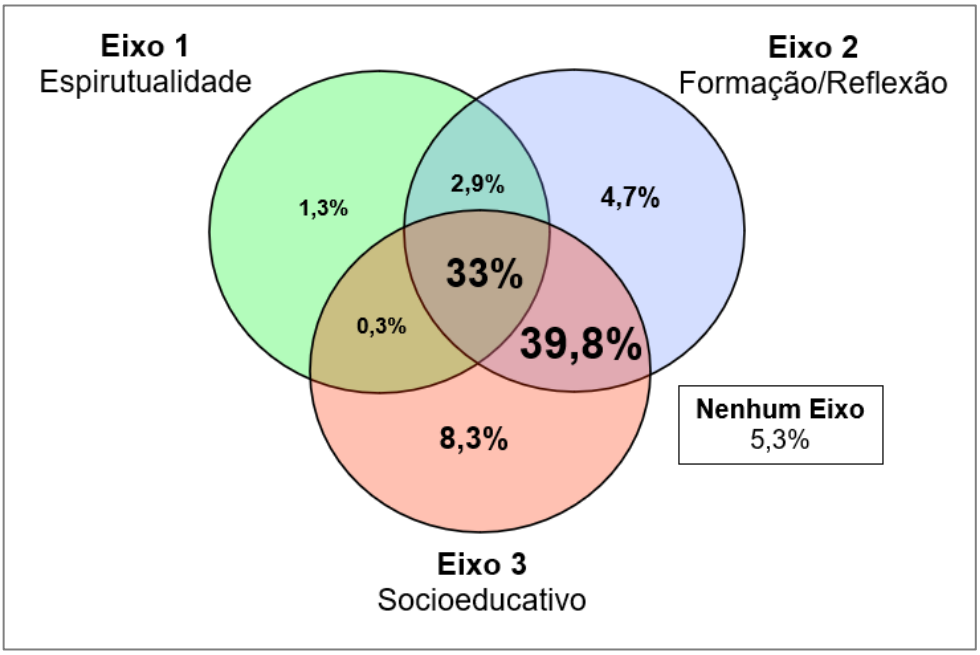


Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A Pastoral Universitária busca sua atuação na comunidade acadêmica, fundamentada pelo equilíbrio dos três eixos pastorais: o eixo da espiritualidade, o eixo da formação-reflexão e o eixo socioeducativo em articulação com o ensino, pesquisa e extensão. Diante do questionamento apresentado aos estudantes, sobre quais os eixos de atuação da Pastoral Universitária que despertariam maior interesse da geração universitária: 39,4% responderam que os eixos de atuação mais interessantes seriam os eixos da formação-reflexão e o eixo socioeducativo, e 32,6% dos/as respondentes opinaram sobre a mantença dos três eixos de atuação da Pastoral Universitária.

Vale a pena acompanhar o resultado dos questionamentos, em forma do diagrama de Venn, para visualizar as respostas dos/as estudantes, em relação aos eixos de atuação - espiritualidade (eixo 1), formação-reflexão (eixo 2) e socioeducativo (eixo 3) - que despertariam mais interesse:

Figura 11: Diagrama de Venn sobre os eixos de atuação da Pastoral Universitária

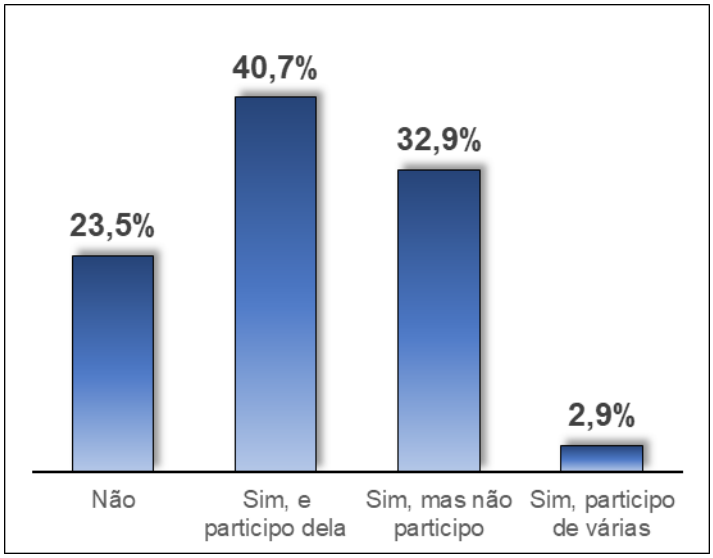


Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A pesquisa de 2021 centrou ainda em dois outros campos de investigação da geração universitária: os campos religioso e político. Eles despertam muito interesse de análise comparativa com outras gerações pesquisadas, em que se buscaram os perfis dessas gerações em anos anteriores. O perfil religioso da geração universitária, a religiosidade declarada pelos/as estudantes, desde a infância até aos dias de hoje, são de extrema importância para as pesquisas. E o perfil político, a visão de mundo e a participação no cenário político do país nos ajuda a compreender esta geração universitária que nos circunda e exige de todos e todas os novos pensares e ações.

A pergunta dirigida aos estudantes - “você tem religião?”, obteve os seguintes resultados: 40,7% responderam que têm religião e participam dela; 32,9% têm religião, mas não participam; 23,5% não têm religião e 2,9% participam de várias religiões, têm dupla e/ou tripla pertença religiosa.

Figura 1: Religiosidade/participação e não religiosidade

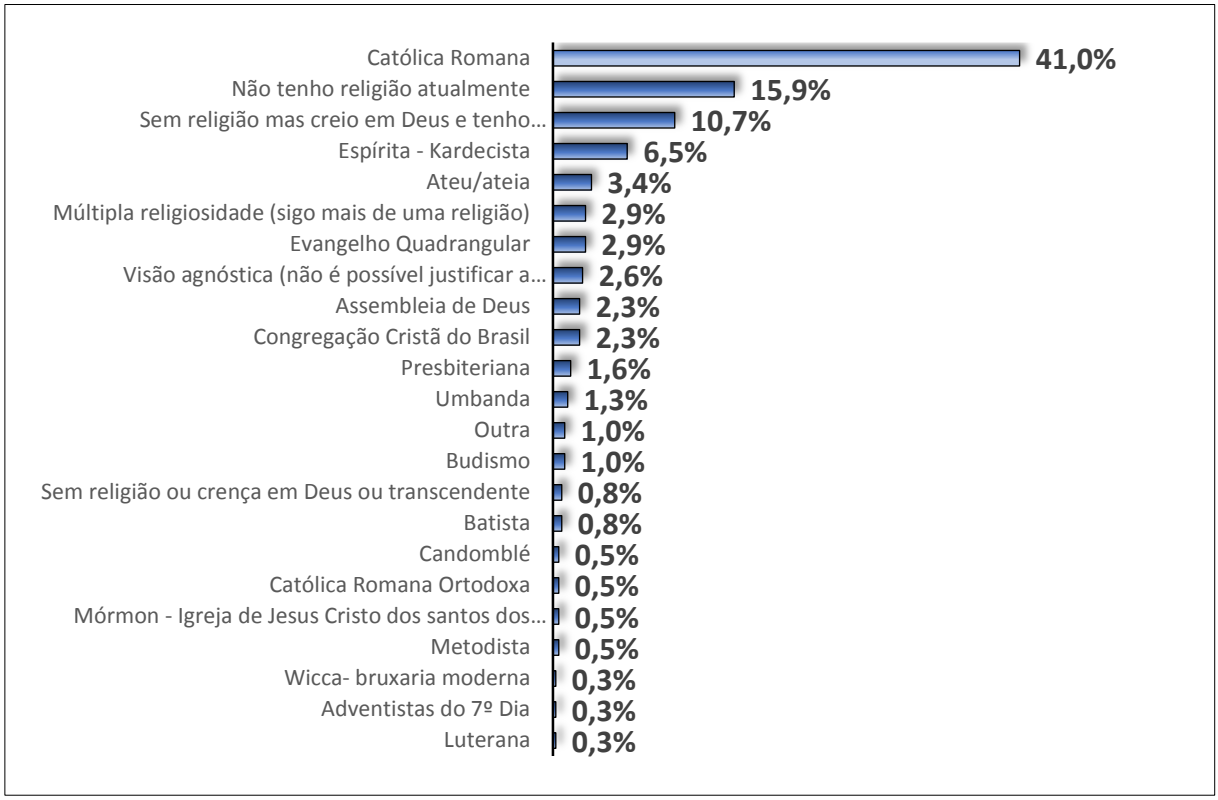


Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Cabe ressaltar o pertencimento religioso e a predominância do catolicismo num ciclo da vida e o declínio ao longo dos anos. Na infância, a religião Católica Apostólica Romana dominava a pertença dos/as estudantes, com 72,3% dos/as estudantes que responderam e disseram pertencer ao catolicismo. Importante observar ainda outro dado da pesquisa em que 4,4% dos estudantes responderam que não tiveram religião na infância. Na adolescência foram 11,1% que disseram não ter religião. Ainda na adolescência, diante da pergunta dirigida sobre a religião professada 54% dos/as respondentes disseram ser católicos/as. Houve um crescimento do ateísmo e das pessoas chamadas “sem religião”, mas com crença em Deus e uma espiritualidade própria (5%).

Sobre a religião atual dos/as estudantes 41% disseram ser católicos/as. Verificou-se que a pluralidade religiosa se tornou evidente, e que o espectro das religiões aumentou, mas ainda assim 53% se consideraram cristãos e cristãs. Dos/as respondentes sobre a religião praticada 15,9% dos/as estudantes disseram que não têm religião atualmente. Cresceu ainda o número de estudantes “sem religião, que se disseram crentes em Deus e com espiritualidade própria”, totalizando 10,7% dos/as respondentes.

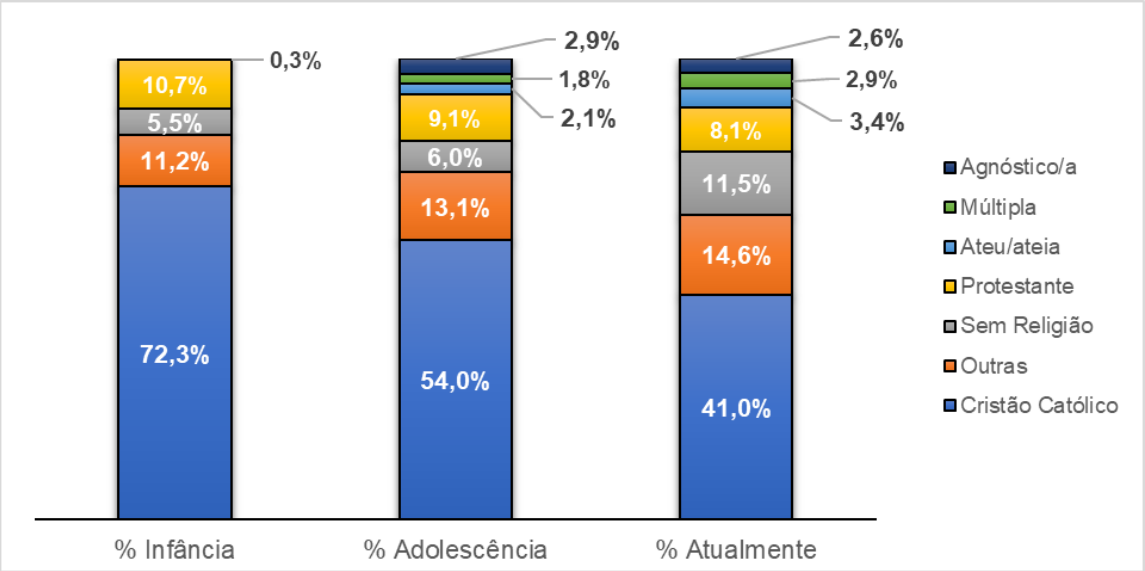
Figura 12: Pertencimento religioso atual da geração universitária



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Portanto, vale destacar os gráficos resultantes das perguntas aplicadas ao questionário da pesquisa de 2021 sobre a religião dos/as estudantes universitários: seguem os registros apontados abaixo do gráfico comparativo que mostra o decréscimo da religião católica no decorrer dos ciclos da vida (infância, adolescência, e atual), o aumento no espectro do pertencimento religioso e o número significativo dos/as estudantes que declararam que têm espiritualidade própria, mas sem pertencimento às religiões instituídas.

Figura 13: Religião nos ciclos da vida

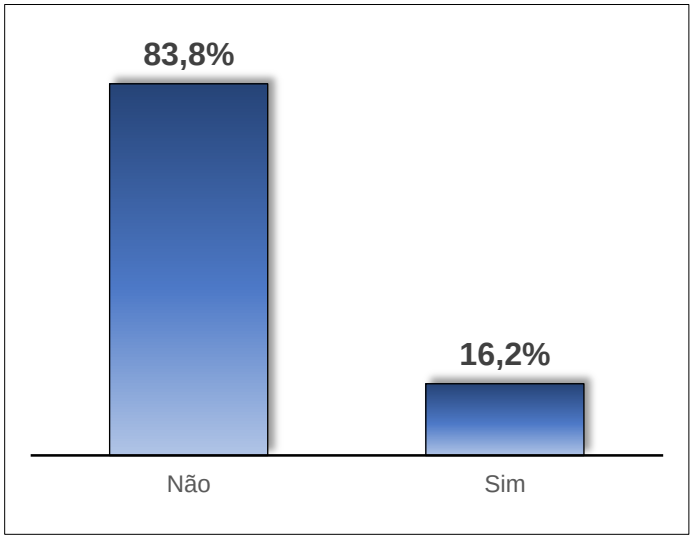


Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Muitos/as estudantes respondentes da pesquisa 2021 avaliaram positivamente a religião que receberam na infância (62,9%) e outros avaliaram negativamente (15,4%). Perguntou-se ainda se dariam educação religiosa a seus filhos/as e 63,4% disseram que sim; 21,7% não souberam dizer, e 8,1% pontuaram que não dariam educação religiosa. Dos/as respondentes nessa questão de dar educação religiosa aos filhos/as 6,8% disseram não querer ter filhos/as.

A grande maioria dos/as estudantes convive bem com a diversidade religiosa (96,6%) e 83,8% dos/as estudantes opinaram que o mundo seria melhor com a religião. Percebeu-se que a geração universitária considera a religiosidade uma dimensão humana importante na formação integral e na busca de sentidos; apenas 16,2% dos/as respondentes opinaram que o mundo seria melhor sem a religião.

Figura 14: Mundo sem religião?



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

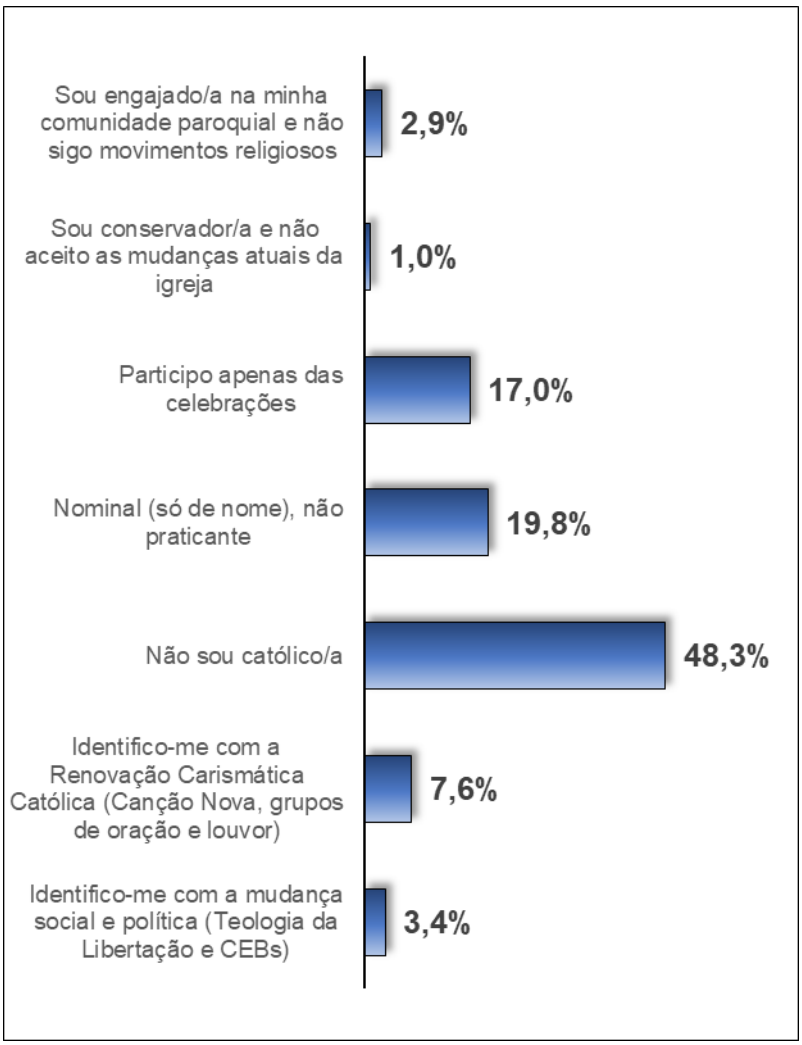
Foram coletadas as opiniões dos/as estudantes sobre a liderança atual do Papa Francisco e as novas posturas de seu pontificado no mundo contemporâneo. Perguntou-se também sobre os sinais de mudanças na Igreja Católica, decorrentes desse tempo de governo pautado pela sinodalidade (comunhão e participação de todas as pessoas nos processos de construção coletiva, o "caminhar juntos", mesmo na pluralidade e diversidade) e pela colegialidade (comunhão entre os pares e decisões tomadas conjuntamente). Dos/as respondentes 91,7% concordaram com os pensamentos, posturas e as mudanças propostas pelo líder da Igreja Católica; 95,3% concordaram com a reflexão e a visão do Papa Francisco sobre os graves problemas socioambientais e econômicos pontuados em seus documentos, que interferem e devastam o planeta Terra, chamado de Casa Comum.

O campo religioso não pode ser relegado na identificação e análise do perfil da geração universitária, porque esse campo contribui para conhecer esse multiverso, e assim, abrir possibilidades de diálogo e ação no âmbito universitário. As crenças e descrenças, as formas novas de relação com o sagrado, as manifestações religiosas, apontam uma dimensão crucial da geração universitária que merece estudo e acompanhamento.

A pesquisa trouxe ainda o questionamento, para ser dirigida aos estudantes que se identificam como católicos/as – "para você que expressão justifica melhor o

seu jeito de ser católico/a?", e havia a possibilidade de escolher a opção "não sou católico/a". Muitos/as respondentes se posicionaram como não católicos/as (48,3%). Dos que se disseram católicos/as: 19,8% são católicos/as não praticantes, os/as chamados/as "católicos/as só de nome", e 17% disseram participar somente das celebrações. Ainda há aqueles/aquelas que disseram ser engajados/as nas comunidades paroquiais e não participavam de nenhum movimento religioso (2,9%). Os que se identificaram com o movimento da Renovação Carismática Católica foram 7,6%; os que se identificaram com a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base foram 3,4%, já os conservadores e que não aceitavam mudanças na Igreja representavam 1,0%.

Figura 15: Tipologia da catolicidade



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Foram inquiridos/as sobre algumas questões religiosas interessantes: primeiro em relação à concordância ou discordância referente à castidade antes do casamento. A grande maioria, ou seja, 84,9% dos/as respondentes discordaram totalmente e 15,1% ainda concordaram com essa orientação. Noutra questão, a pesquisa apontou que 95,3% dos/as respondentes disseram que discordavam da orientação religiosa sobre a proibição do uso da camisinha nas relações sexuais. Em relação à revelação de Deus nas diferentes religiões, muitos/as estudantes, num total de 85,9% concordaram que Deus se revela de diversas maneiras à humanidade e apenas 14,1% discordaram que Deus se manisfesta nas diferentes religiões.

A opinião colhida em relação ao homem ser a cabeça da família, a pesquisa apontou uma geração desfavorável ao machismo e ao patriarcado: 89% discordaram da ideia de que o homem deva ter essa centralidade. E mais, diante da pergunta se a liderança religiosa só pode ser exercida por homens, 94,5% dos/as respondentes discordaram desse modo de pensar. Muitos/as opinaram que não existe religião falsa, pois todas as religiões são verdadeiras, num total de 70,8%. Vê-se uma geração universitária que respeita a pluralidade religiosa, pois apenas 29,2% discordaram dessa opinião de que todas as religiões são verdadeiras.

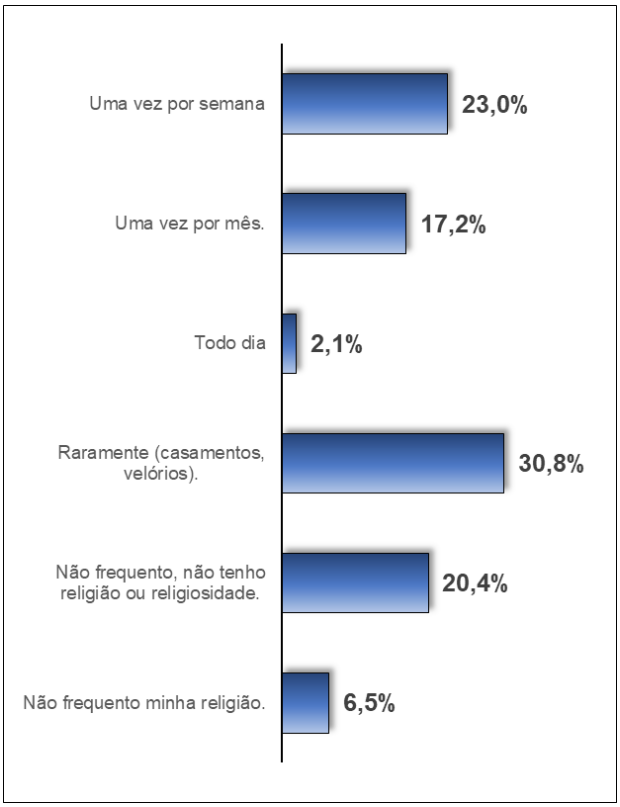
A manifestação religiosa é inerente à vida humana. As pessoas, em sua grande maioria, são religiosas e expressam sua religiosidade no decorrer da vida. Muitos/as estudantes disseram que a religião ajuda na vida pessoal, coletiva e profissional (88,8%), portanto, revela que a dimensão religiosa e a pluralidade religiosa continuam importantes para essa geração universitária.

Verificou-se pela análise das respostas coletadas que há mais tolerância em relação às outras formas de manifestação e de práticas religiosas. Como se percebeu pelas respostas de 72,6% dos/as estudantes que se mostraram favoráveis aos benefícios que os benzimentos, as benzedeiras e os benzedeiros trazem às pessoas e à comunidade. Apenas 27,4% discordaram dos benefícios que os benzimentos podem proporcionar às pessoas e à comunidade.

A importância da dimensão da espiritualidade para a formação humana integral foi pontuada por 72,6% que se posicionaram de acordo e 6% em desacordo. Perguntou-se sobre a frequência de participação dos/as estudantes nas celebrações

religiosas que pertenciam: 20,4% disseram que não frequentavam pois não tinham religião ou religiosidade; 23% participavam uma vez por semana; 30,8% participavam raramente (casamentos e velórios); 17,2% iam uma vez ao mês.

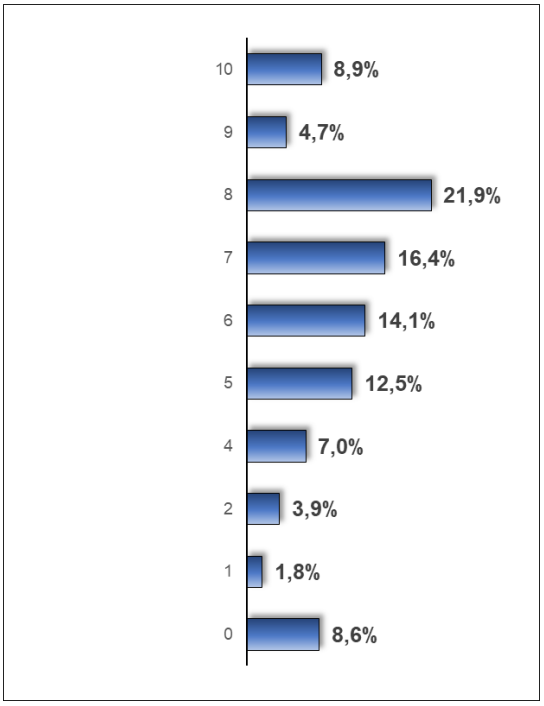
Figura 16: Frequência de participação nas celebrações religiosas



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Pediu-se para que avaliassem o grau de espiritualidade que percebiam em suas vidas: 8% disseram não ter espiritualidade; 67,9% avaliaram entre 8 a 6 o grau de espiritualidade; 12,2% dos/as estudantes respondentes disseram ter de 9 a 10 o grau de sua espiritualidade.

Figura 17: Grau de espiritualidade



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

As perguntas direcionadas para análise dos dados colhidos em relação ao tempo gasto semanalmente com atividades de lazer, atividades religiosas e encontros familiares antes da pandemia foram importantes para traçar o perfil da geração universitária. Apontou-se que 28,2% dos respondentes não frequentavam academia; 25,1% ficavam de 2 a 4 horas; 16,7% ficavam 5 a 7 horas; 7,8% mais de 10 horas por semana. Em relação às horas gastas com as atividades religiosas: 37,9% disseram não participar de atividades religiosas; 35% participavam 1 hora uma vez por semana; 20,9% participavam de 2 a 4 horas por semana.

As horas gastas com os encontros familiares: 29,5% de 2 a 4 horas por semana; 26,1% de 5 a 7 horas por semana; 15,4% mais de 10 horas por semana; e 9,7% não tinham tempo para encontros com a família na semana. As horas gastas por semana com esportes, caminhadas, corridas e atividades ao ar livre: 25,6% gastam 1 hora; 32,1% gastam de 2 a 4 horas; 17,8% de 5 a 7 horas e 17,2% não gastam horas com estas atividades esportivas.

Observou-se também o tempo dedicado pela geração universitária às atividades de festas, às redes digitais, às leituras e aos estudos. O tempo gasto por

semana com festas, baladas e bares: 37,3% não frequentavam festas, baladas e bares; 13,8% gastavam 1 hora por semana; 26,9% de 2 a 4 horas; 12,8% de 5 a 7 horas gastas por semana com estas atividades de lazer.

O tempo usufruido com a navegação na internet e mídias digitais registraram que: 51,7 % ficavam mais de 10 horas na internet; 17,5% dos/das respondentes de 8 a 10 horas e 18% dos/as estudantes de 5 a 7 horas por semana. Sobre as horas dedicadas aos estudos além das aulas por semana apontaram os seguintes resultados: 23,8% gastavam de 5 a 7 horas; 28,2% de 2 a 4 horas por semana; 12% de 8 a 10 horas por semana; 29,5% mais de 10 horas e 5,9% apenas uma hora de dedicação aos estudos por semana.

As horas gastas com leituras por semana ficaram registradas da seguinte forma de acordo com as respostas colhidas: até 1 hora 20,4% dos/as estudantes; de 2 a 4 horas 36,8% dos/as respondentes; de 5 a 7 horas 17,8% dos/as estudantes; mais de 10 horas por semana foram 9,4% e apenas 8,6% não gastam tempo com a leitura durante a semana. O tempo gasto para ver filmes e séries por semana apontaram que: 41,8% assistiam de 2 a 4 horas; 18,8% de 5 a7 horas; 9,9% de 8 a 10 horas e 10,7% mais de 10 horas do tempo dedicado.

Tabela 2: Horas semanais gastas nas atividades

	0h	Até 1h	2 a 4h	5 a 7h	8 a 10h	Mais 10h
Academia	28,2%	14,4%	25,1%	16,7%	7,8%	7,8%
Religião	37,9%	35%	20,9%	2,6%	2,1%	1,6%
Família	9,7%	11%	29,5	26,1%	8,4%	15,4%
Esporte	17,2%	25,6%	32,1%	17,8%	4,2%	3,1%
Festas	37,3%	13,8%	26,9%	12,8%	5%	4,2%
Internet	0,3%	1%	11,5%	18%	17,5%	51,7%
Estudo	1,3%	5,5%	28,2%	23,8%	12%	29,2%
Leitura	8,6%	20,4%	36,8%	17,8%	7,0%	9,4%
Filme/série	2,6%	16,2%	41,8%	18,8%	9,9%	10,7%

Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A pesquisa de 2021 indagou sobre os valores apontados como importantes e as metas de vida que favoreceram traçar o perfil da geração universitária contemporânea, e permitiram conhecer essa realidade sociocultural. Entre os valores citados estão a amizade, a defesa do meio ambiente, Deus, o diálogo inter-religioso, o esporte, o estudo, a família, a política e o exercício da cidadania, as redes digitais, a vida amorosa, o sexo, entre outros.

A amizade é um valor extremamente importante para a geração universitária, 80,7% apontaram como “muito importante” e 16,7% como “importante”. Destacaram a defesa do meio ambiente como um valor essencial, sendo que 85,4% opinaram como um valor “muito importante” e 12,3% como “importante”. Perguntados sobre a importância de Deus na vida deles 86,2% opinaram que é muito importante e apenas 8,9% disseram que Deus não tem importância em suas vidas. O diálogo entre as religiões foi destacado como ponto preponderante para essa geração universitária, pois 87,5% valoraram a essencialidade dialogal entre as diferentes religiões e expressões de religiosidade e não religiosidade. Enquanto que 3,7% não viram importância nesse diálogo entre as religiões. Demonstraram ainda como pontos importantes: a família (99,7%), os estudos que foram bem valorados (99,2%) e a prática esportiva (81,2%).

O grau de importância creditado às redes digitais merece destaque, porque a chamada Geração Z é considerada “nativa digital”, o maior grupo da geração universitária, e nasceram na era da ebulição das redes digitais, portanto, a pesquisa apontou que 73,4% disseram ser “muito importante” e 24,5% dos respondentes como “pouco importante”. O uso de redes digitais em sua grande maioria é para “passar tempo” (40,7%) e para obter informações (25,3%). Os/as respondentes também indicaram que utilizavam as redes digitais para fazer amizade (11%); relacionamentos amorosos (4,4%); estudos (14,6%) e para relações profissionais (4,9%).

Em relação ao amor e ao sexo os/as respondentes consideraram que a vida amorosa e sexual são importantes: 86,7% dos/as respondentes consideraram a vida amorosa essencial e 73,1% responderam que o sexo é importante; 21,4% acham o sexo “pouco importante” e 5,5% “sem importância” para a vida.

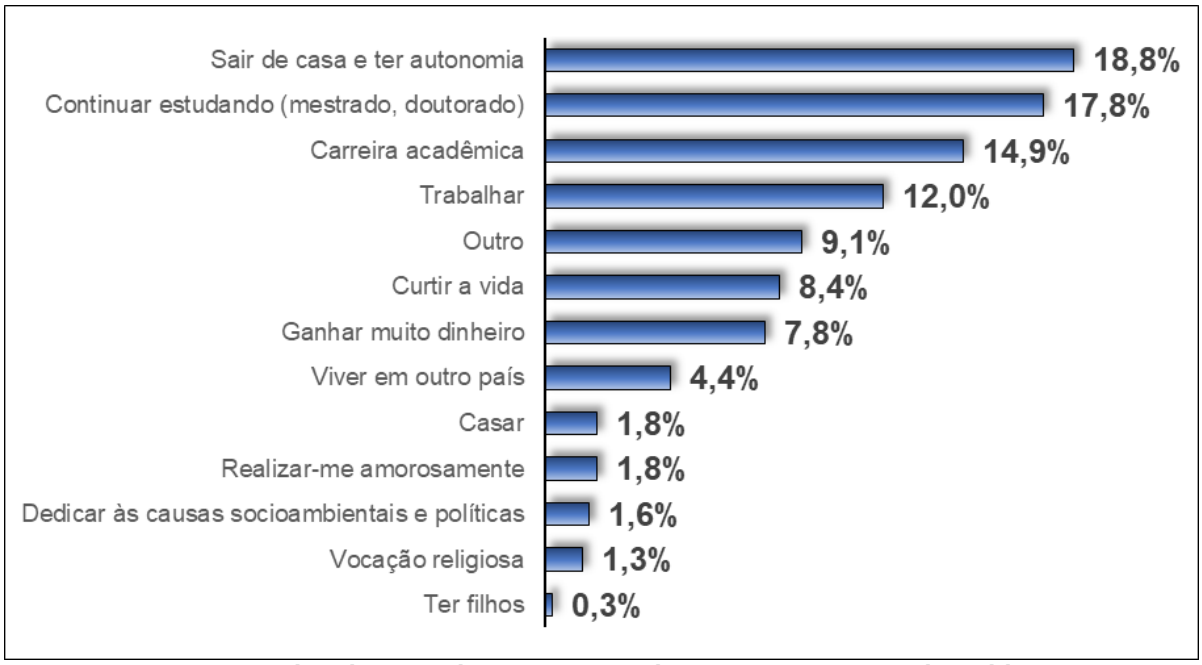
Tabela 3: Importância dos valores

Valores %	Importante	Muito importante	Pouco importante	Sem importância
Família	9,9	89,8	0,3	-
Estudo	15,4	83,8	0,8	-
Amizade	16,7	80,7	2,1	0,5
Meio Ambiente	12,3	85,4	2,3	-
Cidadania/política	28,7	65,5	5,7	-
Deus	19,6	66,6	5,0	8,9
Amor	41,0	45,7	12,0	1,3
Diálogo/religiões	32,9	54,6	8,9	3,7
Redes Digitais	47,8	25,6	24,5	2,1
Sexo	48,3	24,8	21,4	5,5

Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A pesquisa questionou sobre as principais metas de vida atualmente da geração universitária, e em razão da concentração do maior número de estudantes na faixa etária de 19 a 23 anos, a principal meta de vida apontada foi “sair de casa e ter autonomia” (18,8%), em seguida, “continuar estudando” (17,8%); a carreira acadêmica: mestrado/doutorado (14,9%); trabalhar (12%); ganhar muito dinheiro (7,8%); curtir a vida (8,4%); viver em outro país (4,4%); dedicar-se às causas socioambientais e políticas (1,6%); casar-se (1,8%); realizar-se amorosamente (1,8%); vocação religiosa (1,3%) e ter filhos (0,3%). Abaixo segue o gráfico que retratou as principais metas dos/as respondentes:

Figura 18: Principais metas de vida



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas

O campo político e a conscientização do exercício da cidadania são importantes a serem observados para sinalizar a cosmovisão e atuação concreta da geração universitária na transformação sociocultural e política e na construção de um mundo mais justo e igualitário. Sobre o exercício da cidadania e a política, os/as estudantes que participaram da pesquisa, opinaram que a política e o exercício da cidadania são valores essenciais (65,5% “muito importante” e 28,7% como “importante”), e na contramão, apenas 5,7% dos/as estudantes apontaram como “pouco importante” esses valores democráticos.

Muitos/as estudantes (93,2%) apontaram que as manifestações de rua, o exercício da cidadania, a luta coletiva pelos direitos ajudam a melhorar a visão de mundo; a mudar o cenário político do país e contribuem para um maior engajamento sociopolítico.

Ainda persiste uma descrença da atuação dos políticos, porque a pesquisa apontou que 59,8% dos/as estudantes percebem que muitos políticos visam seus próprios interesses e se desvinculam das lutas pelo bem comum. Porém, 40,2% discordam da afirmação de que os políticos sejam todos iguais e olhem só para seus próprios interesses. Mas é muito interessante observar, que ao mesmo tempo, acreditam que a participação política, o acompanhamento e a fiscalização da

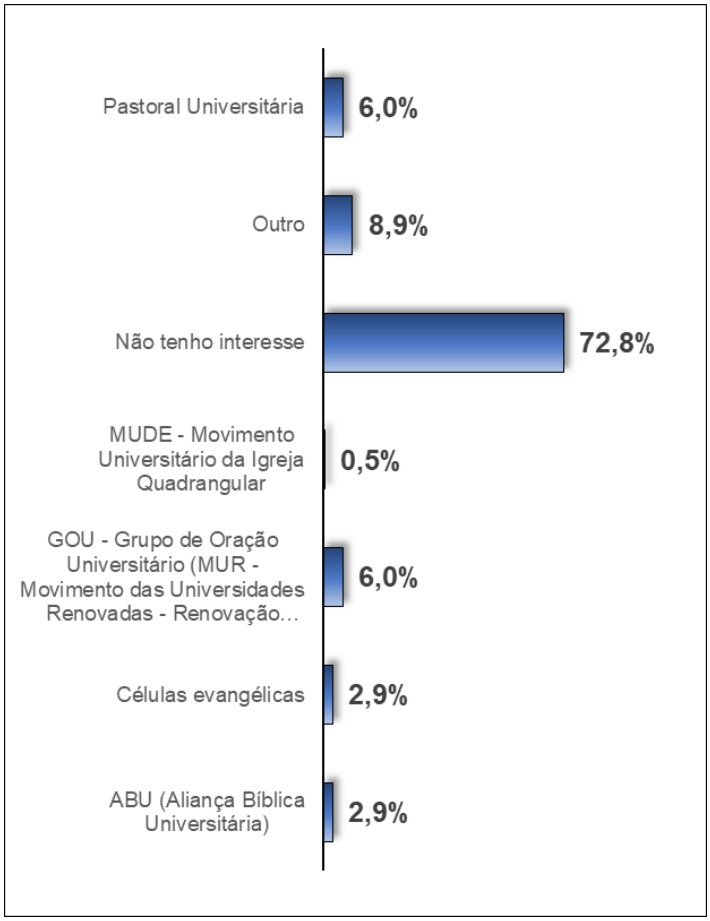
atuação dos representantes eleitos favorecem a mudança sociopolítica do país (94,2% dos/as respondentes).

Perguntou-se aos estudantes se as políticas públicas como bolsa-família e auxílio emergencial deveriam acabar e 95,8% se mostraram favoráveis a essas políticas públicas. Apenas um número ínfimo se posicionou contrário às políticas públicas mencionadas. Dos/as respondentes 88,5% concordam com as políticas públicas de acesso às universidades, e se mostraram favoráveis às “cotas para a universidade”.

A pesquisa também perquiriu sobre o interesse de participação da geração universitária em grupos e movimentos religiosos, sociopolíticos e acadêmicos, culturais, partidários, coletivos, ambientais, voluntariado dentro e fora da universidade. Esses interesses de participação nesses grupos ou movimentos políticos e/ou religiosos contribuem para sinalizar o perfil da geração universitária.

Desse modo, os resultados obtidos demostraram que 72,8% dos/as estudantes não tinham interesse na participação de grupos e movimentos religiosos na universidade; 6% tinham interesse em participar dos Grupos de Oração Universitário (GOU – Movimento das Universidades Renovadas – Renovação Carismática Católica); 6% Pastoral Universitária; 2,9% em células evangélicas e 2,9% ABU (Aliança Bíblica Universitária).

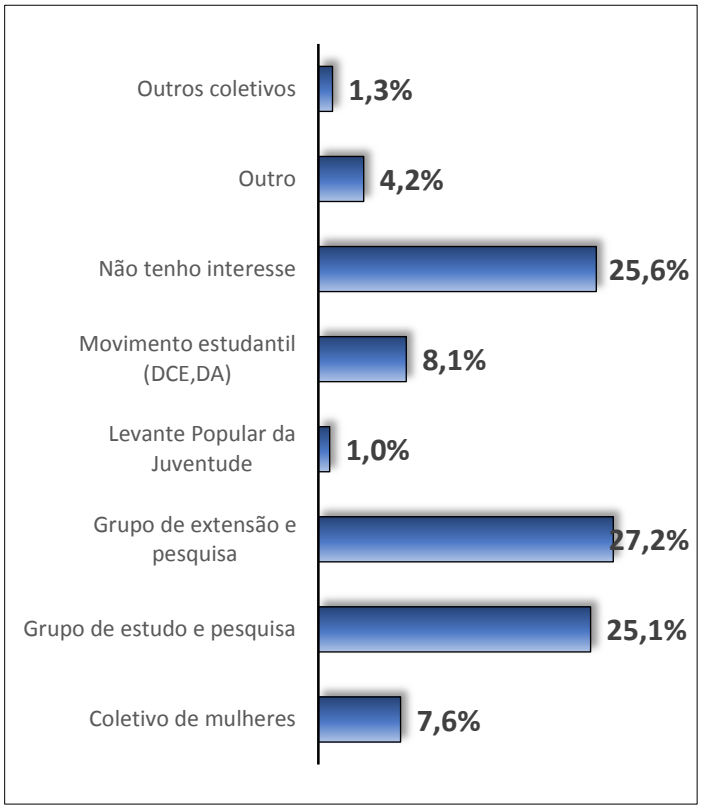
Figura 19: Interesse em movimentos ou grupos religiosos na universidade



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Sobre o interesse de participar em movimentos e grupos sociopolíticos e acadêmicos dentro da universidade os/as respondentes se manifestaram da seguinte forma: 25,6% disseram que não tinham interesse nesses grupos; 27,2% em grupos de extensão e pesquisa; 25,1% em grupos de estudo e pesquisa; 7,6% em coletivos de mulheres; 8,1% em movimentos estudantis (DCE, DA).

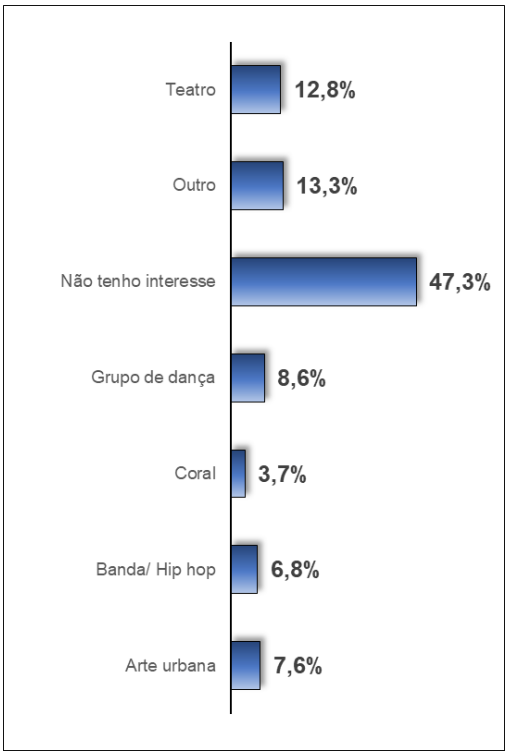
Figura 20: Interesse em movimentos ou grupos sociopolíticos/acadêmicos na universidade



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

E sobre a participação em grupos e movimentos culturais também dentro da universidade os resultados foram os seguintes: 47,3% não tinham interesse nos grupos culturais; 12,8% em teatro; 8,6% dança; 7,6% em arte urbana; 6,8% hip hop; 3,7% coral e 13,3% em outros grupos não mencionados.

Figura 21: Interesse em movimentos ou grupos culturais na universidade



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A pergunta sobre a participação em grupos e movimentos fora da universidade, como grupos religiosos, associação de moradores, conselhos municipais, voluntariado, movimentos sociais, sindicato, partido político e outros, obteve-se os seguintes resultados: 30,8% dos/as respondentes não tinham interesse em nenhum dos grupos indicados fora da universidade; 30,8% tinham interesse em voluntariado; 15,7% em movimentos sociais; 5% em grupos religiosos; 3,9% em conselhos municipais; 3,1% em partidos políticos; 1,0% em associação de moradores.

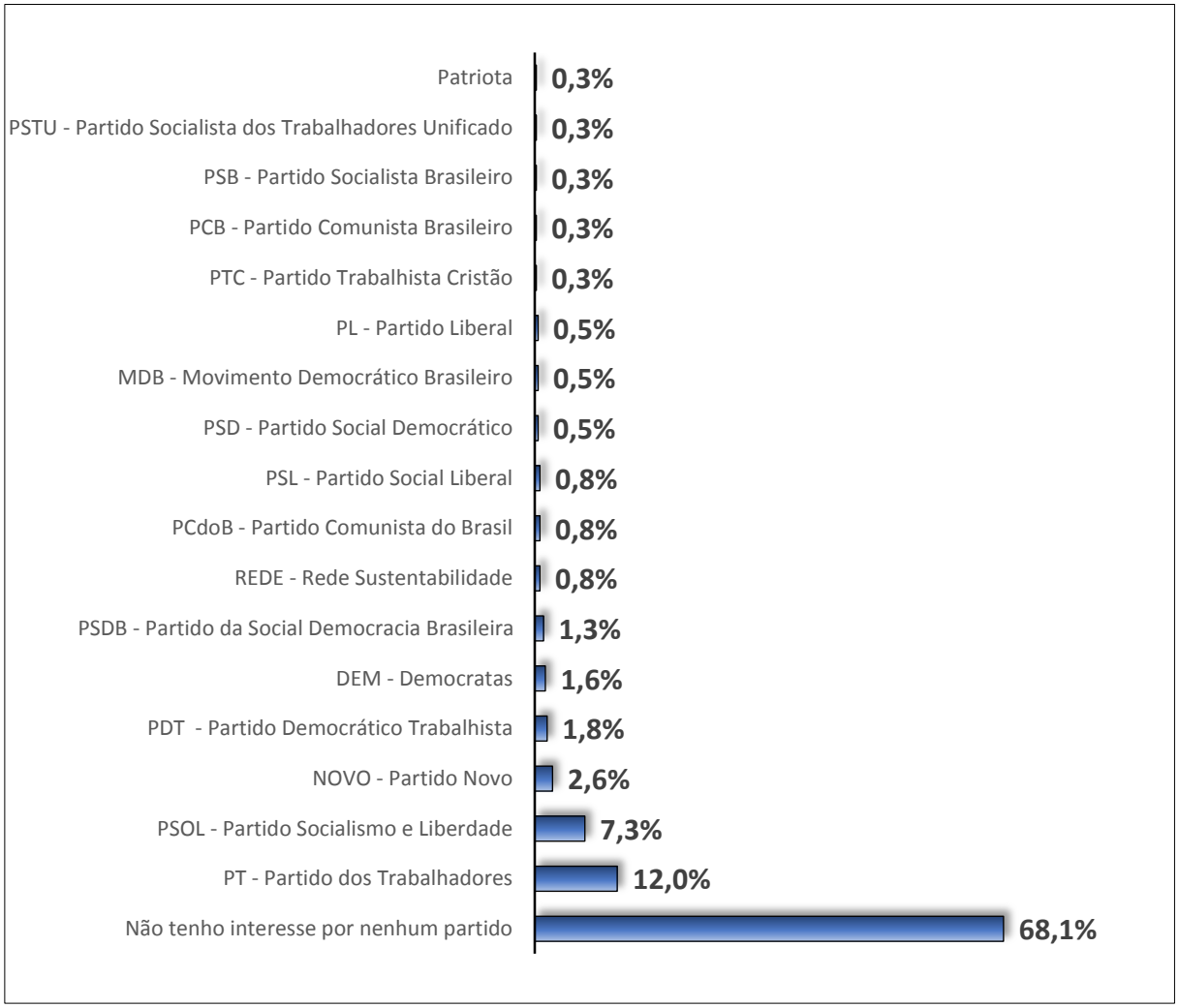
Figura 22: Interesse em movimentos ou grupos fora da universidade

Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Houve o questionamento sobre a preferência político-partidária da geração universitária. A pergunta dirigida aos estudantes foi – “qual partido político você prefere?”, com os seguintes os resultados: 68,1% assinalaram a opção “não tenho interesse por nenhum partido político”, e o partido do PT (Partido dos Trabalhadores) recebeu 12% da preferência dos/as respondentes, seguido pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) com 7,3%; o NOVO com 2,6%; PDT (Partido Democrático Trabalhista) com 1,8% e PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) com 1,3%.

Parece paradoxal que um número grande de estudantes escolhera a opção de desinteresse por partido político, porque também uma grande maioria dos/as respondentes disse que a política e o exercício da cidadania eram capazes de mudar o país. Veem a política como um meio eficaz de transformação; creem em outras formas de exercício da cidadania e pressão política, ao mesmo tempo que descreem das instituições políticas partidárias como hoje estão constituídas e organizadas.

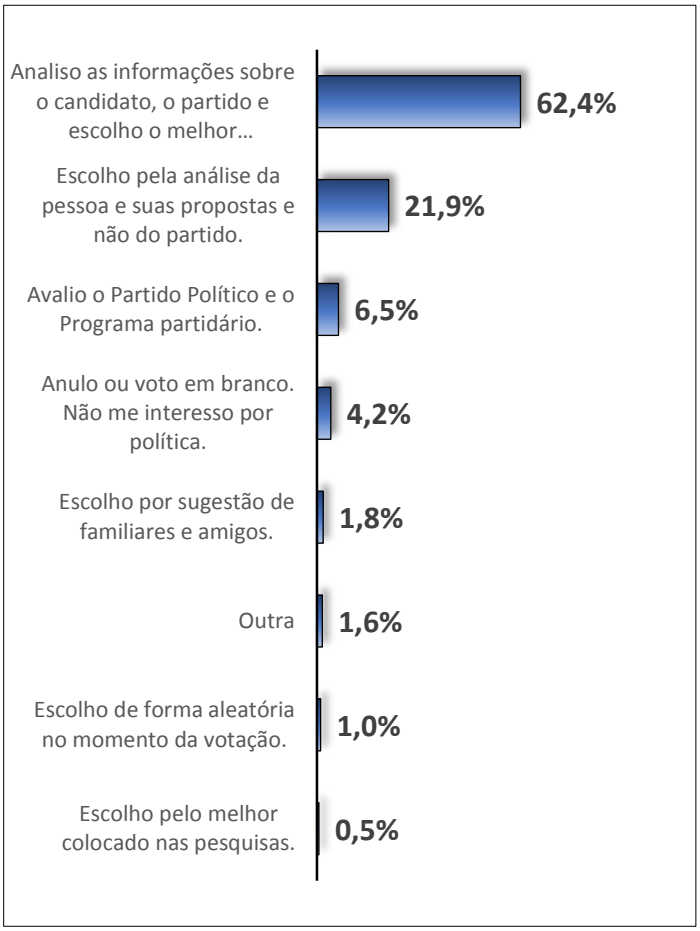
Figura 23: Preferência político-partidária



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Perguntou-se sobre os critérios que os/as universitários/as utilizavam para a escolha do/a candidato/a no dia da eleição, e 62,4% disseram que analisavam as informações sobre o/a candidato/a, o partido político e escolhiam o/a melhor representante para melhorar a vida do povo; 21,9% escolhiam pela análise da pessoa e suas propostas e não pelo partido político; 6,5% escolhiam pelo partido político e o programa partidário e 4,2% disseram que anulavam ou votavam em branco porque não se interessavam por política.

Figura 24: Critérios para escolha dos/as candidatos/as eleitorais



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A geração universitária contemporânea traz posicionamentos importantes e com implicações nos cenários sociopolíticos, culturais e religiosos. Vale acompanhar as respostas apontadas, e assim perceber como as juventudes têm consciência política e querem um mundo mais humano e mais justo:

Tabela 4: Posicionamentos sociopolíticos %

Questões	Concordo	Concordo totalmente	Discordo	Discordo totalmente
Direitos Humanos só defendem bandidos	8,4	2,6	38,4	50,7
Deve-se reduzir a maioridade penal	33,7	11,7	27,7	26,9
Deve-se descriminalizar o aborto	28,5	43,1	15,1	12,5

A economia deve prevalecer sobre a vida e o meio ambiente	12,3	1,3	38,1	48,3
A diversidade cultural e religiosa traz benefícios para a sociedade	50,7	43,1	4,7	1,6
Política e religião não se discutem	13,8	7,3	45,4	33,4
A falta de articulação entre os entes federativos prejudicou o enfrentamento no combate à pandemia	35,5	60,1	3,7	0,8
A polarização e a falta de diálogo impedem a construção de novos caminhos para a sociedade mais justa	41,0	56,7	1,6	0,8

Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Na última parte do questionário de 134 perguntas, algumas indagações sobre a sexualidade e a fecundidade foram apresentadas e dos/as 383 respondentes 23% não participaram das questões propostas. Como temática mais subjetiva e privada, e talvez por fazer parte dessa última parte da pesquisa, compreende-se essa taxa de abstenção. Perguntou-se sobre a consensualidade e a parceria na primeira relação sexual: 73,9% disseram que fora consensual; 33,7% com o/a namorado/a; 22,2% com o "ficante"; 7,6% com o/a amigo/a. Sobre a idade da primeira relação sexual: 14,9% aos 17 anos; 14,6% aos 16 anos; 13,3% aos 18 anos; 11,7% aos 15 anos; 6,3% mais de 19 anos; 6,3% aos 19 anos; 4,7% aos 14 anos e 3,4% antes dos 14 anos.

A maioria dos/as respondentes das perguntas sobre fecundidade, do total de 383 estudantes, disse que não possui filhos/as (93,7%) e um grande número não quer filhos/as (37,6%). Dos/as respondentes que opinaram sobre o número ideal de filhos/as, seguem os resultados coletados: 39,9% acham que o número ideal são dois (2) filhos/as; 9,9% três filhos/as e 9,7% apenas um filho/a. Perguntados/as ainda sobre a melhor idade para ter filhos/as os/as respondentes disseram que: 45,7% de 26 a 30 anos; 42,3% de 31 a 35 anos; 6,8% acima de 36 anos e 2,3% de 19 a 25 anos. A maioria opinou ser o período ideal para ter filhos/as entre as faixas

etárias de 26 a 35 anos (88%), uma idade propícia e mais madura, posteriormente à conclusão da graduação e estabilização da vida profissional.

Após a apresentação dos dados coletados com a aplicação do questionário para conhecer o perfil da geração universitária, o caminho a percorrer será o da análise, especialmente com outras pesquisas já realizadas em anos anteriores, as pesquisas de 1990 e 2013 da PUC Minas e de 2017 da UFMG, pois essas análises amiúdes permitem uma melhor compreensão da realidade pesquisada. A geração universitária de 2021 é diferente das gerações anteriores? Em quais características se distinguem os perfis? Os sonhos? Os desafios? As metas de vida e os valores defendidos? E nos campos político e religioso como se comportam?

2.2. Análise comparativa do perfil da realidade universitária da PUC Poços de Caldas com as pesquisas da PUC Minas (1990 e 2013) e UFMG (2017)

O perfil da geração universitária precisa ser conhecido e pesquisado de tempos em tempos, principalmente por aqueles e aquelas que se dedicam à educação das juventudes presentes no âmbito universitário. Torna-se essencial o olhar atento à esta realidade complexa. Percebe-se hoje uma aceleração do tempo das gerações e uma “rapidação” nas transformações socioculturais, nos cenários políticos, econômicos, educacionais e religiosos.

Revela-se a importância de analisar as pesquisas já realizadas no decorrer dos últimos anos, e, assim, mediante os dados e resultados obtidos fazer uma análise comparativa com as leituras dos dados e resultados constatados do perfil atual da geração universitária. O campo da educação, da ação interativa e dialógica com a geração universitária, depende do conhecimento e da proximidade com esses interlocutores e do envolvimento nesse multiverso.

A pesquisa nessa área é ampla e análises importantes foram publicizadas. As contribuições para a compreensão da geração universitária são fundamentais. O trabalho de pesquisa com a aplicação de questionários para conhecer essa realidade na universidade, o perfil da geração universitária da PUC Minas e UFMG, fora realizado pelo pesquisador Paulo Agostinho Nogueira Baptista, em três momentos distintos. Uma primeira pesquisa, no ano de 1990, na PUC Minas; uma

segunda pesquisa em 2013 com ampliação do questionário on-line e algumas mudanças, também com estudantes da PUC Minas. E outra terceira pesquisa, realizada no ano de 2017, com estudantes da UFMG (BAPTISTA, 1991, 2014, 2018).

Assim sendo, a partir do estudo das análises dessas pesquisas, o objetivo fora compará-las com a pesquisa do perfil da geração universitária, da PUC Minas no *Campus* de Poços de Caldas. Portanto, essa pesquisa realizada no ano de 2021, com estudantes da PUC Minas em Poços de Caldas, se distancia há mais de trinta anos da primeira pesquisa (1990 PUC Minas); há mais de 8 anos da segunda pesquisa (2013 PUC Minas) e mais de 4 anos da terceira pesquisa (2017 UFMG).

A análise comparativa da pesquisa pretende confrontar as gerações; pontuar e identificar as mudanças e as similitudes. De fato, o que mudou, em trinta, oito e quatro anos atrás? E quais as similitudes e diferenças em relação aos estudantes da PUC Minas em Belo Horizonte e estudantes da PUC Minas em uma cidade sul-mineira? O mergulho nesse multiverso permite aprofundar e oferecer dados e elementos para pesquisadores e pesquisadoras, educadores e educadoras, àqueles e àquelas que se dedicam, e se debruçam sobre esta temática, a fim de construir um caminho para o diálogo e a formação humana integral.

O conhecimento aprofundado e o estudo das gerações, das características de comunicação, de linguagem, de visão de mundo, os comportamentos, os desejos e as angústias, possibilitam melhor compreensão das gerações e do convívio intergeracional. O pesquisador Sidney Oliveira, pontua que atualmente há a convivência de seis gerações. E destaca as gerações que se relacionam no tempo presente: “Belle Époque (nascidos aproximadamente entre 1920 e 1940), Baby Boomers (1940-1960), Geração X (1960-1980), Geração Y (1980-1999), Geração Z (1999-2010) e Geração Alfa (2011 até agora)” (OLIVEIRA, 2010, p. 41-57).

As questões apresentadas nos questionários aplicados aos discentes abordaram aspectos fundamentais para traçar o perfil da geração universitária, entre eles, os dados gerais e demográficos (idade, naturalidade, domicílio, estado civil e renda familiar), dados escolares e acadêmicos, a caracterização religiosa e sociopolítica e a situação da sexualidade e da fecundidade.

A pesquisa de 2013 identificou um aumento de estudantes no Ensino Superior brasileiro com mais de 7,3 milhões (7.305.977), em 32.049 cursos de graduação de 2.391 IES (BRASIL, 2014). Em 2019 o número cresceu mais ainda, de acordo com o Censo da Educação Superior, realizado pelo INEP (BRASIL, 2019), identificando-se mais de 8 milhões (8.603.284) de estudantes matriculados/as no Ensino Superior, em 40.427 cursos de graduação, de 2.608 instituições de Ensino Superior.

São muitos os fatores que podem ter limitado, a partir de 2016, o aumento expressivo de ingresso de estudantes no Ensino Superior, entre eles, o congelamento por 20 anos em seguridade social e o abandono das políticas públicas para as juventudes no país. Hoje na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas, dos 4038 estudantes matriculados/as, nos 16 cursos de graduação, 53,8% dos estudantes possuem algum tipo de bolsa ou financiamento, 30,5% PROUNI e 14,6% da própria universidade, a PUC Minas. Dos/as respondentes 46,2% não possuem bolsa e arcam com os custos do curso de graduação na universidade.

Dos resultados e dados obtidos das pesquisas de 1990 e 2013, Baptista apresentou os principais dados e algumas hipóteses interpretativas no artigo "Geração Universitária da PUC Minas: o que mudou entre 1990 e 2013?" (BAPTISTA, 2014), que reuniu dados e análises comparativas de dois questionários aplicados na universidade, são eles, "Geração universitária: perfil atual. Um estudo de caso" (2013) e "Perfil dos estudantes da PUC-MG" (1990). Desse modo, a partir dos estudos das pesquisas e análises, alguns dados, registros e traços dos perfis das gerações universitárias nas pesquisas anteriores, possibilitaram a composição e a confrontação com os resultados obtidos da pesquisa de 2021 realizada na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

De início, merece destaque o motivo da escolha da PUC Minas para a pesquisa, pois é considerada a maior universidade católica do mundo, e justifica-se, em razão da relevância dessa universidade, nos campos educacional e sociotransformador, e o patamar que ocupa no cenário brasileiro e mundial. Os dados e resultados obtidos permitirão múltiplas análises e comparações do perfil da geração universitária tanto quantitativa como qualitativamente.

A pesquisa realizada em 1990, com o escopo de conhecer as realidades das juventudes presentes na universidade, a fim de planejar o Serviço de Pastoral da

Universidade – SPU – existente desde 1989, trouxe resultados importantes e desdobramentos para outras pesquisas. No ano de 1990, o questionário fora aplicado de forma presencial, respondido em papel e os dados coletados manualmente. O questionário apresentado aos estudantes era composto de 81 questões sobre dados gerais (sexo, idade, estado civil, residência, naturalidade, nacionalidade); dados econômicos (renda familiar, trabalho, custeio dos estudos, contribuições com a família); avaliação da universidade, dos cursos, da disciplina Cultura Religiosa e Filosofia; dados culturais, políticos, religiosos; interesse na Pastoral; sobre o consumo de drogas ilícitas. A universidade à época tinha um total de 12.733 estudantes matriculados/as, em 22 cursos de graduação e a amostra estatisticamente sorteada foi de 382 estudantes, com margem de erro de 5% e confiabilidade de 95%.

A pesquisa realizada no ano de 2013 elaborou um novo questionário que fora aplicado de forma on-line com 253 perguntas. No segundo semestre do ano de 2013 estavam matriculados/as na PUC Minas 45.355 estudantes, e, produziu-se uma amostra aleatória de 5.281 estudantes. Foram respondidos 2.660 questionários. Na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas, dos 4.889 estudantes matriculados/as, registrou-se apenas 159 respondentes. A amostra institucional, por sorteio dentre os 2660 respondentes, foi de 1446 estudantes, permitiu um nível de confiança de 95%, com margem de erro de 5%.

O formulário apresentado aos estudantes da PUC Minas no ano de 2013 abarcou questões como: dados gerais (sexo, raça, idade, naturalidade, nacionalidade, residência, estado civil, condição conjugal-afetiva, critérios para escolha de parceria conjugal); dados socioeconômicos (trabalho, situação em relação ao responsável financeiro do domicílio, número e tipo de moradores do domicílio, contribuição para a renda do domicílio, renda familiar, classe social); dados escolares e acadêmicos (escolaridade dos estudantes, dos pais e responsáveis, sobre a instituição, sobre as disciplinas de Cultura Religiosa e Filosofia, sobre a Pastoral, expectativas em relação à pesquisa, extensão e à continuidade dos estudos, bolsas, satisfação com o curso e critério de escolha); caracterização religiosa (filiação religiosa no ciclo da vida, religião dos pais/responsáveis, participação religiosa, avaliação da própria religiosidade, da

liderança, do seguimento, posicionamento sobre valores religiosos/éticos e concepções religiosas e morais, identificação de tipos de católicos); caracterização sociopolítica e cultural (tempo das atividades, participação e uso em redes digitais, avaliação das manifestações em 2013, uso/consumo e avaliação sobre drogas, participação em movimentos socioculturais e políticos, preferência partidária e critérios de escolha política, *bullying* e dados sobre sexualidade e fecundidade (sobre relação sexual, tipo de parceiro/a, idade da primeira relação, uso de prevenção, maternidade e paternidade, número de filhos/as e desejo de ter filhos/as).

A pesquisa de 2017 aplicada na mais conceituada e bem avaliada universidade pública de Minas Gerais, a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, buscou compreender a realidade universitária brasileira contemporânea, considerando as juventudes presentes nessa universidade, e seguiu-se pela coleta de dados apresentados de forma on-line, pelo formulário da Plataforma Google, com perguntas referentes aos aspectos religiosos, demográficos, culturais, políticos, num total de 136 questionamentos. A pesquisa atingiu um número de 3.463 respostas em um universo de 31.780 estudantes matriculados/as no ano de 2017. Paulo Agostinho N. Baptista no relatório final dessa pesquisa apontou a necessidade de continuidade na investigação dessa temática, em razão do crescente número de estudantes ingressantes nas universidades, entre outras motivações que a temática desperta, como as mudanças nos perfis, e consequentemente, nos campos religioso, cultural e sociopolítico. Apontou-se registros significativos nas mudanças dos pertencimentos religiosos; no declínio do pertencimento ao catolicismo entre os/as universitários/as e no aumento dos que se declararam “sem religião”. Houve impactos no modo de viver e conviver da geração universitária que precisam ser conhecidos e analisados por todas as pessoas envolvidas com o Ensino Superior (BAPTISTA, 2018).

A pesquisa aplicada no ano de 2021 reelaborou o questionário formulado no ano de 2013, e, aplicou de forma on-line, por meio do envio aos e-mails dos estudantes matriculados/as no primeiro semestre do ano de 2021 na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas para um total de 4.038 estudantes, nos 16 cursos de graduação e a amostra estatisticamente sorteada foi de 383 estudantes, com margem de erro de 5% e confiabilidade de 95%.

O questionário aplicado aos estudantes contou com 134 questões, houve a testagem da aplicação do questionário, no grupo de discentes, pesquisadores e pesquisadoras do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, para verificação da compreensão das questões propostas e a medição do tempo médio de resposta. Muitos apontamentos e sugestões foram acolhidos. Também um grupo de estudantes de graduação (185 alunos/as) respondeu às questões formuladas no questionário no ano de 2020 e apontaram suas sugestões.

Os resultados obtidos das análises comparativas das pesquisas realizadas nos anos de 1990 e 2013 apontaram os seguintes dados principais: houve um crescimento significativo no número de alunos/as matriculados/as na PUC Minas, mais de 350%, de 12.733 para 45.355 universitários/as. Também ocorreu um aumento substancial no número de cursos ofertados aos estudantes: de 22 para 55 cursos de graduação oferecidos na PUC Minas.

Importante registrar a inversão na porcentagem do número de estudantes do sexo feminino na pesquisa de 2013 (44,3% de homens e 55,7% de mulheres). Em 1990, havia um número maior de estudantes do sexo masculino (homens 53,7% de homens e 46,3% de mulheres), e na pesquisa de 2021, a porcentagem de estudantes do sexo feminino aumentou. A pesquisa de 2021 registrou o número de 52,74% de estudantes do sexo feminino e 47,26% do sexo masculino. A presença das mulheres ganhou destaque no cenário universitário. A pesquisa de 2017 da UFMG apontou um número maior de estudantes do sexo feminino, dos 3.463 respondentes: 59,5% (2.061) são mulheres e 40,5% são estudantes do sexo masculino (1.402).

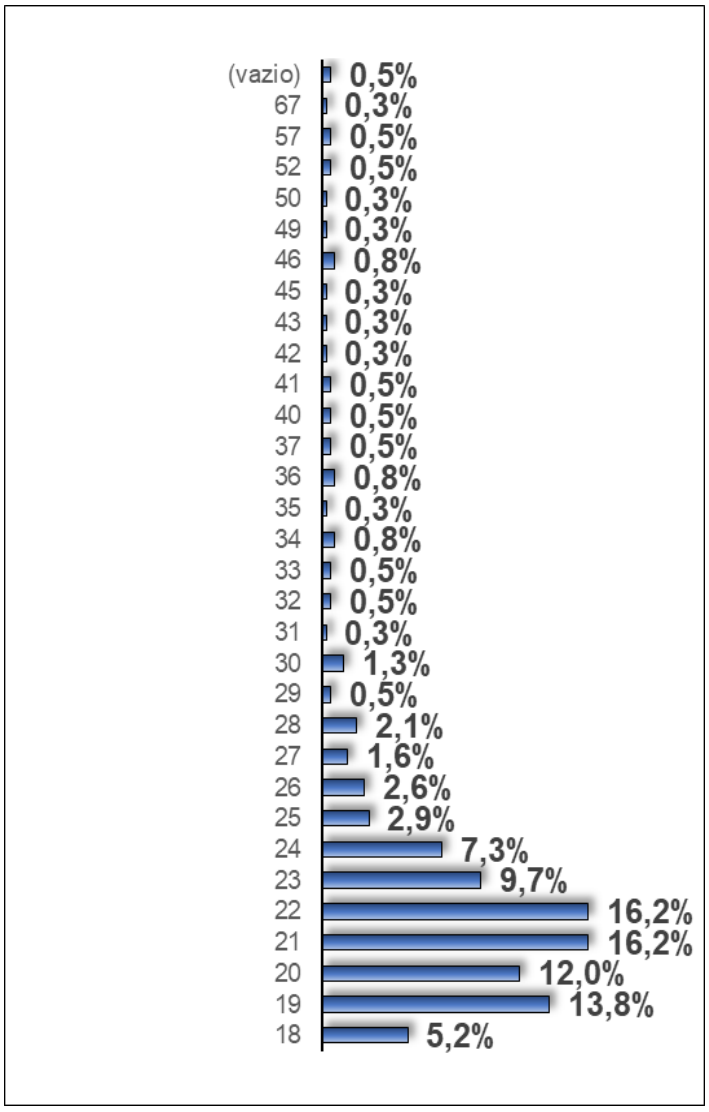
Tabela 5: Distribuição dos/as estudantes por sexo

Ano	Feminino	Masculino
1990 PUC Minas	46,3%	53,7%
2013 PUC Minas	55,7%	44,3%
2017 UFMG	59,5%	40,5%
2021 PUC Minas Poços de Caldas	52,74%	47,26%

Fonte: Dados das pesquisas de 1990, 2013, 2017 e 2021.

A maioria dos/as estudantes da Pesquisa de 2021 se declararam brancos (80,2%), e em 2013 foram 52,9% que se posicionaram da cor branca. Em relação à faixa etária, em 2021, o maior número de estudantes está entre as faixas etárias de 19 a 23 anos, e representam a chamada Geração Z, compreendida entre os/as nascidos/as nos anos de 1999 a 2010. A pesquisa realizada em 1990, destacou a faixa etária de 19 a 22 anos. Vale ressaltar que a análise da pesquisa em 2013 acentuou um envelhecimento na juventude universitária comparativamente à pesquisa realizada em 1990. A pesquisa de 2021 apontou o convívio de três gerações entre os estudantes matriculados na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas – a Gerações X (em menor número) e as Gerações Y e Z, com maior preponderância na geração denominada como “Geração Z”.

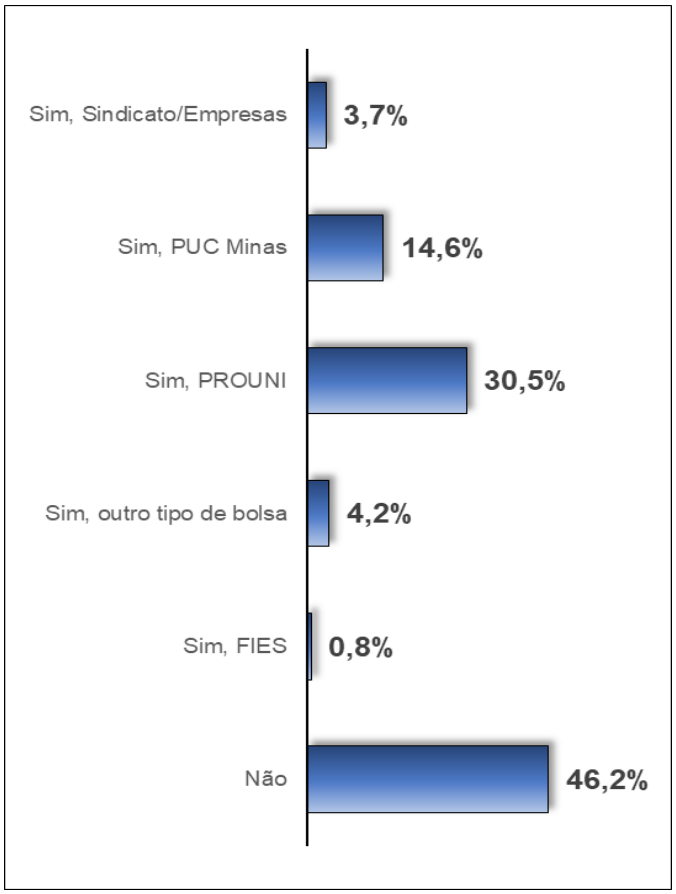
Figura 25: Faixa etária dos/as estudantes %



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

Importa registrar que nos últimos anos houve um desmonte das políticas públicas direcionadas às juventudes, em especial, às políticas públicas voltadas para o ingresso às universidades. As pesquisas realizadas apontaram que em 1990, a porcentagem de 23,6% dos/as estudantes recorria aos créditos educativos e 3,1% estudavam com bolsa, enquanto a pesquisa realizada no ano de 2013, sinalizou que 78% dos/as respondentes utilizavam o FIES e 55,6% eram estudantes com bolsa (PROUNI, empresa, sindicatos e outros tipos). Na pesquisa de 2021, constatou-se que 46,2% não possuem bolsa ou financiamento, sendo 53,8% de estudantes com bolsa (30,5% PROUNI e 14,6% bolsa da PUC Minas).

Figura 26: Financiamento ou bolsa na graduação



Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A grande maioria dos estudantes da PUC Minas em Poços de Caldas é formada por jovens entre as faixas etárias de 19 a 23 anos, do sexo feminino e solteiros/as. Registrou-se a porcentagem de 92,4% de estudantes solteiros/as na pesquisa de 2021, enquanto na pesquisa de 1990 foram apontados 84,3% de estudantes solteiros/as, e na pesquisa de 2013 um total de 81,8% dos/as participantes da pesquisa disseram ser solteiros/as. Deve-se recordar que casava-se mais cedo que hoje.

Sobre a naturalidade dos/as estudantes pesquisados/as: em 2021 registrou-se que 25,1% dos/as respondentes nasceram em Poços de Caldas, 40,2% nasceram em outras cidades mineiras e 33,9% eram oriundos/as de outras cidades brasileiras. Portanto, a maioria dos/as estudantes matriculados/as são mineiros/as (65,3% dos/as respondentes). No tempo que cursavam a graduação, fora do tempo da pandemia, 78,9% dos/as estudantes residiam em Poços de Caldas; e 13,8%

residiam em outras cidades mineiras do entorno de Poços de Caldas e 7,3% de outras cidades paulistas próximas ao município de Poços de Caldas. A pesquisa de 2021 revelou ainda que 76,8% dos/as estudantes da PUC Minas em Poços de Caldas residiam com suas famílias, e os demais em repúblicas, pensões, amigos e conhecidos e residências próprias. A pesquisa de 2017 da UFMG, informou que 69% dos/as respondentes residiam com suas famílias; 13,7% residiam em repúblicas e 17,3% viviam em casa de amigos, parentes, moradia estudantil, sozinhos/as e de outra forma.

Quanto à questão sobre o trabalho ocorreu um decréscimo no número dos/as estudantes que trabalhavam em relação às pesquisas anteriores. A pesquisa de 2021, apontou que 61,6% dos/as estudantes pesquisados/as não trabalhavam; 12,8% dos/as universitários/as trabalhavam com carteira assinada e 7,6% trabalhavam sem carteira assinada. Apenas 9,4% dos estudantes trabalhavam 8h por dia; 10,7% trabalhavam 6h por dia e 9,1% dos estudantes dedicavam 4h ao trabalho diário. Nas pesquisas anteriores houve o registro de 61,5% (1990) e 70,1% (2013) dos/as estudantes que exerciam atividade laboral.

Em relação à pesquisa em Poços de Caldas quanto à contribuição dos estudantes para a renda familiar constatou-se que 70,8% eram mantidos/as pela família, 17,5% contribuíam com uma parte para o sustento da família e pouquíssimos estudantes disseram ser a principal fonte de renda familiar. Em 1990, eram 33,8% dos/as universitários/as que contribuíam para a renda familiar e 59,7% não contribuíam. Em 2013, eram 48% que contribuíam para a renda familiar, dos quais 11% são a principal fonte de recursos financeiros. Houve, de fato, uma diminuição dos/as estudantes que contribuem para a renda familiar: de 33,8% (1990) para 48% (2013) e a geração universitária atual apenas17,5% contribuem para a renda familiar. Em 2017, na pesquisa da UFMG: 55,18% disseram que não trabalhavam e 44,82% informaram que exerciam atividades laborais, sendo que 27,72% eram estagiários ou bolsistas.

***Tabela* 6: Contribuição dos/as estudantes para a renda familiar**

Pesquisas	Mantidos/as durante o curso pela família	Contribuem com uma parte para o sustento da família
1990 PUC Minas	59,7%	33,8%
2013 PUC Minas	-	48,0%
2017 UFMG	55,1%	44,8%
2021 PUC Minas Poços de Caldas	70,8%	17,5%

Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A faixa de renda das famílias dos/as estudantes matriculados/as na PUC Minas em Poços de Caldas apontada pela pesquisa de 2021 oscila entre as faixas de 3 a 10 salários-mínimos que representam 42% dos/as estudantes (3 a 5 salários-mínimos: 20,6% e 5 a 10 salários-mínimos: 21,4%). A faixa de renda de 1 a 3 salários-mínimos abarcou a representatividade de 22,7% dos/as estudantes respondentes. Importante observar o gráfico abaixo a comparação da faixa da renda familiar entre os/as estudantes da PUC Minas em Belo Horizonte, da PUC Minas em Poços de Caldas e da UFMG. Há uma porcentagem equilibrada nas faixas de 2 a 10 salários-mínimos. E acima de 10 salários-mínimos se destaca a porcentagem da UFMG.

Tabela 7: Faixa da renda familiar

Salário-Mínimo (R$ 1.110,00)	1990 % BH	2013 % BH	2017 UFMG	2021 % Poços de Caldas
Abaixo de 1	1,1	2,4	7,42	2,3
De 1 a 2	25,0	13,6	14,3	19,1
De 2 a 3	19,6	20,5	16,0	20,4
De 3 a 5	25,5	22,6	22,5	20,6
De 5 a 10	18,5	20,5	21,1	21,4
Acima de 20	1,6	7,1	19,1	7,6

Fonte: Dados das pesquisas de 1990, 2013, 2017 e 2021.

A pesquisa de 2021 mostrou a crescente desigualdade social e o aumento nas faixas de renda das famílias dos/as estudantes que ganhavam de um a dois salários-mínimos em relação às pesquisas anteriores. Entre os que ganhavam de 5

a 10 salários-mínimos houve um pequeno acréscimo comparado às pesquisas em 1990 e 2013.

Apontou ainda a pesquisa de 2021, em relação à formação escolar dos anos iniciais, que 44,6% dos universitários/as estudaram em escola pública e 47,5% em escola particular. Houve um aumento relativo em relação aos anos finais nos estudos nas escolas particulares, sendo 52,5% em escola particular e 42,3% em escola pública. Diante da questão apresentada em relação ao curso do Ensino Médio, os dados coletados mostraram que 50,1% dos/as universitários/as vieram da escola particular e 43,9% dos/as respondentes oriundos/as da escola pública.

Os dados das pesquisas de 1990 e 2013 apontaram que em relação ao Ensino Fundamental: 47,1% (1990) e 69,5% (2013) dos/as estudantes pesquisados/as estudaram em escolas públicas; enquanto em relação ao Ensino Médio os resultados foram os seguintes: 31,2% (1990) e 62,4% (2013) em escolas públicas. Portanto, as pesquisas de 1990 e 2013 apontaram um crescimento da participação da escola pública como origem escolar da geração universitária, mas os dados coletados da pesquisa de 2021 apontaram uma redução da participação da escola pública no cenário acadêmico. A pesquisa de 2017 da UFMG, os resultados mostraram que 51,43% dos/as respondentes vieram de escolas públicas e 44,81% de escolas particulares.

Diante dos questionamentos sobre como os/as universitários avaliavam a formação escolar anterior ao ingresso à universidade os/as respondentes avaliaram positivamente a formação escolar antes da universidade. Na pesquisa de 2021, sobre os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 4º ano / 1º ao 5º ano): 89% dos/as respondentes avaliaram como muito boa a formação escolar e 85,9% avaliaram a formação sobre os anos finais (4º ao 8º ano / 4º ao 9º ano) do Ensino Fundamental também como muito boa. A avaliação da formação no Ensino Médio obteve o seguinte resultado na pesquisa de 2021: 74,4% avaliaram como muito boa. Percebeu-se que houve um declínio na avaliação da formação do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, mas os estudantes avaliaram a formação escolar antes do ingresso na universidade como mais positiva que os/as estudantes respondentes da pesquisa anterior aplicada no ano de 2013. A avaliação da pesquisa de 2013 sobre o período escolar do Ensino Fundamental e Ensino Médio

apontaram os seguintes resultados: 78,3% avaliaram como muito boa a formação dos anos iniciais; 72,2% nos anos finais e 68,2% a formação no Ensino Médio.

Dos/as respondentes da questão formulada da pesquisa de 2021, em relação ao ingresso na universidade por meio do cursinho: 66,3% disseram que não fizeram cursinho para entrar na universidade. E merece destacar que dos/as respondentes 79,9% estão fazendo seu primeiro curso de graduação. Na pesquisa de 2013: 62,2% dos estudantes responderam que não fizeram o cursinho para entrar na universidade, e 76,6% cursavam pela primeira vez a graduação escolhida. Na pesquisa de 2017 da UFMG: 50,65% responderam que fizeram cursinho para ingressar na UFMG e 49,35% disseram não ter feito nenhum tipo de cursinho para ingresso na universidade.

Houve questionamento a respeito dos critérios utilizados para escolha da graduação, e os resultados obtidos mediante a pesquisa de 2021, apontaram que 52,7% escolheram o curso de graduação por aptidão e talento pessoal; 26,6% em razão da relação do curso com a área de trabalho e apenas 6,5% escolheram o curso por demanda de mercado (empregabilidade e salário).

Na pesquisa de 1990, importante registrar que 66,2% dos respondentes escolheram o “curso da profissão” e apenas 17% ainda não tinham profissão definida. Na pesquisa de 2013, a aptidão do estudante foi o critério principal de escolha da graduação com 57,9%, em segundo lugar, a escolha em relação ao trabalho, totalizando 18,3% e em terceiro lugar, a escolha se deu por causa do mercado de trabalho, foram 10,5% dos/as respondentes. Os/as estudantes da pesquisa de 2017 da UFMG, 40,6% apontaram a escolha do curso de graduação pelos critérios de aptidão, vocação ou talento. Quanto à manifestação de contentamento com o curso escolhido, na pesquisa de 2021, os estudantes disseram que estão felizes com a escolha do curso de graduação, somando 96,1% dos/as respondentes, e, na pesquisa de 2013, o grau de satisfação foi de 92,2% dos estudantes.

Tabela 8: Critérios para escolha do curso de graduação

Pesquisa e critérios	Aptidão/ talento pessoal	Curso/ área de trabalho	Mercado
1990 PUC Minas	66,2%	-	-
2013 PUC Minas	57,9	18,3%	10,5%
2017 UFMG	40,6%		
2021 PUC Minas Poços	52,7%	26,6%	6,5%

Fonte: Dados das pesquisas de 1990, 203, 2017 e 2021.

Na busca para compreender melhor a realidade da geração universitária, e assim oferecer propostas à gestão universitária e caminhos de diálogo no processo de formação humana integral, perguntou-se aos estudantes sobre o interesse em participar de atividades extensionistas e dos grupos de pesquisa na universidade, bem como a continuidade da formação acadêmica nas áreas de especialização ou mestrado/doutorado.

Na pesquisa de 2021, dos/as respondentes do questionário aplicado: 75,7% disseram ter interesse em participar de atividades extensionistas se tiverem oportunidade; enquanto 9,9% já participavam das atividades extensionistas, e 14,4% não tinham interesse na área de extensão. Na pesquisa de 2013, 71% teriam interesse em participar das atividades extensionistas e 12,4% já participavam. Houve um aumento no interesse em participar das atividades extensionistas e uma redução no grupo dos que fazem uma experiência de participação nas ações de extensão na universidade.

O interesse dos estudantes em participar dos grupos de pesquisa na universidade, de acordo com as respostas da pesquisa de 2021, revelou que 78,3% tinham interesse e 14,1% já participavam dos grupos de pesquisa. Em 2013, a pesquisa demonstrou que 70,7% tinham interesse em participar dos grupos de pesquisa e 7,6% já realizavam atividades de pesquisa. Vê-se o aumento no interesse bem como no número percentual dos/as estudantes envolvidos/as com os grupos de pesquisa.

Ainda houve o questionamento nas pesquisas sobre a pretensão dos/as estudantes em continuar a formação acadêmica com a Especialização e/ou Mestrado/Doutorado: a pesquisa de 2021, sinalizou que 81,4% têm interesse na continuidade da formação acadêmica, sendo 49,3% logo após a graduação e 32,1% depois que estiver trabalhando; enquanto na pesquisa de 2013, 54,8% dos estudantes responderam que queriam continuar os estudos logo após a graduação e outros 33,6% assim que estivessem trabalhando. Portanto, houve aumento desse interesse em 2021.

As pesquisas de 1990, 2013 e 2021 questionaram sobre o oferecimento das disciplinas de Filosofia e Cultura Religiosa que integram as grades curriculares dos cursos de graduação da PUC Minas. Os resultados colhidos foram os seguintes em 2021: 61,1% dos que cursavam ou cursaram as disciplinas (268 respondentes) concordaram com o oferecimento da disciplina de Cultura Religiosa, sendo que 61,9% dos/as respondentes acharam que a disciplina contribui para a formação humana e profissional; 65,5% opinaram que proporciona abertura ao diálogo e respeito às diferenças; 66,3% disseram que favorece a tolerância e o diálogo inter-religioso; 59,5% responderam que a disciplina desperta para conhecer melhor a religião e viver bem a espiritualidade. Na pesquisa de 1990: 69,1% dos estudantes que cursaram Cultura Religiosa disseram que concordavam com o oferecimento da disciplina, e para 64,4% dos/as respondentes a avaliação do oferecimento da disciplina foi positiva. Na pesquisa de 2013: 84,7% dos/as universitários/as que cursaram a disciplina de Cultura Religiosa a avaliaram também como foi muito positiva. Observa-se boa avaliação desse componente curricular. Para Baptista (2014, p 1208), há “a constatação que hoje há uma receptividade muito mais positiva às disciplinas do que em 1990. Na década de 1990 havia maior resistência dos (as) alunos (as) em cursá-las.”

As opiniões e as compreensões dos/as universitários/as que cursaram a disciplina da Cultura Religiosa são essenciais para perceber a importância que têm a dimensão da religiosidade para a formação humana integral. Também possibilita conhecer de forma mais aprofundado o campo religioso plural que hoje campeia a universidade. Esses dados coletados das pesquisas favorecem o mapeamento da religiosidade, da não religiosidade, do pertencimento e do não pertencimento às

diferentes religiões, a convivialidade respeitosa e a tolerância com a pluralidade religiosa.

A caracterização religiosa da geração universitária torna-se importante para conhecer/identificar quem são as juventudes que convivem na universidade; como lidam com as diferentes religiões; como expressam suas religiosidades e como creem e descreem. A dimensão da religiosidade (a profundidade do ser e a busca de sentidos) integra definitivamente a formação humana integral. As pesquisas de 1990, 2013 e 2021 revelaram, de fato, a presença na universidade de gerações religiosas e um crescente aumento no espectro religioso das gerações pesquisadas mediante um mundo plural e um agigantamento do pluralismo religioso.

Na pesquisa de 2021, diante da pergunta - "você tem religião?": 76,5% dos/as respondentes manifestaram que têm religião, sendo 40,7% dos estudantes que disseram ter religião e participar dela; 32,9% responderam ter religião e não participar; 23,5% disseram não ter religião e 2,9% afirmaram participar de várias religiões, ou seja, dupla ou tripla pertença. Na pesquisa de 1990 foram obtidos os resultados a seguir: 63,1% dos estudantes que afirmaram ter algum tipo de crença, e, na pesquisa de 2013 houve crescimento no número de estudantes que se manifestou ter alguma religião, totalizando 89,3% dos estudantes com religião. Na pesquisa de 2017 da UFMG: 53,2% informaram ter religião; 16,5% disseram não ter religião e 30,2% disseram que tiveram religião, mas que atualmente não frequentavam nenhuma religião. Constatou-se um decréscimo na declaração de estudantes com religião e um aumento dos estudantes que afirmaram não terem religião, os chamados "sem religião". Nota-se também a diferença entre estudantes da PUC Minas e da UFMG nesse quesito da religião.

Tabela 9: Declaração de religiosidade

Pesquisa	Não	Sim	Múltipla religiosidade
1990 PUC Minas	36,9%	63,1%	-
2013 PUC Minas	20,7%	89,3%	-
2017 UFMG	46,7%	53,2%	-
2021 PUC Minas Poços	23,5	76,5%	2,9%

Fonte: Dados das pesquisas de 1990, 2013, 2017 e 2021.

Vale a pena destacar o aumento no espectro do pertencimento às religiões no decorrer dos ciclos da vida. Diante das questões propostas sobre a religião na infância, na adolescência e a religião atual houve um decréscimo significativo na religião católica romana, considerada a religião predominante por muitas décadas. Os respondentes da pesquisa de 2021 declararam que na infância 72,3% eram católicos romanos, na adolescência registrou-se 54% de católicos romanos e nos dias de hoje são apenas 41% dos/as estudantes que se declararam católicos romanos. Ainda na pesquisa de 2021, merece destaque os dados colhidos dos/as estudantes que pontuaram "não ter religião" ou a declaração de ter "religiosidade própria, sem pertencimento religioso": 15,9% dos/as respondentes disseram não ter religião e 10,7% declararam ter religiosidade própria, mas sem pertencimento a nenhuma religião institucional.

O destaque abaixo da tabela com a filiação religiosa nos ciclos da vida (infância, adolescência e atual) nas pesquisas de 2013 (PUC Minas), 2017 (UFMG) e 2021 (PUC Minas *Campus* Poços de Caldas):

Tabela 10: Filiação Religiosa no ciclo da vida - PUC Minas 2013/ 2021 e 2017 UFMG em %

Ciclo da vida	Infância			Adolescência			Atual		
Religião	2013	2017	2021	2013	2017	2021	2013	2017	2021
Católica	80,9	67,8	72,3	62,5	31,8	54,0	55,1	39,7	41,0
Protestante	12,0	15,1	11,0	17,1	13,9	13,3	17,6	20,5	9,2
Espírita	1,7	4,5	3,9	5,3	7,5	6,3	6,7	13,2	6,5
Outras	2,8	2,4	1,0	4,3	4,6	1,3	5,9	9,9	1,0
Ateu	0,9	0,5	-	4,8	10,1	2,1	5,4	0,1	3,4
Agnóstico/a	0,25	0,8	-	1,1	9,6	2,9	1,2	2,1	2,6
Sem religião, com fé	1,3	1,4	1,1	4,5	5,4	5,0	7,4	10,9	10,7
Múltipla religiosidade	0,17	0,5	0,3	0,25	1,4	1,8	0,5	3,7	2,9
Não teve religião e não tem atualmente	-	7,0	4,4	-	15,7	11,0	-	0,7	15,9

Fonte: Dados das pesquisas 2013, 2017 e 2021

Na tabela 10, observa-se que os dados das pesquisas mais recentes (UGMG e Poços) são bem similares quanto aos católicos, mas divergem bem em relação aos protestantes, certamente pelo perfil populacional de uma metrópole significativa

(na PUC Minas 2013 esse dado é bem próximo da UFMG), enquanto numa cidade do interior esse número é menor. Isso se pode afirmar sobre o espiritismo.

A pesquisa de 2013 possibilitou identificar que 7,4% dos/as estudantes disseram não ter religião, os chamados “sem religião”. Constatou-se na pesquisa de 2021que os “sem religião” eram 15,9%, crescimento de 100%, e os que disseram ter fé e uma espiritualidade própria sem pertencimento religioso institucional (10,7%). Verificou-se ainda na pesquisa de 2021: que 50,2% da geração universitária da PUC Minas em Poços de Caldas se declararam cristãos, sendo 41% de universitários/as católicos/as e 9,2% de universitários/as evangélicos/as. O número de ateus/ateias identificado em 2021 foi de 3,4%, contra 5,4% na pesquisa de 2013; de agnósticos/as 2,6%, maior que os 2,1% de 2013. Importa ressaltar o aumento do espectro das pertenças religiosas no decorrer dos ciclos da vida e a redução do número de respondentes pertencentes ao catolicismo.

O papel das religiões nas gerações pesquisadas, em tempos históricos e contextos diferentes, continua significativo e importante para as gerações universitárias. Muitos e muitas jovens se declararam religiosos/as na pesquisa aplicada no ano de 2013, e na pesquisa de 2021. A geração universitária manifestou mais uma vez a presença da religiosidade na vida durante a academia. Observou-se na pesquisa aplicada no ano de 2021, o aumento no número dos/as estudantes “sem religião” (com fé e espiritualidade própria), os com múltipla religiosidade e os/as estudantes que se declararam sem religião. O pluralismo religioso e a manifestação da diversidade religiosa são realidades indiscutíveis na geração universitária atual.

As pesquisas de 2013 e 2021 questionaram o tipo de catolicidade presente entre os/as universitários/as que se declararam católicos/as. Os dados resultantes da pesquisa de 2021 apontaram que: 19,8% dos respondentes são católicos nominais, não praticantes; 17% participavam apenas das celebrações; 7,6% se identificavam com a Renovação Carismática Católica; 2,9% consideravam-se engajados/as na comunidade paroquial, mas não participavam de movimentos religiosos; 3,4% identificavam-se com a Teologia da Libertação e CEBs; 1% dos estudantes se consideravam conservadores e não aceitavam mudanças na Igreja. Em relação à pesquisa de 2013, os tipos de católicos/as apontados/as foram: 45%

de católicos tradicionais; 23% foram católicos de seu jeito próprio; 14% se identificaram com a Renovação Carismática Católica; 9% foram católicos nominais; 3% Teologia da Libertação e CEBs; 2% engajamento paroquial e 1% conservadores.

Houve um aumento no número de católicos/as nominais, os/as não praticantes, de 9% para 19,8% (25% na UFMG); e redução no número de universitários/as que se identificaram com a Renovação Carismática Católica, de 14% para 7,6% dos/as respondentes (2013 e 2021, e para 4% em 2017, na UFMG), e praticamente o mesmo resultado dos seguidores da Teologia da Libertação (3,4% e 3%), o que vale também para a UFMG (3%). Na pesquisa de 2017 da UFMG os outros registros foram os seguintes: 66% disseram não ser católicos/as, ou não ter religião ou religiosidade; 25% informaram ser católicos/as não praticantes; 4% se identificavam com a Renovação Carismática Católica; 3% com a linha de mudança social e política (Teologia da Libertação); 3% declararam ser engajados/as na comunidade.

Na pesquisa de 2021, perguntou-se sobre a frequência nas celebrações religiosas, apenas 23% participavam uma vez por semana; 30,8% raramente; 17,2% uma vez ao mês; 6,5% disseram que não frequentavam sua religião. Assim outro dado comparativo do campo religioso se destaca entre as gerações universitárias dos anos de 1990, 2013 e 2021 que segue abaixo na tabela comparativa. Observa-se que as gerações de 2013 e 2021 frequentavam mais as celebrações religiosas do que a geração universitária de 1990. O índice de regularidade na frequência se manteve nas pesquisas de 1990, 2013 e 2021.

Tabela 11: Frequência às celebrações religiosas em %

Frequência às celebrações religiosas	1990 PUC Minas	2013 PUC Minas	2017 UFMG	2021 PUC Poços
Frequentam regularmente	24,6	26,6	13,1	23
Duas ou três vezes ao mês	-	9,5	6,9	-
Uma vez ao mês	-	9,5	7,5	17,2
Raramente	-	32,8	31,4	30,8
Não frequentam	55,0	4,6	33,0	26,9

Fonte: Dados das pesquisas de 1990, 2013, 2017 e 2021.

Cabe ressaltar as questões que foram apresentadas a respeito da Pastoral Universitária nas pesquisas de 1990, 2013 e 2021. Revelaram que a maioria desconhecia esse setor/serviço da universidade. Os resultados coletados evidenciaram o desconhecimento das ações pastorais e evangelizadoras na universidade pela Pastoral Universitária: a pesquisa de 1990 apresentou o resultado de 69,4% dos/as universitários inquiridos/as; a pesquisa de 2013 foram 72,5% dos/das pesquisados/as; e na pesquisa de 2021, o resultado obtido foi de 76,4% dos/as estudantes participantes da pesquisa.

Tabela 12: Pastoral Universitária em %

Pastoral Universitária	1990 PUC Minas	2013 PUC Minas	2021 PUC Poços
Desconheciam o setor	69,4	72,5	76,2
Interesse em participar	32,2	-	17
Nunca participou	-	80,3	93,3
Interesse no eixo de formação/reflexão	-	33,5	4,7
Interesse no eixo socioeducativo	-	43,6	8,1
Interesse no eixo de espiritualidade	-	24,5	1,3
Todos os três eixos	-	-	32,6
Interesse nos eixos de formação e socioeducativo	-	-	39,4

Fonte: **Dados das pesquisas de 1990, 2013 e 2021.**

Vale destacar na análise comparativa da caracterização sociocultural e política das gerações universitárias pesquisadas em 1990, 2013 e 2021, as questões referentes ao uso do tempo e as atividades desenvolvidas; o uso da internet e redes digitais; os valores defendidos e as metas de vida; bem como as indagações sobre a participação política das gerações universitárias presentes na PUC Minas.

A grande maioria dos/as respondentes da pesquisa de 2021 acredita que a participação política, o acompanhamento e a fiscalização dos representantes políticos são capazes de transformar o país. Veem como participação política não só a participação partidária, mas outras formas de exercício da cidadania e outros meios de pressão política e engajamento social.

Na pesquisa de 2021, sobre a opção político-partidária indagada nas pesquisas aplicadas: na pesquisa de 1990, 61,8% dos/as respondentes indicaram o partido político de preferência e o partido do PT foi apontado como preferido por 31,7% dos/as estudantes e o PSDB com 11,5%. Na pesquisa em 2013: 75,3% dos/as estudantes revelaram desinteresse político-partidário e o partido do PT ainda foi o partido preferido da geração universitária inquirida com 13,4%, e em segundo lugar o PSDB com 4,6%.

Na pesquisa de 2021: 68,1% disseram não ter interesse por nenhum partido político, e o PT continua como o partido preferido dos/as respondentes com 12% e o PSDB com 1,3%. Outros partidos políticos foram indicados pelos/as respondentes na pesquisa de 2021: PSOL com 7,3% e o partido NOVO com 2,6%. Na pesquisa de 2017 da UFMG: 73,9% não têm interesse em partidos políticos; o PSOL aparece em primeiro lugar como partido preferido (9,6%); o PT em segundo lugar com 8,4% e o partido político NOVO com 2,6% dos/as respondentes.

Tabela 13: Preferência político-partidária

Pesquisa	Desinteresse por partido político	PT	PSOL	PSDB	NOVO
1990 PUC Minas	38,2	31,7	-	11,5	-
2013 PUC Minas	74,3	13,4	-	4,6	-
2017 UFMG	73,9	8,4	9,6	-	2,6
2021 PUC Minas Poços	68,1	12	7,3	1,3	2,6

Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

A respeito dos critérios utilizados pelos/as respondentes na hora da votação, os resultados colhidos nas pesquisas foram: a pesquisa de 2013 apontou que os/as universitários/as analisavam as informações do/a candidato/a e do partido (39,9%); escolhiam pela pessoa e suas propostas e não o partido político (21,3%). Na pesquisa de 2021, os critérios utilizados eram os mesmos de 2013, mas com alteração na porcentagem: aumentou bem os que escolhiam pela análise do/a

candidato/a e do partido (62,4%); e ficou inalterado o resultado dos que votavam pela pessoa e suas propostas independentemente do partido político (21,9%).

As pesquisas aplicadas (1990, 2013, 2017 e 2021) também indagaram sobre a disposição do tempo dos/as respondentes em diferentes atividades ao longo da semana. Na pesquisa de 2013, em relação às perguntas sobre o tempo gasto em suas atividades cotidianas semanais: 32,7% dos/as respondentes dedicavam-se às redes digitais (8 a 10 horas ou mais). Na pesquisa de 2021 são 69,2% dos respondentes que dedicavam de 8 a mais de 10 horas com as redes digitais (51,7% mais de 10 horas e 17,5% de 8 a 10 horas). Observa-se o crescimento no uso da redes digitais.

O tempo semanal dedicado aos estudos em 2013, por mais de 10h foram 24,7% dos estudantes; na pesquisa de 2021, foram 29,2% dos respondentes (12% de 8 a 10 horas e 23,8% de 5 a 7 horas). A pesquisa de 2017 da UFMG, apontou os seguintes resultados: os estudos ocuparam prioritariamente a dedicação do tempo de 50% dos/as respondentes; em segundo lugar, o tempo gasto com internet e redes digitais (34,8%).

Em relação às outras atividades semanais: na pesquisa de 2013, no tempo dedicado às atividades religiosas, houve o registro de “zero” horas com a porcentagem de 29,3% e 31,3% com festas baladas e bares também com a opção de “zero” horas. Na pesquisa de 2021: 37,9% dos estudantes não gastavam tempo com as atividades religiosas e 37,3% também informaram a opção de “zero” horas no tempo gasto com festas baladas e bares. Na pesquisa de 1990, os/as estudantes disseram que o tempo livre era dedicado aos eventos sociais (34,5%), cinema e teatro (20,2%) e para atividade religiosa apenas 1,8% do tempo.

Nas pesquisas de 2013 e 2021, houve perguntas sobre os valores, as metas e o que os/as universitários/as achavam importante na vida. Na pesquisa de 2021, os/as respondentes apontaram como valores importantes para a vida: a família (99,7%), o estudo (99,2%), a defesa do meio ambiente (97,7%), a amizade (97,4%) e o exercício da cidadania e a política (94,2%). Diante de outras questões apresentadas se obtiveram as seguintes porcentagens: amor (86,7%), Deus (86,2%), esporte (81,2%), redes digitais (73,4%) e sexo (73,1%).

Na pesquisa de 2013, em que essas perguntas foram aplicadas, o “estudo” ocupou o grau de maior importância (99,2%), seguido da “família” (99%), “trabalho” (98,5%) e “amizade” (98,4%). Em relação a Deus (89%), esporte (84,7%), sexo (84%), política (73,9%) e redes digitais (39,5%). Observou-se comparativamente que os valores mais importantes ainda são a família, o estudo e a amizade. Deus e a espiritualidade, ocupam um papel relevante, mas houve uma pequena diminuição no grau de importância na vida dos estudantes. Em relação às redes digitais houve um aumento de 39,5% para 73,4% na porcentagem de interesse na vida dos estudantes. Sobre a importância do sexo também ocorreu uma diminuição de 84% (2013) para 73,1% (2021). Aconteceu um aumento sobre a relevância da política de 73,9% (2013) para 94,2% (2021).

Tabela 14: Quadro comparativo dos valores %

Área de interesse	2013 PUC Minas	2021 PUC Minas Poços
Família	99	99,7
Estudo	99,2	99,2
Meio ambiente	-	97,7
Amizade	98,4	97,4
Cidadania e Política	73,9	94,2
Amor	-	86,7
Deus	89	86,2
Esporte	84,7	81,2
Redes Digitais	39,5	73,4
Sexo	84	73,2

Fonte: Dados da pesquisa 2021 PUC Minas *Campus* Poços de Caldas.

As questões sobre sexualidade e fecundidade não foram apresentadas na pesquisa de 1990, mas nas pesquisas de 2013 e 2021 foram inseridas no final dos questionários. Sobre a pergunta se já tiveram relações sexuais, em 2013 responderam que sim 88,8% e na pesquisa de 2021 o resultado afirmativo foi de 77%. Nota-se que a análise de que a Geração Z se preocupa menos com sexo é

verificável. Na pesquisa de 2017 da UFMG: 79,7% já tiveram relações sexuais e 50% a primeira relação sexual foi com o/a namorado/a. Sobre a consensualidade na relação sexual, na pesquisa de 2013 o resultado foi de 97,3% e na pesquisa de 2021 apontou-se a porcentagem de 73,9% (23% dos 383 estudantes respondentes não se manifestaram).

Perguntou-se ainda sobre a parceria na primeira relação sexual e os resultados apontaram que em 2013, mais da metade dos respondentes afirmaram que fora o/a namorado/a em 54,7%, o/a ficante 15% e o/a amigo/a em 10,7%. A pesquisa de 2021 apontou o seguinte: 33,7% com o/a namorado/a; 22,2% com o/a ficante e 7,6% com o/a amigo/a. Na UFMG, para 50% a primeira relação sexual foi com o/a namorado/a. As pesquisas ainda indagaram em relação à faixa etária da primeira relação sexual: em 2013, quase 70% dos respondentes tinham entre a faixa etária de 15 a 17 anos. Na pesquisa de 2021 foram 41,2% dos respondentes nessa faixa etária de 15 a 17 anos e 13,3% dos/as respondentes na faixa etária de 18 anos.

As pesquisas de 2013, 2017 e 2021 questionaram sobre a fecundidade e os resultados obtidos foram analisados comparativamente e seguem apresentados: em 2013, 82,5% disseram que não tinham filhos/as e 17,5% responderam que tinham filhos/as; em 2021, num número maior, 93,7% dos respondentes afirmaram não ter filhos/as e 6,3% disseram ter filhos/as. A pesquisa de 2017 da UFMG registrou o seguinte resultado: 82% dos/as respondentes disseram que nunca tiveram filhos/as. Quanto à intenção de ter filhos/as, os respondentes apontaram que gostariam de ter dois filhos/as: 51,7% (2013) e 39,2% (2021); três filhos/as: 20,3% (2013) e 9,9% (2021); e não querem ter filhos/as os resultados apontaram que em 2013 foram 9,4% dos/as respondentes e em 2021 este número aumentou para 37,6% dos/as estudantes universitários/as na PUC Minas em Poços de Caldas.

Sobre a idade melhor para gerar filhos/as, a pesquisa de 2013 apontou que 86,6% dos/as estudantes consideram a faixa etária dos 25 a 34 anos, sendo 44,9% entre a faixa etária de 25 a 29 anos e 41,7% entre a faixa etária de 30 a 34 anos. Na pesquisa de 2021 a maioria dos/as respondentes considera a melhor faixa etária para gerar filhos/as entre a faixa etária de 26 a 35 anos, somando 88% dos estudantes, sendo 45,7% entre a faixa etária de 26 a 30 anos e 42,3% entre a faixa

etária de 31 a 35 anos. A pesquisa de 2017 da UFMG registrou o seguinte resultado: 82% dos/as respondentes disseram que nunca tiveram filhos/as.

Outros dados que merecem registro foram os questionamentos sobre os interesses de participação em grupos e movimentos *intra* e *ad extra* da universidade. Sobre o interesse em participar de movimentos e grupos religiosos dentro da universidade: 72,8% dos/as respondentes manifestaram desinteresse nesses grupos e 6% disseram que tinham interesse no movimento da Renovação Carismática Católica (GOU Grupos de Oração Universitário). Em relação à participação em grupos religiosos dentro da universidade, a pesquisa de 2013 revelou o baixo interesse nesses grupos atingindo 1,8% dos/as respondentes.

As pesquisas contribuíram sobremaneira para um banco de dados inéditos e atual, que pode permitir outras comparações e articulações e análises. São inúmeras variáveis que podem ser cruzadas, confrontações das gerações universitárias, a partir das pesquisas, de dados coletados e dos resultados obtidos em duas grandes universidades do país, uma privada e outra pública. Os questionários respondidos abarcaram múltiplas questões das mais variadas temáticas sobre a percepção das gerações universitárias que favorecem o planejamento de ações e os caminhos de diálogo junto às juventudes.

2.3. Análise das similitudes e diferenças mais gerais dos perfis em gerações universitárias mineiras

As análises comparativas das pesquisas realizadas em anos diferenciados (as pesquisas de 1990, 2013, 2017 e 2021), com realidades e contextos socioculturais, políticos, históricos, econômicos e religiosos específicos das épocas, permitiram apontar que, as gerações após 30 anos da primeira pesquisa (1990) na PUC Minas e 8 anos da segunda pesquisa (2013), em alguns aspectos avançaram e em outros retomaram por outros caminhos. Verificaram-se as diferenças nas ideias, nas crenças e descrenças, nos comportamentos, nas linguagens, nas relações, na escala de valores e nas metas de vida, mas também foi possível perceber a transformação em muitos aspectos observados no decorrer dos tempos e dos contextos.

Entre as gerações universitárias mineiras o que se percebeu, de fato, são os impactos e inflexões da historicidade e da realidade vivenciada a seu tempo e a seu modo. Os campos religiosos e políticos sofreram transformações e novos comportamentos são constatados. Vê-se uma geração universitária mineira mais tolerante em relação ao pluralismo religioso, à forma mais aberta e autônoma de relacionar com o sagrado, e que, valoriza a política e o exercício da cidadania a fim de transformar a realidade sociocultural, política, econômica, educacional e ambiental, apesar do distanciamento das instituições partidárias.

As similitudes das gerações universitárias ainda são as defesas de valores que acreditam como a família, a amizade e o estudo. Na geração universitária da pesquisa de 2021 destacou-se também a defesa do meio ambiente como um valor extremado para essa geração atual. Percebeu-se na pergunta sobre a importância do sexo uma diferenciação das gerações anteriores com a diminuição do grau de importância. Tal temática mereceria em outra pesquisa com maior aprofundamento, especialmente a conexão com a questão religiosa e posicionamentos conservadores.

De fato, outra diferenciação das gerações foram as declarações de pertencimento no campo religioso e o convívio com a pluralidade religiosa no âmbito acadêmico. Houve o aumento no espectro religioso e no trânsito religioso no decorrer dos ciclos da vida da geração universitária. Na pesquisa de 2021, os/as universitários/as se declararam pertencentes a outras religiões; à múltipla religiosidade; sem religião, mas com fé em Deus (religiosidade própria); sem pertencimento religioso institucional; com pertencimento religioso, mas autônomos e sem culpa em relação às orientações religiosas e dogmas.

Percebeu-se a similitude na mantença da religiosidade e na relação com o sagrado, porque as gerações universitárias mineiras continuam religiosas e valorizam essa dimensão da religiosidade para a formação humana integral. Embora, como se registrou, a pesquisa de 2021 tenha havido o aumento dos/as universitários/as que “não têm religião”: de 7,4% na pesquisa de 2013 para 23,5% dos/as respondentes em 2021.

Outra diferença no campo religioso diz a respeito à diminuição dos/as estudantes que se declararam católicos/as. Nas pesquisas anteriores havia uma

maior predominância do catolicismo nas declarações dos/as universitários/as. Na pesquisa de 2021 registrou-se que 41% se declararam católicos/as. E as formas de expressão da catolicidade também estão diferenciadas. Houve um aumento do catolicismo nominal, daqueles e daquelas que se dizem católicos/as, mas não praticam o catolicismo, como se observa de 9% dos/as respondentes em 2013 para 19,8% em 2021, e 25% em 2017.

No campo político, as gerações universitárias mineiras continuam descrentes das políticas partidárias e demonstraram desinteresse pelos partidos políticos. O desinteresse partidário atingiu em 2013 a porcentagem de 75,3% dos/as universitários, e em 2021 a porcentagem foi de 68,1% dos/as respondentes.

O partido político de maior preferência das gerações universitárias permanece o PT (Partido dos Trabalhadores), mas na pesquisa de 2021, outros partidos se despontaram na porcentagem da declaração dos/as estudantes, como o PSOL (7,3%) e o partido NOVO (2,6%).

As redes digitais são diferenciais da geração universitária contemporânea, considerada a Geração Z, os/as nativos/as digitais. Na pesquisa de 2021: 69,2% dos/as universitários ficavam entre o período de 8 a mais de 10 horas nas redes digitais por semana, enquanto na pesquisa de 2013 o número registrado foi de 32,7% dos/as respondentes no mesmo período.

A geração universitária contemporânea manifestou maior interesse na continuidade da formação acadêmica (81,4%); na participação dos grupos de pesquisa (85,1%) e na participação dos grupos extensionistas (85,6%).

Concluindo este capítulo, buscou-se levantar dados para se conhecer o perfil da geração universitária contemporânea da PUC Minas *Campus* Poços de Caldas, e assim analisar comparativamente com outras pesquisas aplicadas em 1990 e 2013 na PUC Minas e 2017 na UFMG. Identificar a realidade do fenômeno social das juventudes presentes na universidade, a historicidade do caminho de diálogo e atuação junto às juventudes e à geração universitária, a fim de verificar o que mudou depois de mais de 30 anos da primeira pesquisa, de oito anos da segunda pesquisa, quatro da terceira, enfim, buscar uma imersão na realidade da geração universitária.

Atualmente é possível dialogar com uma geração universitária que é mais tolerante; religiosa; com religiosidade própria, mais autônoma e livre; crítica diante

dos dogmas institucionais; considerada os/as nativos digitais; que passa muito tempo conectada; que não tem medo de conversar e falar sobre todos os assuntos (homossexualidade, racismo, misoginia, gênero, etc.); que tem consciência do exercício da cidadania e da política para transformação do mundo e desacredita da política partidária atual como está organizada; que pensa mais no voluntariado; na formação acadêmica continuada; que vive seus medos e angústias; que tem a história marcada nos seus corpos e mentes.

Capítulo 3 - Perspectivas pastorais para as atuais gerações a partir dos dados pesquisados

Toda e qualquer ação no âmbito universitário exige que se conheça as realidades das juventudes, se escute a geração universitária, se debruce sobre os anseios e os desafios vivenciados do tempo presente. O caminho pastoral só acontece, de fato, com a escuta atenta e a participação ativa da geração universitária nas decisões de planejamento e na aplicabilidade dos planos de ação. A ação pastoral deve primar pelo protagonismo juvenil. Toda comunidade acadêmica é convidada a participar, a se envolver nesse processo pastoral, acompanhar e avaliar os passos dados no decorrer das ações pastorais.

As realidades da geração universitária precisam ser compreendidas, pois há muitos/as jovens que possuem uma religiosidade própria e independente das pertenças às religiões, os chamados “sem religião”. São juventudes sem pertencimento ativo à determinada instituição religiosa; creem em Deus, mas não frequentam os ritos e celebrações religiosas.

Há juventudes mais livres, mais plurais, mais abertas para conversar sobre quaisquer temáticas. Há um multiverso, uma pluralidade religiosa, um aumento no espectro das religiões e religiosidades presentes na universidade. Há juventudes mais interconectadas, mais críticas, que veem a política e o exercício da cidadania através de outros meios do agir político, dentre eles, a força dos coletivos, a participação em conselhos paritários, mobilizações e manifestações presenciais e nas redes digitais.

Não resta dúvida, a proximidade dos/as pastoralistas com a geração universitária é fundamental para ouvir, dialogar e acompanhar o projeto de vida das juventudes; para formar vínculos de fraternidade e diálogo abertos, sem proselitismos ou sectarismos. Não cabem ideias conservadoras, mas sim a inclusão de todos e todas, e acolher a pluralidade presente no mundo acadêmico.

Importa ainda ressaltar a maneira de se aproximar e a visão aberta e acolhedora daqueles e daquelas que se dedicam às juventudes presentes na universidade:

> O jovem busca sua inserção no mundo por meio de uma ordem diferenciada, que considere suas opiniões e visão de mundo. [...] Isso significa trabalhar três atitudes básicas diante dos jovens na Universidade. A primeira é ver o jovem como solução e não como problema; uma segunda atitude implica ver o jovem como fonte de iniciativa e não como receptáculo; por fim, ver o jovem como parceiro e interlocutor das decisões nos processos educativos e não como destinatário das ações voltadas a eles (RIBEIRO, 2014, p.8).

Os/as agentes da Pastoral Universitária devem estar no meio dos/as universitários/as, misturar-se entre a comunidade acadêmica e permear os espaços e as estruturas acadêmicas com os valores humanos e éticos. Sair para encontrar-se com os universitários/as e conviver com as suas realidades. Dar passos e iniciativas para promover a cultura do encontro e da proximidade; ir aos lugares onde as juventudes estão, e escutar o que elas falam de si mesmas.

A pluralidade da geração universitária é uma realidade que deve ser respeitada e integrada nos espaços de decisão, comunhão e diálogo na universidade. O protagonismo juvenil precisa encontrar apoio na Pastoral Universitária e na construção coletiva do planejamento das ações pastorais no âmbito da universidade.

A proximidade com a geração universitária acontece na convivialidade e nos encontros de partilha e fraternidade; “fazer-se próximo”, encontrar-se com as juventudes e gostar de estar entre eles. As realidades das juventudes precisam ser acompanhadas amorosamente e com tempo, conforme acentua o documento 85 da CNBB (2013): “Além disso quem acompanha os jovens, [...] devem ter disponibilidade de tempo para estar junto, cultivar os laços de amizade, fazer coisas juntos etc.” (CNBB, 2013, p.36, n. 59).

As questões que permearam o caminho da investigação, os estudos das pesquisas que se dedicaram à temática das juventudes, a busca do perfil da geração universitária, as análises comparativas com pesquisas anteriores que também adentraram o multiverso das juventudes, o percurso para conhecer as realidades das gerações universitárias apontaram questionamentos, entre eles, como ser Pastoral Universitária num mundo altamente plural. É possível dialogar e acolher a pluralidade e a diversidade. Pode-se construir um caminho juntos com os

pés na realidade e contribuir para uma formação humana integral e solidária e para o pensamento crítico e a transformação sociopolítica.

Este capítulo trata de apresentar as perspectivas pastorais para a geração universitária contemporânea a partir dos dados pesquisados e dos resultados obtidos. As análises e as comparações da geração universitária contemporânea e das gerações universitárias pesquisadas em anos anteriores permitiram apontar questões religiosas e políticas importantes para a identificação do perfil da geração universitária presente na universidade, bem como os desafios pastorais emergentes.

Os cenários que vieram à tona e as realidades socioculturais e políticas pontuadas na pesquisa abriram os olhares em direção aos limites de resposta da ação pastoral no âmbito universitário e ao mesmo tempo às possibilidades de ação e diálogo com a geração universitária contemporânea. Assim, surgiram prospectivas de ação pastoral e evangelizadora nesse multiverso plural e singular.

Assim, serão apresentadas as questões religiosas e políticas, bem como os desafios pastorais emergentes da pesquisa com a geração universitária da PUC Minas em Poços de Caldas e das pesquisas anteriores;

3.1. Questões religiosas e políticas e os desafios pastorais emergentes da pesquisa com a geração universitária da PUC Poços de Caldas e das outras pesquisas

Os campos religioso e político são imprescindíveis para conhecer a geração universitária contemporânea. Esses campos permitem traçar o perfil das juventudes presentes no âmbito universitário. A compreensão das transformações nas formas de se relacionar com o sagrado, os novos comportamentos, expressões e manifestações da religiosidade, as crenças e descrenças, os pertencimentos religiosos, as manifestações de fé sem pertencimento religioso institucional, o convívio com a pluralidade religiosa e de visões de mundo sem preconceitos instigam e apontam caminhos para a ação pastoral e evangelizadora num mundo plural. As visões de mundo mais abertas, a consciência e atuação política por outros meios, a descrença e o desinteresse da atuação político-partidária como está

organizada e constituída, a valorização do voluntariado são sinais que possibilitam ver a realidade sociopolítica das juventudes.

A pesquisa realizada na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas, o caminho percorrido e as análises comparativas com outras pesquisas anteriores para aprofundar sobre a geração universitária demonstraram a impossibilidade de pensar ações pastorais e evangelizadoras sem mergulhar nesse multiverso, sem conhecer por dentro e pela escuta ativa das juventudes que compõem a comunidade acadêmica.

A geração universitária tem religiosidade, crê em Deus, mas expressa essa religiosidade de forma própria, e um número significativo se diz sem pertencimento religioso institucionalizado. É uma geração que convive bem com a pluralidade religiosa, mas apontaram que “a religiosidade” e a “religião pertencente” não são assuntos pautados com frequência entre eles. Há, de fato, um respeito pela religiosidade do outro, quando perguntados/as declaram sem medo sua religiosidade, o pertencimento religioso, mas não são assuntos corriqueiros discutidos ou pontuados nos intervalos, nas conversas e nas salas de aula da universidade.

Essa percepção foi possível através da pesquisa realizada no primeiro semestre de 2021, que se utilizou da metodologia de grupos focais, de forma on-line, como técnica de coleta e análise de dados apontados na pesquisa quantitativa. As abordagens quantitativas e qualitativas contribuíram para a investigação desse fenômeno sociocultural multiverso em razão da complementariedade e do enriquecimento diante de pesquisas quantitativas. Essa metodologia permitiu um aprofundamento em questões que nem sempre podem ser mensuráveis numericamente em se tratando de fenômenos sociais.

Os encontros dos grupos focais aconteceram de forma on-line na Plataforma Teams com um grupo de quatro estudantes que assentiram em participar das conversas por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido em duas vias. Foram cinco encontros em que se pautaram temáticas sobre as características das juventudes universitárias, as religiosidades e não religiosidades, a política e a cidadania, a visão de mundo, a educação e a pandemia. Os roteiros elaborados permitiram conversar sobre o que é ser jovem na universidade, os

desafios, os sonhos, os medos, as angústias, a percepção da religiosidade da geração universitária, a visão da participação política e das realidades socioculturais, políticas, econômicas, as relações humanas, a educação, o campo de trabalho e as políticas públicas para as juventudes.

Para manter o sigilo das participações no registro das conversas utilizou-se antes de cada fala a identificação de “P1”, “P2”, “P3” e “P4”. O grupo que participou apresentava características diferenciadas nos campos religioso e político.

A conversa com os/as estudantes sobre a religiosidade da geração universitária por meio da metodologia do grupo focal on-line, ao apresentar o questionamento sobre como veem a religiosidade entre eles, percebeu-se a importância para a formação humana integral, ficou claro que “a geração universitária tem religiosidade; tem fé em Deus, mas não conversam muito sobre essa temática”, e as falas transcritas corroboram com a percepção destacada. Aos questionamentos “Vocês têm um outro olhar de gerações anteriores, são mais abertos e menos preconceituosos, mas aí eu pergunto: a religiosidade é uma dimensão profunda, percebem que a geração universitária tem religiosidade, tem essa fé em Deus, e como que vocês percebem a religiosidade de vocês e do grupo que está com vocês na universidade? Os/as jovens universitários/as são religiosos/as, têm religiosidade?”, houve as seguintes respostas:

> Até tem religiosidade, existem muitos jovens religiosos, mas não é um assunto das nossas conversas, não conversamos muito sobre esse tema (P1). Eu acredito que tem sim, que seja uma coisa muito bem presente nos jovens, interessante, não se discute, mas é presente (P2). Eu concordo bem com esse pensamento, acho que apesar da gente não falar, a gente também não fica se sentindo tipo com medo de esconder ou compartilhar sabe, acho que a gente está mais aberto para isso também, para escutar o outro e para falar, mas eu não sei porque a gente não fala mais sobre o assunto, talvez um assunto que a gente ainda considere como tabu, não sei. (P4) Acho que cada um tem a sua individualidade, mas também não é um assunto que de primeira assim, um jovem dentro de uma sala de aula, vai chegar para conversar ou no intervalo. Acho que cada um tem a sua peculiaridade nessa questão (P3). Percebe-se que a maioria tem religiosidade mesmo e não tem pertencimento religioso institucional. A juventude deu uma desligada boa sabe alguns jovens frequentavam, mas não é tão comum, não vejo mais tantos jovens tipo fiel, que vai no culto, que vai na missa, esse tempo on-line deu uma boa distanciada (P1).

Esse é um desafio emergente da pesquisa, qual seja, a escuta ativa com os/as universitários/as para as ações da Pastoral Universitária nesse multiverso, a

fim de propor um diálogo aberto sobre a religiosidade presente na universidade e a convivialidade com o pluralismo religioso; sobre o pertencimento religioso e a religiosidade própria, as experiências de fé e de não religiosidade.

Outro desafio que saltou aos olhos foi o enfrentamento do tempo pandêmico dessa geração, que apontou duas características acentuadas do “ser jovem”, quais sejam, a capacidade de adaptação às realidades socioculturais, políticas, econômicas, históricas, temporais, e a outra, a ansiedade própria das juventudes e das indagações sobre o futuro, a carreira profissional, a vida, o lugar no mundo. Disseram que se adaptaram rapidamente ao ambiente acadêmico digital, mas perceberam o aumento no grau da ansiedade. Pontuaram que ouvem a seguinte frase: “vocês serão uma turma diferente por causa da pandemia”; e sentem a pressão dessa afirmação, de um lado a pressão pela responsabilidade acumulada, e ao mesmo tempo, a experiência pelo enfrentamento da pressão desse tempo pandêmico. Assim diante dos enfrentamentos e experiências adquiridas nesse tempo pandêmico disseram que “saberão lidar melhor com os desafios na vida”.

Diante dessa realidade do enfrentamento da pandemia e dos impactos sofridos e vivenciados pela geração universitária, a Pastoral Universitária, há um campo importante de missão, para acolher e dialogar com as mais diversas realidades decorrentes desse enfrentamento, que permeou e permeia a geração universitária, a fim de conversar em pequenos grupos para o compartilhamento de experiências e provocar os espaços de escuta.

Os/as universitários declararam por meio da conversa no grupo focal que a universidade é um “divisor de águas”, e, sentem a proximidade com a vida adulta. Eles percebem que quando adentram a universidade veem realidades diferenciadas, sabem que precisam sair de “seus mundinhos” e fazer os sonhos de suas vidas darem certo. Assim experimentam o mundo das responsabilidades. Disseram ainda que sofrem muitas influências das mídias digitais, que “a informação está na palma da mão” e precisam avaliar o que é verdade e o que é importante absorver. São impactados pelas polarizações e agressividades decorrentes do ódio semeado nas redes digitais. Pontuaram que gostam muito de conversar e que não têm medo de debater sobre quaisquer assuntos.

A pesquisa de 2021 indagou sobre a concordância ou discordância em relação à discussão das temáticas de política e religião: 78,8% dos/as respondentes concordaram que política e religião devem ser discutidas na universidade. Portanto são dois campos que a Pastoral Universitária pode e deve se envolver; promover espaços de debates e reflexões sobre o papel da política, da religião e da religiosidade na formação humana integral.

O campo político e o agir político da geração universitária são desafios instigantes para a atuação da Pastoral Universitária. A política e a dimensão transformadora da fé merecem acompanhamento, debate, provocações de discussões e atitude dialogal da Pastoral Universitária. Os/as universitários opinaram sobre a importância da participação política para transformação da realidade existente, mas também enxergaram outros meios de atuação política e exercício da cidadania. Cabe à Pastoral favorecer os encontros para pensar um mundo mais humano e mais justo, e, propiciar o aprendizado do diálogo entre os diferentes saberes e culturas. A Pastoral Universitária pode contribuir para provocar a atitude dialogal respeitosa e acolhedora, o diálogo inter-religioso e as ações ecumênicas.

Outros pontos de interesse acentuados na geração universitária foram o voluntariado (30,8% dos/as respondentes) e os movimentos sociais (15,7%). Assim, percebe-se que há campos favoráveis para atuação pastoral e evangelizadora. Podem facilitar momentos de aprendizagem sobre o papel transformador dos/as voluntários/as na sociedade.

As políticas públicas para o desenvolvimento das juventudes e o acesso às universidades encontraram respaldo na concordância de 88,5% dos/as estudantes universitários/as. Essa temática pode despertar um campo de estudo e de mapeamento da realidade de Poços de Caldas na área das juventudes, e mais, possibilitar um diálogo e participação no Conselho Municipal de Juventude, a fim de aproximações e compartilhamentos.

Diante do perfil da geração universitária e dos desafios pastorais emergentes da pesquisa são muitas as possibilidades pastorais e os limites de respostas aos desafios identificados. De antemão, é imperativo registrar que sem a escuta ativa dos maiores interesses e um caminho de construção coletiva torna-se difícil traçar

um plano de ação pastoral eficaz e próximo das realidades, das necessidades e dos desejos da geração universitária.

3.2. Possibilidades e limites de resposta da ação pastoral aos desafios identificados

Toda ação para/com/junto às juventudes, em especial, às juventudes presentes nas universidades, oferece muitas possibilidades de encontro, de reflexão, de formação, de diálogo, de debates, de aprendizagem, de ação socioeducativa, de espiritualidade encarnada, mas ao mesmo tempo encontra seus limites de resposta e de ressonância aos desafios identificados em determinada geração.

O primeiro passo é sempre conhecer quem são os jovens que circulam e convivem na universidade. Não resta dúvida, é necessário ouvir deles mesmos as possibilidades de ação e diálogo nesse multiverso, os desafios encontrados e o que querem e pensam de uma ação pastoral.

O caminho possível da Pastoral Universitária numa realidade plural é uma pastoral sinodal, que quer caminhar junto, que vai ao encontro no chão da sala, que perambula onde os/as jovens estão, que não mede esforços para planejar coletivamente, fazer acontecer a missão conjunta, segundo as necessidades e desejos. Uma pastoral que apresenta uma atitude de serviço e de escutatória. Uma pastoral que se abre às conversas pautadas pelos desafios e enfrentamentos do tempo, do espaço, da história e das realidades socioculturais, políticas e religiosas.

A Pastoral Universitária deve sair do seu lugar e abrir-se à uma pastoral “em saída”, que escuta todas as vozes, inclusive as vozes silenciadas da/na universidade, e assim, compor um caminho de ação conjunta, a partir dos/universitários/as e com toda comunidade acadêmica. A Pastoral Universitária deve ser como a “Casa das juventudes”, como espaço privilegiado de diálogos, de conversas e acolhimento.

A proposta de ação, primeiramente, é fazer um percurso de imersão no chão das salas, conversar com os/as estudantes sobre juventudes, religiosidade, política, visão de mundo, educação e pandemia. Perguntar ainda sobre como pensam que a

Pastoral Universitária deva agir e propor ações na universidade. Após a imersão e a escuta dos/as universitários caberá construir caminhos e possibilidades de ação com os/as representantes, e apresentar o plano de ação numa assembleia das juventudes, para um momento de discussão coletiva e encaminhamentos finais. Como ser essa Pastoral Universitária num mundo plural?

3.3. Prospectivas de ação para a evangelização no âmbito universitário e na pastoral juvenil diocesana

Nesse tempo de pesquisa, e mergulho profundo no multiverso jovem; nesse mundo plural, de múltiplas realidades e rostos identificados das juventudes; nesse tempo de aprofundar o conhecimento do perfil da geração universitária, dos sonhos, das perspectivas, dos desafios e das dificuldades que os cenários conjunturais da cultura neoliberal impõem às juventudes universitárias, torna-se evidente que a proposta de ação e de diálogo é por uma Pastoral Universitária sinodal, aberta, acolhedora, plural e dialogal. Por um caminho colegiado, um caminho com/para a geração universitária e de construção/desconstrução coletiva, adentrando sem medo às realidades que se apresentam.

A tarefa dos/as pastoralistas e das equipes de trabalho é ir em busca; sair dos modelos pré-existentes; quebrar preconceitos e acolher para o diálogo e a ação conjunta a comunidade acadêmica nas mais diversas dimensões: na convivialidade; na ação socioambiental, política, voluntariado; na espiritualidade; nos debates sobre razão e fé, ciência e outros saberes; na construção das sínteses, a partir das antíteses e a multiplicidade de argumentações; na formação humana integral ética e política; e nos grupos de estudos e na produção de textos e conhecimentos.

O estudo e o debate sobre a temática das juventudes devem compor o planejamento das ações pastorais, bem como temáticas pertinentes às realidades e aos fatos que acontecem no mundo moderno atual. A discussão constante sobre a formação humana integral; os debates e questionamentos sobre a vida, as realidades socioculturais, políticas e econômicas; e as ações socioeducativas e o voluntariado.

A coordenação da Pastoral deve ser permeada por uma liderança jovem e assessorada por um Conselho de Pastoral com representatividade bem plural (universitários/as, funcionários/as, professores). A mentalidade aberta e comprometida com o diálogo deve compor o jeito de ser/fazer dos/as agentes das equipes da Pastoral Universitária.

Serão requisitos basilares da ação pastoral: a linguagem de proximidade e a atitude dialogal para todos àqueles e àquelas que se dispuserem a abraçar essa missão na universidade, considerada a comunidade ambiental universitária, nesse mundo tão plural e singular.

A proposta da ação pastoral será conviver/dialogar/pensar e fazer juntos com todos e todas pertencentes à comunidade universitária. A Pastoral Universitária é convocada nesse campo de missão a semear a cultura do encontro e do diálogo, da fraternidade e solidariedade; compartilhar experiências entre os saberes e as religiosidades e não religiosidades.

Na ação pastoral deve-se fugir de toda doutrinação, proselitismo e sectarismo. A tarefa inadiável é apresentar uma proposta de convivialidade e aprendizado mútuo, de respeito à diversidade, à pluralidade, às crenças e às não-crenças. A proposta de ação deve fundamentar-se no princípio do humanismo solidário: uma Pastoral Universitária humana e humanizadora; atenta à realidade ao derredor, ao tempo e aos desafios do tempo, aos sofrimentos e às dores dos mais empobrecidos/as da sociedade e do entorno da universidade.

O intuito da Pastoral Universitária é ser um espaço de fé dialogada, de solidariedade e partilha. O tempo na universidade traz muitos questionamentos e provoca mudanças de mentalidades e visão de mundo, por isso é muito importante que a Pastoral acolha àqueles e àquelas que querem fazer uma experiência de diálogo profundo consigo mesmo, com os outros, com Deus e com a natureza.

A universidade é um campo fértil de missão; de provocações, transformações e reflexões de vida e de trajetórias. É um espaço para a vivência dos valores humanos, e tempo de um ciclo novo na vida para as pessoas que querem rever/reavaliar o projeto de vida, repensar “o ser e estar no mundo”. Será que a Pastoral está atenta para o valor desse espaço de reflexão e questionamento da vida? Como a Pastoral acompanha o/a estudante universitário/a nesse momento?

Contribui para repensar o projeto de vida? As temáticas da solidariedade e da partilha são pautadas? É possível que a Pastoral Universitária faça um caminho ousado.

O tempo e o processo de educação na universidade são muito exigentes e desafiadores, portanto, a Pastoral Universitária pode oferecer possibilidades de acompanhamento e acolhida; espaços de escuta e compartilhamento de vida. Há necessidade de provocar espaços de conversas e acompanhamento do projeto de vida pessoal e social.

O tempo na universidade é um divisor de águas, e um tempo também para prestar atenção no caminho que se faz, na história à sua volta e um tempo de reorganizar a trajetória de vida. Cabe oferecer momentos de experiência de fé profunda e encarnada, para aqueles/as que têm fé, ou de espiritualidade não religiosa para quem não têm fé religiosa, de forma que sejam momentos de integralidade da pessoa humana e de sentido de vida. No fundo, tanto a experiência de fé religiosa quanto não religiosa podem se encontrar em valores profundos da vida como o amor, a solidariedade, a luta pela justiça, dentre muitos outros. Assim sendo, espaços de escuta, de encontro, de partilha, de silêncio meditativo e de espiritualidade precisam ser cavados prioritariamente nas ações da Pastoral.

A ação pastoral precisa acompanhar o fenômeno das juventudes, a dinamicidade dos desafios e da pluralidade juvenil. Indagar constantemente: como acompanhar as juventudes hoje? Quais as realidades que enfrentam? As temáticas como desigualdade social, a violência, ecologia integral, economia solidária, humanismo solidário devem pautar as ações e o diálogo junto às juventudes e à geração universitária. Dialogar sobre os medos e angústias, que assombram essa geração, os entraves e as esperanças que permeiam seus projetos de vida, os sonhos e as possibilidades:

> A pobreza e a violência são duas realidades que não podem ficar esquecidas no acompanhamento juvenil. Embora avanços sociais tenham aberto portas para garantir acesso às mesmas possibilidades, ainda se tem exclusão e discriminação de muitos jovens (CORRÊA NETO, 2019, p. 45).

Os/as agentes da ação pastoral precisam acompanhar a realidade de pobreza, violência e mortes no mundo juvenil; ter clareza sobre os perfis das juventudes e dos mundos juvenis. Enxergar as potencialidades das juventudes e não ver “como problemas”. Acompanhar atentamente os estudos sobre os mapas e atlas da violência no país que apontam para o aumento exponencial das mortes de jovens, especialmente, jovens negros, pobres e periféricos.

O tripé indissociável da universidade, o ensino, a pesquisa e a extensão, tem o condão de promover o compartilhamento do conhecimento e dos saberes, ver as realidades socioculturais mais prementes e colocar a ciência a serviço da vida digna para todas as pessoas e para Casa Comum.

A Pastoral Universitária articulada com o ensino, a pesquisa e a extensão, pode colaborar junto ao processo de construção e efetivação das políticas públicas na realidade onde a universidade está inserida. Torna-se uma ação pastoral fundamental para o desenvolvimento da vida integral e de condições dignas para as juventudes. Cabe também promover espaços de discussão e aprendizagem coletiva para a preparação/participação/acompanhamento das juventudes nos Conselhos Municipais de Juventudes.

Portanto, a partir da pesquisa realizada na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas no ano de 2021; das análises comparativas com pesquisas realizadas em anos anteriores, pesquisas de 1990 e 2013 (PUC Minas) e 2017 (UFMG); das conversas on-line por meio dos grupos focais; da busca do perfil da geração universitária pelo estudo de pesquisadores e pesquisadoras sobre a temática das juventudes, é possível reafirmar a necessidade de se conhecer a vida concreta dos/as universitários/as, e pensar ações pastorais e evangelizadoras que levem em consideração o público alvo e âmbito de atuação.

A ação pastoral visa equilibrar-se nos três eixos de atuação: o eixo da espiritualidade, o eixo da formação-reflexão e o eixo da ação social. A espiritualidade é a dimensão mais profunda do ser humano, a busca de sentidos para a vida, o caminho do exercício da tolerância, do respeito aos diferentes. A formação-reflexão é a “mística de olhos abertos”, o engajamento, os pés no chão, a atenção às realidades e ao que acontece à nossa volta e no mundo. A ação social é

o despertar para as necessidades e os apelos dos mais empobrecidos/as da sociedade, abertura à alteridade e ao serviço solidário.

A universidade é o espaço por excelência da reflexão, das perguntas, dos questionamentos e todas as dimensões humanas precisam ser aguçadas. A universidade é o lugar de gestar e parir o novo. Portanto, a Pastoral Universitária tem a tarefa de permear a universidade com os valores cristãos, éticos e humanísticos.

Cabe qual Pastoral Universitária na PUC Minas, a partir do perfil da geração universitária? Uma Pastoral Universitária que seja a “Casa do Pão”, a “Casa da Palavra”, a “Casa da Caridade” e a “Casa da Missão”, conforme propõe as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para o período de 2019-2023 (DGAE). Dessa forma, fruto da pesquisa, propomos algumas linhas de ação norteadoras essenciais para uma Pastoral Universitária como um espaço humanizante e humanizador:

1. Pastoral “Casa das juventudes”: aberta e plural

O ambiente da Pastoral deve ter portas e janelas abertas, uma casa para as juventudes. Deve ser um “lugar bom de ficar e conversar”, um lugar aberto e inclusivo, onde todas as pessoas que se aproximarem tenham vez e voz e possam dizer o que pensam, a visão de mundo, os sonhos, as expectativas, as esperanças. As pessoas que por lá circulam devem se pautar por uma mentalidade aberta e ventilada para acolher os sinais dos tempos e a mudança de época.

Resta claro que são as pessoas que constroem os espaços acolhedores. São as pessoas que com tranquilidade e leveza conversam sobre os desafios enfrentados pela geração universitária. A Pastoral Universitária aberta e plural é um espaço que reúne pessoas que desejam construir coletivamente um mundo melhor e mais justo para todas as pessoas dentro e fora da universidade.

No Sínodo para os jovens ocorrido em outubro de 2018, onde realizou-se a XV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos no Vaticano, o documento final apresentou a necessidade de abertura à diversidade e à pluralidade, a manter as

portas sempre abertas: “O Sínodo exortou-se a construir uma pastoral juvenil capaz de criar espaços inclusivos, onde haja lugar para todo o tipo de jovens e onde se manifeste, realmente, que somos uma Igreja com as portas abertas” (CNBB, 2019, p.93, n. 234)”.

2. Pastoral Transversal e de fronteira: acolhedora e dialogal

Torna-se essencial a proximidade com a geração universitária através da escuta e do encontro para a construção de um mundo mais humano e fraterno. A Pastoral Universitária deve se abrir à acolhida de toda comunidade acadêmica; aos que pensam diferente; aos que têm outras religiões; aos que têm religiosidade e não têm religião; aos ateus e agnósticos; aos de múltiplas pertenças religiosas e aos que não têm religiosidade e nem religião.

É tarefa pastoral sentar-se à mesma mesa, na diversidade e na pluralidade, e assim, promover a cultura do encontro ao redor de temáticas atuais, propiciar os debates e as rodas de conversa, exercitar o diálogo e a capacidade de ouvir e expor as ideias e pensamentos nos espaços de debate.

É nessa linha de ação da transversalidade e de fronteira, a partir do diálogo e do intercâmbio de saberes nas mais diversas áreas do conhecimento, que a ação pastoral se reveste de sentidos, conforme pontua em suas diretrizes a Pastoral Universitária da PUC Minas:

> Como uma pastoral de fronteira, a Pastoral Universitária encarna e assume sua missão no campo vasto da cultura e das ciências, em diálogo e parceria com os Institutos e Faculdades e em busca de compreensão crítica dos novos tempos que se estabelecem em nossa sociedade (DIRETRIZES DE AÇÃO, 2019-2023, n.34).

O diálogo e os debates de temas importantes e contemporâneos devem perpassar as ações pastorais na universidade. A Pastoral Universitária deve proporcionar os espaços para as conversas e reflexões atuais.

3. Pastoral de debates: formação humana integral (política, religiosidade, ecologia, economia solidária, ecumenismo, humanismo solidário e educação integral)

A universidade é o lugar do debate, dos questionamentos, dos contrapontos e das sínteses. É o espaço por excelência das discussões, dos confrontos, das tensões e da dialogia. A ação pastoral deve propiciar estes momentos de encontros para debater temáticas provocativas que desembocam em ações concretas.

O compromisso irrefutável da pastoral é favorecer o processo de formação humana integral daqueles e daquelas que estão na universidade. O caminho da formação humana integral passa pela capacidade de debater e dialogar com civilidade e respeito, e pela capacidade de construir um pensamento argumentativo e crítico.

A PUC Minas busca pautar-se por uma educação humanística e inclusiva; portanto, a Pastoral Universitária deve seguir na mesma senda, e provocar discussões de temáticas como: a economia sustentável, solidária, de comunhão, circular e partilha e a ecologia integral. E mais, promover espaços para conhecer a espiritualidade do bem-viver, da integralidade da vida e do respeito à Casa Comum.

A formação humana integral oferecida deve estar atenta às juventudes em sua totalidade:

> Portanto, propõe algumas dimensões dessa pessoa para as quais o pastoralista, em sua atuação, deva estar atento: o psicoafetivo, o psicossocial, o político, a mística e a capacitação técnica. Também sustenta que o ponto de partida é a realidade desse sujeito em seu contexto, com suas perguntas, afirmações e dúvidas. Assim, essa mesma formação se produz no processo, e esses processos partem de cada uma das dimensões: personalização, integração, sensibilização, conscientização, evangelização e capacitação técnica (CELAM, 2013, n. 522).

Aos que atuam e convivem no âmbito universitário e pastoral torna-se imprescindível a atenção à integralidade da pessoa humana, às dimensões humanas e ao contexto sociocultural, político, religioso, econômico dos/as universitários/as.

4. Pastoral dos encontros e compartilhamentos de experiências e de vida

O intuito da ação pastoral é semear a cultura do encontro na universidade; promover encontros para compartilhamento de vida e de experiências dos saberes e culturas. A integração e o compartilhamento de experiências e ações no âmbito universitário, através do tripé indissociável, o ensino, a pesquisa e a extensão, e atentas a todos os seus atores do mundo acadêmico são necessárias para as ações pastorais.

A ação e a missão realizadas em comunidades ambientais específicas, permeadas por múltiplas realidades, são consideradas atividades pastorais de fronteiras, nas quais o diálogo e os encontros devem acontecer de forma interdisciplinar e inclusiva, como é a universidade, segundo o que dispõe o documento do Papa Francisco *Evangelli Gaudium*, e no documento de Estudos da CNBB 112, ao apresentar a missão e identidade da ação evangelizadora nesse âmbito:

> Esse chamado estende-se às realidades onde é necessária uma preocupação do evangelizador, não apenas em chegar a cada pessoa, mas em dialogar com as culturas, com as expressões da ciência e as variadas experiências humanas, tem grande importância para pensar como fazer chegar a proposta do Evangelho à variedade dos contextos culturais e dos destinatários (FRANCISCO, 2013, n.133-134). Entendemos a Universidade como um ambiente de cultura e saber. O seu tripé indissociável (ensino, pesquisa e extensão) e os seus atores (universitários, professores e colaboradores constituem o rito e a alma dessa comunidade de conhecimento (CNBB, 2019, n.3).

A missão pastoral na universidade deve iniciar processos, provocar encontros por meio de pequenos grupos de vivência e de convivialidade plurais e acolhedoras. Torna-se importante formar uma rede de encontros e conversas com os atores no âmbito universitário. Formar uma rede de grupos de vivência e compartilhamento de experiências espalhada pela universidade. Essa ação é uma estratégia pastoral antiga/nova, um resgate de um jeito velho/novo de agir pastoral porque lembra uma

visão da Ação Católica nos anos de 1950, que marcou muito o JUC (Juventude Universitária Católica) e a Pastoral Universitária: o método de Revisão de Vida.

5. Pastoral da solidariedade e compromissada com a justiça e ação social

Primeiramente, destacar que a ação pastoral se fundamenta em três eixos que precisam conviver sopesados: o eixo socioeducativo, o eixo da espiritualidade e o eixo da formação-reflexão. Cabe à missão da Pastoral Universitária formar uma geração universitária atenta à realidade e preocupada em transformar o mundo por meio da ação coletiva. Assim sendo, a ação pastoral deve sair do seu lugar e olhar para o entorno da universidade.

A Pastoral Universitária precisa conhecer a realidade à sua volta, às necessidades, as prioridades de atuação, as ações e projetos sociais existentes e as parcerias que podem ser implementadas. A partir do diagnóstico da realidade social, dos projetos e ações, pensar conjuntamente o caminho de contribuição e atuação. O objetivo do eixo socioeducativo é provocar a ação transformadora capaz de somar atores e parceiros para a ação conjunta. Cabe à Pastoral organizar um grupo de estudantes dispostos a conhecer a realidade; apontar prioridades e construir um plano de ação conjuntamente.

O documento de Estudos da CNBB 102 atento à ação evangelizadora no âmbito universitário destaca que “é importante que qualquer experiência de Pastoral Universitária proponha o engajamento social, as ações de voluntariado e a luta pela construção de uma sociedade mais justa e mais humana” (CNBB, 2013, p. 37, n. 61).

As Diretrizes de Ação Pastoral-evangelizadora da PUC Minas destacam a importância do cuidado com a vida, mas com os pés na realidade universitária e por um compromisso profético-transformador:

> O eixo socioeducativo compreende a dimensão transformadora da fé; conduz à sensibilização das fragilidades e vulnerabilidades humanas e forma a consciência crítica e humanizadora, a responsabilidade ética inerente às profissões. É essencial pensar a função social do Ensino Superior como uma missão. A tarefa que se impõe no âmbito universitário é de ler e reler o mundo com as ferramentas das ciências, interpretar a

> realidade e transformá-la para o bem de todas as pessoas (DIRETRIZES DE AÇÃO, 2019-2023, p. 24).

Não resta dúvida, que a ação pastoral e as diretrizes de ação ganham sentido e relevância quando os eixos da Pastoral Universitária se articulam com o tripé do ensino, da pesquisa e da extensão. A missão na universidade é sempre conjunta e colaborativa.

6. Pastoral da espiritualidade encarnada

A espiritualidade é um dos eixos importantes da ação pastoral, mas uma espiritualidade encarnada na realidade sociocultural e política. Uma espiritualidade atenta às dores do mundo, dos mais vulneráveis, dos mais empobrecidos da sociedade. Cabe à Pastoral Universitária promover uma forma de rezar que espelhe a vida e uma vida que respire o que se reza; uma espiritualidade comprometida com a defesa da vida digna e abundante para todas as pessoas e da integralidade da Casa Comum.

O Sínodo para os jovens em 2018, no Documento Final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, reconheceu o compromisso social como uma característica forte das juventudes, a escolha para o voluntariado, a cidadania ativa e a solidariedade social:

> O Sínodo reconheceu que, «embora sob forma diferente relativamente às gerações passadas, o compromisso social é um traço caraterístico dos jovens de hoje. Ao lado de alguns indiferentes, há muitos outros disponíveis para se comprometerem em iniciativas de voluntariado, cidadania ativa e solidariedade social, o que é preciso acompanhar e encorajar para fazer surgir os talentos, as competências e a criatividade dos jovens e estimular a assunção de responsabilidades por parte deles. O empenho social e o contacto direto com os pobres continuam a ser uma oportunidade fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e para discernir a própria vocação. (…) Assinalou-se também a disponibilidade a se empenhar em campo político para a construção do bem comum» (CNBB, 2019, p.91).

O caminho da espiritualidade encarnada, a mística de olhos abertos, é a missão que cabe à Pastoral Universitária, de acordo com os passos dados na

América Latina na evangelização com as juventudes. A proposta de uma pastoral intercultural e comprometida com as realidades juvenis:

> A espiritualidade proposta é uma espiritualidade encarnada, enfaticamente histórica, incorporada ao tecido da vida pessoal (afetividade, sexualidade, vocação etc.) e social (família, trabalho, amizade, cultura, política, economia etc.); ademais, é uma espiritualidade inculturada, que assume as formas e os conteúdos de relações criados pelo próprio povo, e uma espiritualidade comprometida, que dá um significado novo aos acontecimentos e à cultura a partir da perspectiva da opção pelos pobres (CELAM, 2013, n. 292).

O eixo da espiritualidade também deve propiciar momentos para o silêncio e a meditação em razão dos cenários contemporâneos de barulho e de velocidade. Portanto deve oportunizar as ações contemplativas, meditativas e tempos de silêncio.

7. Pastoral da cidadania e transformação social

O eixo da formação e da reflexão da Pastoral Universitária visa conscientizar a comunidade acadêmica da corresponsabilidade e do protagonismo juvenil na transformação das realidades mais sofridas do mundo. Cabe à ação pastoral resgatar a força da cidadania para o processo de construção de um mundo mais justo e mais fraterno. Promover espaços de discussão da importância da participação política para efetivação das políticas públicas de Estado.

A conscientização e formação política, os grupos de discussão de fé e política na universidade, possibilitam os enfrentamentos e a ação coletiva na luta por mais direitos e garantias fundamentais para todas as pessoas. A discussão política prepara novos atores políticos que atuarão e primarão pela defesa da democracia, do bem comum e da dignidade da pessoa humana.

A Pastoral Universitária deve pontuar o caminho evangelizador na criação de pequenos grupos para exercitar a cidadania e formar a consciência política, com o objetivo de construir uma sociedade mais justa e mais humana, “onde a pessoa seja colocada no centro, onde sua vida seja respeitada” e haja respeito à Casa Comum (CELAM, 2013, n. 531), porque

> A participação em um grupo é um passo rumo à construção do ser político, ou seja, a preocupação com a vida coletiva. Todos os nossos atos são políticos por natureza, porque somos seres de relação. Dar-se conta de que podemos fazer pequenas mudanças em nosso ambiente e mudar o mundo é vital para a transformação, para a construir o Reino (CELAM, 2013, n. 557).

As ações pastorais devem educar o olhar da geração universitária para a alteridade, a justiça social, a opção preferencial pelos pobres e a articulação de grupos e coletivos na defesa dos mais vulneráveis e marginalizados da sociedade, da Casa Comum, conforme acentuam as Diretrizes de Ação da Pastoral Universitária da PUC Minas:

> O eixo socioeducativo objetiva educar o olhar e a ação para a necessidade do outro, e semear a cultura do encontro e da justiça, da alteridade e do humanismo solidário, na mente e no coração das pessoas. Ele constitui um fruto da espiritualidade e da reflexão, e leva a estimular a cultura da criação e animação de coletivos e redes de apoio. Todos nós sabemos que somos corresponsáveis diante da marginalização, da exclusão e dos sofrimentos dos mais empobrecidos da sociedade, bem como devemos ter compromisso com a Casa Comum (DIRETRIZES DE AÇÃO, 2019-2023, n. 42).

O objetivo é provocar o sentimento de coletividade e da defesa dos mais empobrecidos da sociedade e da Casa Comum.

8. Pastoral dos grupos de estudos e partilha dos saberes

De fato, a universidade é um campo fértil para ação pastoral, mas qual Pastoral Universitária e quais ações? “Cabe à pastoral trabalhar com eles a arte de formar-se, nos campos do pensar, do fazer, do conviver, do ser, do amar, do discernir os valores e da lucidez crítica, ressalta João Batista Libanio (LIBANIO, 2011, p. 86).

Há espaço na ação pastoral na universidade para incentivar e favorecer a criação de grupos de estudos, a fim de construir o conhecimento de forma coletiva. É possível criar espaços e tempos de leitura. É preciso conversar sobre temáticas atuais: a economia circular e solidária, a ecologia integral, a ecologia político-social e

a ecologia dos saberes; o pacto educativo global e o humanismo solidário, bem como sobre a própria ciência que está sendo ensinada, pesquisada e produzida.

Os grupos de estudos permitem pensar conjuntamente, e construir as alternativas para transformação das realidades sociais, indo ao encontro do que dispõe as Diretrizes de Ação da Pastoral Universitária da PUC Minas: “A universidade é a casa do saber e dos saberes, um espaço fecundo de produção de conhecimento (2019-2023, n.24).

Dessa forma, cabe à Pastoral Universitária oportunizar os espaços para o protagonismo das juventudes no campo da construção da ciência a serviço da vida das pessoas e da vida do planeta. Cabe, de fato, a produção do conhecimento como exercício da cidadania, uma ciência atenta às realidades e às transformações do mundo.

9. Pastoral e projeto de vida

Cabe à Pastoral Universitária fazer um caminho bonito para ajudar na construção e talvez até a ressignificação do projeto de vida da geração universitária. Primeiro, gerar a revisão constante do projeto de vida pessoal e social dos/as agentes da pastoral, e assim, a pastoral poderá abrir-se para acompanhar o projeto de vida pessoal e coletivo daqueles/daquelas que desejarem refazer o caminho. Cabem aos agentes da pastoral caminhar juntos, fazer um percurso em etapas, para retomada e conscientização do projeto de vida.

Dedicar-se à ação de acompanhar o projeto de vida dos/as universitários/as é missão e contributo importante da Pastoral Universitária. O projeto de vida é um processo de construção/desconstrução do caminho em confronto com as realidades de vida e do mundo contemporâneo.

O projeto de vida pessoal tem implicações no projeto de vida coletiva e vice-versa. Para reavaliar o projeto de vida pede-se uma postura de abertura diante da vida e uma compreensão clara das decisões e escolhas. O processo de discernimento ajuda a dar continuidade ao projeto de vida inserido na realidade.

Para acompanhar o projeto de vida dos/as universitários/as a Pastoral Universitária deve propiciar tempos e espaços para o autoconhecimento, a compreensão da história de vida, a forma de viver/conviver/relacionar, os papéis desempenhados nas relações interpessoais e sociais. Ainda urge acompanhar a visão de mundo e o contexto sociocultural em que se está inserido/a.

O projeto de vida permite a criticidade, a leitura consciente da realidade e "situar-se" na vida, na profissão e no mundo. Contribui para fazer as escolhas e perceber as potencialidades e as capacidades de transformação pessoal e social. O protagonismo e a corresponsabilidade diante da vida vêm à tona.

No projeto de vida é muito importante respeitar as etapas do processo e cuidar de cada tempo e momento de escuta e de acompanhamento; cuidar para formar laços mais profundos por meio de grupos menores de partilha e abertura de vida.

O objetivo de revisitar o projeto de vida na universidade exige a retomada da história de vida nas mãos e sentir/saber-se sujeito da própria vida. A dinamicidade da vida pede paradas para que se repense e se pergunte: Onde estou e quero chegar? Estou feliz com minhas escolhas? O que hoje me angustia? O que preciso refazer ou retomar? O que precisa ser modificado? Nesse processo de reavaliação do projeto de vida há necessidade de acompanhamento, de escuta e abertura ao diálogo.

Um caminho ousado e possível para a Pastoral Universitária seria também um acompanhamento pós-universidade: as realidades dos profissionais na vida e nos campos de trabalho, os desafios e enfrentamentos e os compartilhamentos de experiências fora dos muros da universidade.

10. Pastoral das artes e da cultura

Há uma grande sensibilidade entre as juventudes para as artes de um modo geral, a música, a literatura, o teatro e que precisam ser valorizados e articulados na ação pastoral. A Pastoral Universitária deve buscar envolver a geração universitária na dimensão lúdica e nos espaços artísticos e criativos, a partir deles mesmos:

> A dimensão lúdica, a diversão e os jogos, canções, histórias que se contam uma e outra vez, a poesia... Tudo o que envolva, mova, convoque para participar, sem a formalidade do mundo dos adultos, frequentemente muito sério. Propor algo que seja ágil e provoque o jovem a colocar-se em movimento (CELAM, 2013, n. 543).

A dimensão lúdica e artística deve ser provocada pela ação pastoral na universidade, pois também são momentos de formação e interação.

11. Pastoral Sinodal: Colegiada e acompanhada por Conselho Pastoral

A experiência de uma Pastoral Colegiada acompanhada por um Conselho de Pastoral favorece os múltiplos olhares e os processos mais inclusivos e avaliativos. A experiência de agir coletivamente, com um grupo plural, de jovens e adultos, para pensar juntos a ação pastoral, é mais exigente, trabalhoso, mas não resta dúvida, o resultado é mais completo e englobante.

A colegialidade e a sinodalidade, ou seja, a decisão conjunta entre os pares e a participação de todas as pessoas envolvidas na/pela ação pastoral devem permear as decisões do planejamento da Pastoral Universitária. O mundo plural e de complexidades pede planejar conjuntamente, e de acordo com a realidade e as urgências das ações. Exige a reavaliação constante e a escuta amiúde da comunidade acadêmica, a fim de repensar o caminho e as ações pastorais e evangelizadoras no âmbito acadêmico.

Desse modo, no percurso da pesquisa, se produziu essa proposta, haurida da escuta, de uma Pastoral Universitária aberta ao pluralismo e à diversidade, transversal e de fronteira, intercultural, acolhedora e dialogal. Uma Pastoral Universitária que cultive espaços para debates e para a formação humana integral.

Uma Pastoral Universitária de encontros e compartilhamento de experiências e vida. Que favoreça caminhos de solidariedade, ação social aos mais vulneráveis e incentive o voluntariado. Que busque a espiritualidade encarnada nas realidades da geração universitária.

Uma Pastoral Universitária que provoque o exercício da cidadania e se paute pelas ações capazes de gerar a transformação social. Que crie espaços e tempos

de estudo e partilha dos saberes. Que propicie projetos e oficinas para repensar e acompanhar os projetos de vida da geração universitária. Que se construa de forma colegiada e acompanhada por um Conselho Pastoral plural e representativo.

A pesquisa permitiu a reflexão sobre esse mundo plural, esse "multiverso", segundo o pesquisador Sebastião Corrêa Neto (2019). O caminho fez pensar uma proposta de construção coletiva da ação pastoral junto à geração universitária porque a Pastoral Universitária precisa escutar e as juventudes querem ser escutadas.

A ação decorrente da pesquisa é a proposta de um tempo de escutatória a realizar-se, de fato, na Pastoral Universitária da PUC Minas *Campus* Poços de Caldas, que já percorreu um caminho bonito. Portanto, escutar as juventudes e discernir os novos passos na ação pastoral. A Pastoral Universitária que sai ao encontro das juventudes presentes na universidade. Propõe uma reflexão sobre o fazer pastoral, que significa "curvar-se sobre seus comportamentos e atitudes" (CORRÊA NETO, 2019, p. 15) e repensar a Pastoral Universitária a partir da escuta da geração universitária.

A proposta é uma construção coletiva da pastoral com os pés nas realidades das salas de aula. O objetivo é fazer uma experiência de "imerchão", vale dizer, de mergulho nesse multiverso, em etapas e devolutivas de cada etapa, e ao final uma assembleia de compartilhamento. A cada semana ir até a sala de aula de um determinado curso e promover um espaço de escuta com indagações sobre o que é ser jovem universitário, quais os sonhos e desafios; sobre religiosidade e experiência de fé; sobre a participação política; a visão de mundo e a pandemia e pós-pandemia e como pensam a ação pastoral na universidade.

No processo de escutatória, a fim de pensar a ação pastoral, é imprescindível continuar a conhecer o perfil e as realidades da geração universitária; escutar seus sonhos e desafios; e como pensam uma Pastoral Universitária entre eles. O papa Francisco escreveu após o Sínodo da juventude convocado no ano de 2016, uma carta denominada Exortação Apostólica pós-sinodal *Christi Vivit* contendo algumas convicções advindas da escuta e das respostas encaminhadas mediante um questionário aplicado no mundo inteiro, que acentua que "[...] devemos suscitar e

acompanhar processos, não impor percursos. Trata-se de processos de pessoas que sempre são únicas e livres" (CNBB, 2019, n. 297).

Corrobora na valorização da escuta e a abertura à realidade da geração universitária, o que pontua o documento de Estudos 102 da CNBB (2013):

> Essa abertura à realidade dá condições para um passo importante na construção de uma realidade de Pastoral Universitária, que é saber partir da necessidade e do interesse do outro, seja ele um aluno ou um colega. O ponto de partida é aquilo que fascina ou que incomoda o outro, que se torna "pro-vocação" para mim e para ele (CNBB, 2013, p. 30, n.47).

A equipe da Pastoral tem um longo e árduo trabalho à frente. E o perfil dessa equipe para que caminhe junto à geração universitária e estabeleça relações fraternas e significativas é muito importante. O ambiente universitário exige um perfil de pastoralistas e agentes de pastoral capazes de escutar, aprender e mergulhar nesse multiverso:

1. A equipe pastoral precisa ser cercada de gente que ama as juventudes e as suas complexidades e ambiguidades.
2. Pessoas dispostas a compreender o tempo, o espaço, a história, as realidades plurais e as linguagens das juventudes.
3. Pessoas que acreditem na aprendizagem conjunta, articulada, contínua com as juventudes e mostrem interesse pelo estudo e pela pesquisa do perfil da geração universitária.
4. Agentes de pastoral que se constituam amigos e amigas das juventudes.
5. Com disponibilidade de tempo para construção de relações significativas.
6. Que cultivem atitudes de abertura, acolhimento e diálogo.
7. Tenham escuta atenta e capacidade de acompanhar a diversidade e pluralidade das juventudes.
8. Disponíveis ao serviço fraterno, desprendido e amoroso.
9. Conscientes de que a universidade é um campo fértil de missão.
10. Compromissados/as com a vida digna, a solidariedade, a justiça social e a transformação de um mundo mais humano e fraterno.

Portanto, o perfil do agente de pastoral “é uma pessoa equilibrada, de escuta, fé e oração, que se enxerga com suas próprias fraquezas e fragilidades. Por isso sabe acolher os jovens que acompanha, sem moralismos nem falsas complacências” (CNBB, 2019, n.102).

A Pastoral Universitária pode e deve acompanhar às juventudes na universidade, que é um tempo importante na travessia de vida: sair-aproximar-encontrar-ouvir-construir um caminho sinodal. Podem e devem ser criados espaços de escuta, partilha e proximidade. A capacidade de escuta precisa ser aprimorada, como diz papa Francisco (2013), porque a escuta atenta leva à proximidade e ao verdadeiro encontro: “Precisamos de nos exercitar na arte da escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade”, e assim, o verdadeiro encontro de proximidade acontece por meio de laços profundos de confiança e presença (CNBB, 2013, n. 71).

A escuta deve ser atenta e valorizar as ideias expostas num ambiente de confiança e respeito. Saber dialogar e articular os pontos importantes da conversa enfatizados pela geração universitária. Papa Francisco escreve que “o coração de cada jovem deve, portanto, ser considerado ‘terra sagrada’, portador de sementes de vida divina, diante de quem devemos ‘tirar as sandálias’ para poder nos aproximar (CNBB, 2019, n.67, p. 30).

A proposta é que a Pastoral Universitária seja a Casa das Juventudes, o espaço em que podem chegar e sair livremente; possam sentar-se à mesma mesa e conversar sobre a vida, os desafios, as dores, as alegrias; fazer/ser amigos/as; possam debater, questionar e pensar coletivamente. Portanto, para que cheguem mais, para favorecer a proximidade, torna-se essencial, o encontro de escutatória para ouvir o que percebem e veem neles mesmos.

Libanio (2011) acentua que conversar com as juventudes é fundamental, para de fato, colher as ideias, as tendências contemporâneas, as angústias e os sonhos da boca e do coração da geração universitária.

Portanto, os resultados da pesquisa indicam a proposta de construção conjunta da ação pastoral na universidade para identificar-se com as linguagens e os rostos da geração universitária. Pontua ainda Libanio que “as melhores conclusões surgirão de dentro das discussões” (LIBANIO, 2011, p.11). E diz que:

> A pastoral inteligente e atualizada favorece o diálogo geracional, criando espaços e momentos de mútua escuta. Ora os jovens falam e os adultos escutam, sem interrompê-los; ora se inverte a jogada, e os jovens se põem a ouvir. Desse duplo jogo de fala e escuta, surgem ideias novas, projetos possíveis. No verdadeiro diálogo, ninguém entra ou sai exatamente com as mesmas ideias e convicções. Nada acontece sem duas condições imprescindíveis: tempo e espaço de partilha (LIBANIO, 2011, p.76).

Por fim, são muitas ações que podem ser oferecidas e outras tantas que podem ser colhidas,identificadas na visão da geração universitária. Importa também destacar o sopesamento na dinâmica transversal e integradora entre os três eixos geradores de ações na universidade: o eixo da espiritualidade, o eixo da formação e reflexão e o eixo socioeducativo e o tripe indissociável, ensino, pesquisa e extensão. O diálogo constante com a fé, a ciência, a razão, a cultura, os saberes, o ensino, a pesquisa, a extensão e os atores presentes na universidade.

As ações pastorais na universidade, segundo o Documento 112 da CNBB “Setor Universidades da Igreja no Brasil: identidade e missão” (2019), devem favorecer o equilíbrio e o desenvolvimento dos eixos de atuação da Pastoral Universitária. No eixo da espiritualidade apresenta propostas de ação como: a leitura orante da Palavra e a partilha em grupos; acompanhamento espiritual, espaços de escuta e acolhimento.

O documento aponta sugestões de ação para o eixo da reflexão-formação: formação de grupos de estudos, reflexão, debates, oficinas, rodas de conversas sobre temas contemporâneos, sistematização de conhecimentos, eventos artísticos e culturais. E propõe para o eixo socioeducativo: mapeamento da realidade social e das dificuldades prioritárias, gestão de voluntariado, observatórios para promoção da educação para sensibilidade social, entre outras ações pastorais e evangelizadoras no âmbito universitário. E aponta que:

> O âmbito universitário abarca, em suas fronteiras, uma vasta diversidade de sujeitos e saberes não sobrepostos, mas com seus valores e significados próprios, construídos a partir de uma dinâmica histórica, cultural e social diferentes e que se encontram nesse universo. Assim, a atividade pastoral nesse ambiente deve ser lugar primordial de diálogo, acolhida e escuta sensível dessas realidades, buscando, através do fortalecimento identitário, do exercício da alteridade, do respeito à diversidade, aproximação entre saberes (fé, ciência, razão, cultura), propor espaços e atividades de diálogo

> horizontal na aproximação desses sujeitos e seus saberes (CNBB, 112, n. 54, p.48).

A universidade é o lugar da formação, da reflexão, da interpelação diante da vida, da profissão, dos valores e dos saberes. A Pastoral Universitária pode contribuir para uma formação humana integral, abrangente e inclusiva e para o diálogo da fé com as culturas e saberes. A Pastoral Universitária deve ser uma pastoral de fronteira, interdisciplinar e de olhares plurais e transversais no âmbito acadêmico a fim de perceber as marcas e as realidades presentes. O caminho, de fato, é do diálogo e da escuta, a fim de construir vínculos, pontes e laços de fraternidade e amizade social, a partir do humanismo solidário e da corresponsabilidade na defesa do mundo que vivemos, a Casa Comum.

A proposta é a continuidade de uma atitude pesquisadora, a “pesquisação”, nos desdobramentos do plano de ação da escutatória. A Pastoral Universitária no intuito de contribuir para a formação humana integral e provocar processos pastorais e evangelizadores deve percorrer o caminho da escutatória, inserir-se nas realidades da geração universitária, escutar e planejar junto às juventudes as ações pastorais:

> Em primeiro lugar, para que se dê um processo em qualquer nível, é necessário planejar. Não é somente um plano, mas um processo onde as pessoas, juntas, podem construir a partir de suas experiências, de seu contexto, o caminho que desejam percorrer no grupo ou na pastoral. [...] A esse respeito, cabe perguntar-nos: nossos planos partem da realidade? Estão atentos aos processos dos jovens que participam dos grupos? Que aspectos da vida da juventude estão sendo trabalhados? Os jovens e as jovens são objetos ou interlocutores? (CELAM, 2013, N. 527).

Enfim, a Pastoral deve ser a “Casa das Juventudes”, espaço em que podem chegar, encontrar-se uns com os outros, conversar, serem ouvidos/as, valorizados/as, respeitados/as em suas crenças e descrenças, em suas formas de relacionar com o sagrado, em suas religiosidades e não-religiosidades, em suas opiniões e pensamentos.

As maneiras de atuação pastoral precisam mudar de acordo com as realidades socioculturais, e por isso, a Pastoral Universitária deve pôr-se em

constante movimento de adaptação e de descoberta do novo que já está entre a geração universitária. Ter a humildade de colher as realidades e as propostas e pôr-se a serviço das juventudes e da comunidade acadêmica.

Desse caminho da pesquisa surgiu a proposta de um projeto, denominado “imerchão” ou “imerline”, para descer ao chão das salas, e mergulhar no multiverso da geração universitária. Um processo de imersão nas realidades da geração universitária capaz de promover um espaço de escuta para acolher as ideias, as críticas, as sugestões, os pensamentos e os desafios vivenciados.

Seguem as ideias centrais da “Proposta do Projeto de Escutatória da Pastoral Universitária: em relação ao tempo, deve ter a duração mínima de seis meses para a escutatória, sendo uma semana em cada curso, em uma determinada sala com características bem plural. De cada curso serão apontados pelo grupo de estudantes dois representantes para acompanhar o processo de escuta e apresentar as devolutivas às turmas que os indicaram, e ainda construir juntos, as propostas de ações, a partir de diálogos constantes em rodas de conversa e assembleias.

Será possível identificar o perfil da geração universitária presente em cada curso e as realidades prementes. Os encontros e as conversas em cada grupo de estudantes dos cursos ofertados na PUC Minas em Poços de Caldas acontecerão por meio de questões pautadas envolvendo as temáticas: Pastoral Universitária; religiosidade; política e o exercício da cidadania; tempo pandêmico; as características, os desafios e os sonhos, os valores e as metas de vida da geração universitária.

Assim, com os representantes de cada curso, a partir das conversas colhidas, o grupo constituído construirá as sínteses para apresentação das propostas num encontro maior, com a participação dos representantes de cada curso e aberto à toda comunidade acadêmica, a fim de apontar os caminhos, e definir as prioridades de ação junto à geração universitária. O objetivo primordial é a construção sinodal do plano de ação, a partir das realidades e das escutas ativas.

Segue abaixo o plano de ação pensado para o processo de construção coletiva das ações pastorais a partir da escutatória, da “imerchão” nas realidades socioculturais, políticas, religiosas das juventudes universitárias. Construir a partir das juventudes e com as juventudes.

Plano de ação do Projeto de Escutatória da Geração Universitária da PUC Minas em Poços de Caldas

Nome da Ação: Projeto de Escutatória (“Imerchão”/”Imerline”) da Geração Universitária

Objetivo estratégico:

Provocar um processo de escuta das realidades socioculturais, políticas e religiosas junto às juventudes universitárias no chão da sala de aula a fim de construir propostas de ação coletivamente e em consonância com os desafios, os sonhos, os desejos e as necessidades apontados e discutidos.

Estratégias:

- Traçar um planejamento de escuta (cada semana ir ao encontro de um grupo de estudantes de um determinado curso)
- Propor uma roda de conversa em cada sala com as seguintes questões: O que é ser jovem? Quais os traços marcantes da geração universitária? Quais os desafios e sonhos? A geração universitária é religiosa? Como/em que creem e descreem? Tem religião e participa dela? Como veem a política? Como veem a participação política? Como veem o mundo contemporâneo? Que mundo querem construir? Como veem a educação e que educação querem? E o campo de trabalho? O que pensam das políticas públicas para as juventudes? Quais os desafios e dores do tempo pandêmico? Como enfrentaram? Como pensam as ações da Pastoral Universitária?
- Eleger em cada sala de aula dois representantes para a construção coletiva e a Assembleia para definir prioridades
- Propor a roda de conversa em todos os cursos e de cada curso eleger dois representantes
- Construir coletivamente na Reunião Geral com os representantes as propostas de ação da Pastoral Universitária para apresentação na Assembleia
- Concluir o processo de escuta com uma Assembleia para definir as prioridades de ação pastoral na universidade

Oportunizar o processo de escuta e a construção coletiva das ações pelos próprios estudantes.

Possibilitar a participação ampla dos estudantes e da comunidade acadêmica no processo de escuta e construção coletiva.

Despertar os discentes para valorização do caminho do diálogo, da participação nos processos de decisão e planejamento.					
0 que	**Como**	**Para que**	**Quem**	**Quando**	**Status**
Atividade Projeto de Escutatória da Geração Universitária	Descrever Fazer uma imersão no multiverso da geração universitária Sair ao encontro dos/as estudantes em seus cursos e salas de aula para conversar e escutar o que pensam do mundo, dos campos políticos e religiosos, o que creem, descreem, os sonhos, os desafios e as propostas	Finalidade Provocar um processo de escuta para incluir no diálogo toda comunidade acadêmica e juntos definir as prioridades nas ações no âmbito universitário	Pessoas responsáveis Agentes da Pastoral Universitária e parcerias com os coordenadores e professores dos cursos	Projeto para um semestre Cada semana a imerchão será em um determinado curso	

	de ação para a Pastoral Universitária				

Encaminhamentos:

1. O processo de escuta precisa ser aplicado amiúde por aqueles e aquelas que se dedicam às juventudes para conhecer o perfil da Geração Universitária contemporânea, a fim de traçar caminhos de diálogo e ações que correspondam aos sonhos e às realidades socioculturais, políticas, econômicas e religiosas das juventudes presentes na universidade.
2. Envolver toda comunidade acadêmica.
3. Elaborar o planejamento e as imersões nas salas de aula de cada curso.
4. Definir as datas das visitas nas salas de aula, a reunião geral com os representantes de cada curso para construção coletiva das ações de pastoralidade e a assembleia para definir as prioridades das ações.

Essa metodologia da escuta e de construção conjunta, através do espaço amplo de compartilhamento de experiências, de ideias, de propostas, e escolha das prioridades, necessita acontecer mais amiúde na Pastoral Universitária, em razão da rapidação do tempo, das descontinuidades históricas e das transformações causadas nas gerações.

A Pastoral Universitária deve ser uma pastoral em constante saída, a casa do diálogo e do acolhimento. Por isso a pesquisa se desdobrará no “Projeto de Escutatória e de construção coletiva” junto à geração universitária. Torna-se essencial para a ação pastoral na universidade a metodologia de escutar, compartilhar e caminhar juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi identificar o perfil da geração universitária da PUC Minas em Poços de Caldas no ano de 2021, analisar essa realidade comparativamente com outras pesquisas, de modo a conhecer a realidade sociocultural, política, religiosa e econômica das juventudes e da geração universitária, na perspectiva de propor novos caminhos de ação pastoral e de diálogo na universidade, particularmente para a pastoral universitária. Assim, o caminho percorrido permitiu perceber os impactos sofridos e os desafios contemporâneos enfrentados pelas juventudes em suas vidas concretas e em seus corpos. E mais, possibilitou a ampliação dos olhares e dos pensamentos para a leitura conjuntural do mundo, porque, de fato, as juventudes são os primeiros impactados que sofrem as transformações socioculturais, políticas, econômicas vivenciadas no tempo e nas descontinuidades históricas.

Importa ainda destacar, a importância dos passos dados anteriormente em pesquisas que se debruçaram sobre a temática do fenômeno complexo e plural das juventudes. Ressaltar o chão pisado por Paulo Agostinho N. Baptista, no intuito de conhecer o perfil da geração universitária da PUC Minas, antes de propor a ação pastoral em 1989, através de pesquisas de anos anteriores na PUC Minas (1990, 2013 e 2017). Buscou-se identificar as juventudes presentes na universidade, a fim de construir um caminho de diálogo e ação pastoral.

Portanto, essa pesquisa fez um percurso de continuidade, ao intentar conhecer as realidades socioculturais, políticas, religiosas e econômicas que atravessam as vidas concretas das juventudes presentes na PUC Minas em Poços de Caldas. Porque torna-se imprescindível para dialogar e agir no âmbito universitário: saber quem são os jovens universitários e as jovens universitárias; encontrar-se com essa geração, e ouvir o que dizem, pensam, creem, descreem, sonham, as dores, as angústias, os sonhos e as esperanças, escutar e reavaliar seus projetos de vida para construir juntos a ação pastoral na universidade.

O capítulo primeiro se dedicou a tratar da geração universitária, discutindo conceitos e concepções, mas também refletiu sobre a ação pastoral, resgatando sua história, particularmente com as juventudes e a geração universitária, por um

caminho trilhado com a evangelização e pastoral juvenil e universitária, analisando cenários e desafios. A partir daí, no segundo capítulo houve a apresentação dos dados coletados através da aplicação de um questionário, de forma on-line, enviado por e-mail aos estudantes matriculados nos cursos de graduação da PUC Minas no *Campus* de Poços de Caldas. Houve, depois, uma breve análise comparativa com pesquisas realizadas na PUC Minas (1990 e 2013) e outra produzida na UFMG (2017), identificando ao final as proximidades e diferenças.

A Geração Z (em sua maioria jovens de 19 a 23 anos) é o perfil da geração universitária da PUC Minas *Campus* Poços de Caldas. Uma geração universitária com mais mulheres presentes na universidade, ocupando a porcentagem de 52,74% dos 383 respondentes, e 47,26% de estudantes do sexo masculino. A grande parte dessa geração se considerou da cor branca (80,2%) e são solteiros/as. São mineiros/mineiras na PUC Minas em Poços de Caldas, num registro de 25,1% naturais de Poços de Caldas, 40,2% de outras cidades mineiras e 33,9% de outras cidades brasileiras.

A maioria da geração universitária não trabalha, reside com a família e ainda são sustentados/as para manter-se na universidade, num total de 70,8% de estudantes dependentes dos seus familiares. Importa registrar que apenas 53,8% dos/as estudantes possuem bolsa de estudos e 46,2% não possuem nenhum tipo de bolsa ou financiamento para cursar a graduação. Grande parte da geração universitária pretende continuar os estudos, sendo 49,3% dos/as respondentes logo após a graduação e 32,1% depois que estiver trabalhando.

O processo de escolarização da geração universitária traz dados significativos e avaliações importantes por parte da geração universitária de sua formação escolar desde os anos iniciais até o Ensino Médio. Vale ressaltar que 66,3% dos/das estudantes não fizeram cursinho preparatório para entrar na universidade. Os resultados apresentaram que desde os anos iniciais até o Ensino Médio a geração universitária é oriunda de escolas públicas e particulares, estas ligeiramente predominantes. Nos anos iniciais (1º ao 4º ano ou 1º ao 5ºano) 49,3% estudaram em escolas particulares e 44,6% em escolas públicas. Nos anos finais (4º ao 8º ano ou 4º ao 9º ano) 49,3% em escolas particulares e 42,3% estudaram em escolas públicas. A formação no Ensino Médio registrou que 50,1% estudaram em escolas

particulares e 43,9% em escolas públicas. Avaliaram como “muito boa” a formação escolar nos anos iniciais um total de 89% dos/as estudantes, nos anos finais foram 85,9% e no Ensino Médio decaiu a avaliação para 74,4%.

Identifica-se uma geração universitária politizada, mas descrente da política partidária como hoje está organizada. A maioria afirma que os políticos olham mais para seus próprios interesses do que os interesses coletivos. Pontuam também que o exercício da cidadania e a política são fundamentais para a transformação das desigualdades sociais.

A pesquisa registrou que “o exercício da cidadania e a política são importantes: 65,5% disseram “muito importante” e 28,7% apontaram que é “importante”. Em relação à pergunta sobre se achavam que a participação política, o acompanhamento e a fiscalização dos representantes mudavam o país, mais de 94,2% disseram que concordam. Noutra questão dirigida ao campo político, se política e religião se discutem, 78,8% opinaram que sim.

Os resultados mostram que as juventudes presentes na universidade têm conscientização da eficácia da política e do exercício da cidadania por meio de múltiplas formas de agir e de atuar para a mudança dos cenários políticos, socioambientais, culturais, educacionais e econômicos. No questionamento sobre o que pensavam das manifestações de rua como instrumento político e de cidadania para melhorar a visão de mundo, mudar a política do país e contribuir para o engajamento sociopolítico 93,2% afirmaram que concordam com esse ato político nas ruas.

Ainda vale registrar que outros posicionamentos da geração universitária nas perguntas propostas possibilitaram identificar a consciência de cidadania, o pensamento crítico e a politização das juventudes. Muitos/as estudantes são criteriosos/as na hora de votar para eleger seus/suas representantes: 62,4% disseram que analisam as informações sobre o candidato, o partido e escolhem o melhor representante para melhorar a vida do povo; 21,9% escolhem pela análise da pessoa e não do partido político; 6,5% avaliam o partido e o programa partidário e 4,2% responderam que anulam ou votam em branco porque não se interessam por política.

Os dados coletados apontam uma geração politizada, mas que não demonstra interesse pela política partidária, pois na indagação da preferência do partido político 68,1% disseram que não têm interesse por nenhum partido político. Outras questões respondidas pela geração universitária indicam o pensamento crítico diante dos cenários sociopolíticos. Há registros substanciais de posicionamentos contrários à pena de morte (78,6%) e à criminalização do aborto (72,4%).

Noutros registros os/as estudantes se posicionaram favoráveis à diversidade cultural e religiosa como benefícios para a sociedade num total de 93,8% dos/as respondentes. Também se manifestaram que a economia não deve prevalecer sobre a vida e o meio ambiente perfazendo 86,4% das respostas colhidas.

Ainda na mesma linha de posicionamentos políticos interessantes: 95,6% demonstraram que a falta de articulação entre os entes federativos prejudicou o enfrentamento no combate à pandemia; 97,7% acham que a polarização e a falta de diálogo impedem a construção de novos caminhos para uma sociedade mais justa. Cabe destacar que 89,1% dos/as respondentes defenderam os Direitos Humanos, 95,8% as políticas públicas como bolsa-família, auxílio emergencial e 88,5% as cotas para a universidade.

Vê-se uma geração mais plural no campo religioso, menos preconceituosa e que convive bem com a diversidade e a pluralidade religiosa. De fato, são muitas juventudes presentes na universidade, muitas realidades e pertencimentos religiosos. Percebe-se uma geração universitária religiosa, em sua maioria cristã, mas com um significativo aumento no espectro de pertencimento às outras religiões. A geração universitária pontuou que tem religião num total de 73,6%, participa dela 40,7%, sendo que 32,9% disseram que não participam. Houve o registro 2,9% que declararam que participam de várias religiões.

Na infância grande maioria era pertencente ao catolicismo, mas esse número sofreu um decréscimo considerável. Atualmente na PUC Minas *Campus* Poços de Caldas 41% se disseram católicos/as, enquanto 15,9% responderam que não têm religião. Outro dado que merece destaque é que 10,7% dos/as respondentes manifestaram que possuem religiosidade própria, têm fé, creem em Deus, mas não têm pertencimento institucional religioso.

O cenário atual do campo de pertencimento religioso mostrou o seguinte: 52,8% são cristãos, 6,5% de espíritas kardecistas, 1,3% umbandistas, 1,0% budistas, 0,5% wicca, 0,3% candomblecistas e 15,9% declararam que não têm religião. Vale apontar que 2,6% são agnósticos, 3,4% ateus e 2,9% de múltipla religiosidade (seguem várias religiões). Os protestantes somaram 7,1% dos/as respondentes e 1,8 disseram pertencer às religiões afro-brasileiras.

Portanto, o que se evidencia: primeiro, que a geração universitária é religiosa e respondeu que o mundo seria melhor com a religião num total de 83,8% dos/as estudantes; segundo, houve um aumento no espectro do pertencimento religioso e ocorreu um aumento do número dos que se declararam sem pertença religiosa institucional, mas com espiritualidade própria e fé em Deus.

Essa geração em sua maioria acredita que todas as religiões são verdadeiras num total de 70,8% e 85,9% responderam que Deus se revela de diversas maneiras e em diferentes religiões. Também 88,8% disseram que a religião ajuda na vida pessoal, coletiva e profissional e 72,6% pontuaram que a dimensão espiritual é importante para a formação humana integral.

Diante da pergunta – “Deus é importante para você?” – 66,6% opinaram que é “muito importante” e 19,6% “importante”. Noutra pergunta sobre a importância do diálogo entre as religiões, 54,6% dos/as respondentes acharam “muito importante” e 32,9% “importante”.

Vale mencionar as respostas relativas ao que é importante para a geração universitária da PUC Minas *Campus* Poços de Caldas, dentre elas, a família 99,7%, o estudo 99,2%, a defesa do meio ambiente 97,7%, a amizade 97,4%, o exercício da cidadania e a política 94,2%, a vida amorosa 86,7%, Deus 86,2%, o esporte 81,2%, as redes digitais 73,4% e o sexo 73,1% dos/as estudantes.

Por fim, mediante os dados coletados referentes à Pastoral Universitária revelou-se que muitos/as estudantes a desconhecem, num total de 76,2%. E aqueles e aquelas que conhecem a Pastoral Universitária 17% disseram que é uma ação necessária na universidade, sendo que 5,0% não souberam dizer.

A partir dos dados colhidos pelo Google Formulário, das análises comparativas, identificando as semelhanças e diferenças, e da escuta através dos Grupo Focal, no terceiro capítulo foi desenvolvida uma proposta de ação para a

pastoral universitária mais plural, sinodal, transversal, de debates, compromissada com a luta pela justiça social e dialogal. Uma pastoral universitária com agentes abertos e acolhedores, que amem as juventudes e compreendam as complexidades e ambiguidades da geração universitária.

Hoje a Pastoral Universitária busca atuar em sintonia com o tripé ensino, pesquisa e extensão e sopesando os três eixos de ação: espiritualidade, formação/reflexão e socioeducativo. Restou claro que dentre os eixos de atuação da Pastoral Universitária a geração universitária pontuou serem os eixos de formação/reflexão e socioeducativo os mais interessantes, num total de 39,4% dos/as estudantes. E 32,6% disseram ser interessante os três eixos de atuação da Pastoral Universitária.

Assim, para construir o Planejamento Pastoral, primeiramente, torna-se imprescindível: conhecer o perfil da geração universitária; ver as realidades socioculturais e políticas das juventudes; buscar a convivialidade no meio acadêmico; dialogar com todos os atores presentes na universidade; disponibilidade para a escuta ativa e construção coletiva; ousadia e espírito de abertura e acolhimento.

Portanto, diante dos cenários e desafios da geração universitária constatados pela pesquisa, a Pastoral Universitária deve ser primordialmente a Casa das juventudes. Deve seguir o caminho de uma Pastoral: dialogal, acolhedora, experiencial, sinodal, colegiada, fronteiriça, humana/humanizadora/humanizante, do protagonismo jovem, da espiritualidade encarnada, da mística de olhos abertos e pés nas realidades, da corresponsabilidade socioambiental, da cidadania e da transformação social, comprometida com os mais vulneráveis e empobrecidos, solidária, das partilhas e dos debates, do pensamento crítico, do projeto de vida pessoal e coletivo, do silêncio e da meditação, da transversalidade, da interculturalidade, das artes e das culturas, da comunhão dos saberes e das religiosidades e não religiosidades, da pluralidade, da diversidade, da formação humana integral, da economia de Francisco e Clara, da ecologia integral, do diálogo inter-religioso e ecumênico, da cultura do encontro, das rodas de conversas, da escutatória, da construção coletiva, da educação inclusiva, da fraternidade e da

amizade social, de portas e janelas abertas, de pessoas comprometidas com a construção de um mundo mais justo, livre e fraterno.

Cabe agora continuar a “pesquisação”, colocar em prática no chão das salas de aula o projeto de escutatória da geração universitária e a construção coletiva de planejamento da Pastoral Universitária junto às juventudes para corresponder às urgências, às realidades e às necessidades da contemporaneidade nesse âmbito singular e plural.

Foram muitos dados coletados e a análise deles deve e pode continuar. A pesquisa não esgotou tal processo. Da mesma forma, as propostas de ação pastoral devem ser dinâmicas e serem atualizadas na medida da participação das juventudes universitárias.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P.P.M. (Orgs). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam. Palestra de Miriam Abramovay, da **FLACSO Brasil**, parte do Curso Juventudes e Educação, Identidades e Direitos. Youtube, 18 mar. 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=mDK2ID1dkzg. Acesso em 15 out. 2020.

ABRAMS, Ph. (1982). **Historical sociology**. Shepton Mallet: Open Books.

AGENDA JUVENTUDE BRASIL**. Pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros.** Brasília-DF: Secretaria Nacional da Juventude/ Participatório – Observatório Participativo da Juventude, 2013.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Teologia da Libertação e Juventude. Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião.C749a. **Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER: espiritualidades e dinâmicas sociais: memória – prospectivas** / Organização SOTER. Belo Horizonte: SOTER, 2014. 2747 ISSN: 2317-0506

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Teologia da Libertação e Pastoral Universitária: aspectos históricos e perguntas desafiantes. Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião C749a. **Anais do 28º Congresso Internacional da SOTER: religião e espaço público: cenários contemporâneos** / Organização SOTER. Belo Horizonte: SOTER, 2015.

BAPTISTA (Coord.), Paulo Agostinho Nogueira. Relatório da Pesquisa Perfil do Estudante da PUC-MG. **HORIZONTE**, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1275-1314, out. 2013. ISSN 2175-5841. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/5904. Acesso em: 09 out. 2020. doi:10.5752/5904.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Geração Universitária da PUC Minas: o que mudou entre 1990 e 2013? **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião,** v. 12, n. 36, p. 1190-1227, 10 jan. 2015. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n36p1190. Acesso em: 09 out. 2020. doi:10.5752/5904.

BAPTISTA (COORD.), P. A. N. Relatório da Pesquisa "Perfil do Estudante das Instituições Católicas de Ensino Superior. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 11, n. 31, p. 1214-1274, 1 out. 2013. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/i. dex.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n31p1214. Acesso em: 09 out. 2020.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Religiosidade na universidade: perfil dos estudantes da UFMG.** Projeto de pesquisa – Demanda Universal. Belo Horizonte: 2018.

BAUMAN, Z. Between us, the generationes, in J. Larrosa (ed), **On generationes. On coexistence between generationes.** Barcelona: Fundació Viure Conviure, pp. 365-376, 2007.

BAUMAN, Z. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BECK, U. & BECK-GERNSHEIM, E. (2008). **Generación Global**, Barcelona: Paidós [Global Generation, Frankfurt, 2007].

BEOZZO, José Oscar. **Cristãos na Universidade e na Política**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil: De João XXIII a João Paulo II. De **Medellín a Santo Domingo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. In.: **Religião & Sociedade**, 21 (1), abri., ISER, p.09-23, 2001.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **Narrativas acadêmicas e midiáticas produzindo uma Geração Digital.** Porto Alegre, 2015. 206 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei 12.852. 05 agosto 2013. **Estatuto da Juventude**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 15 out. 2020.

CALIMAN, Cleto. **A sedução do sagrado:** o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMPOS, Laísa Silva. **Ter Voz, Ter Vez e Lugar:** construção subjetiva de jovens mulheres na Pastoral da Juventude. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Autonomia ou identificação orgânica entre a juventude católica e a instituição Igreja? Uma comparação entre estudos sobre as juventudes católicas no Brasil e na França. In.: Péricles Andrade (org.) **Polifonia do Sagrado: pesquisas em Ciências da Religião no Brasil.** São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2015, p. 15-29.

CAMURÇA, Marcelo A. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos. In: **BIB**. São Paulo, ANPOCS, 1996.

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M. **Quebrando mitos**: juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília. Catolicismo brasileiro além-fronteiras. In.: **Novas leituras do campo religioso brasileiro**. Emerson José Sena da Silveira, Flávio Sofiati (Orgs.); Aparecida, Ideias & Letras, 2014, p.21-54.

CARRANZA, Brenda. Cristianismo pentecostal: a nova face da Igreja Católica. In.: Alberto da Silva Moreira; Pino Lucà Trombetta (orgs.) **Pentecostalismo globalizado**. Goiânia: Ed. Da PUC-Goiás, 2015, p.71-93.

CARRANZA, Brenda. SOFIATI, Flávio. Culturas Juvenis Católicas: aproximações teóricas às performances institucionalizadas. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**. Rio de Janeiro, v.20, n.2, p. 330-350, dez. 2018. Acessível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/39018> Acesso em: 12 out.2020.

CELAM CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA. **Civilização do amor: tarefa e esperança.** São Paulo: Paulinas, 1997.

CELAM CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida.** Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CELAM CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Civilização do Amor – Projeto e missão**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

COMBLIN, José. Os movimentos e a pastoral latino-americana. **Revista Eclesiástica Brasileira – REB**, Petrópolis, v. 43, n. 171, p. 227-262, jun. 1983.

II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio.** Conclusões de Medellín, 6ª Edição. São Paulo: Paulinas, 1968.

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Documento de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.

IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, **Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã.** Documento de Santo Domingo. Tradução Oficial da CNBB. Brasília: 1992.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. Edições CNBB. Brasília: 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento Civilização do Amor: Projeto e Missão**. Orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-americana São Paulo: Edições CNBB, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Documento 85 – **Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais.** São Paulo: Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral Universitária: Documentos e Conferências.** v. 1. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento 100 – Comunidade de comunidades:** uma nova paróquia**.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento 102 – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento 105 – Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade.** 1.ed. São Paulo: Paulus, 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Estudo 44 – Pastoral da Juventude no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 1986.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Estudo 56 - Evangelização e Pastoral da Universidade.** São Paulo: Paulinas, 1988.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Estudo 76 – Marco referencial da Pastoral da Juventude no Brasil.** São Paulo: Paulus, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Estudo 101 – A comunicação na vida e missão da Igreja no Brasil.** São Paulo: Paulus, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Estudo 102 – **O seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora no âmbito universitário**. São Paulo: Paulus, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento de Estudo 103 – Pastoral Juvenil no Brasil:** identidade e horizontes. São Paulo: Paulus, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento 41. Educar ao humanismo solidário**. Brasília: CNBB, 2017.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento de Estudo 112 – Setor Universidades da Igreja no Brasil:** Identidade e Missão. São Paulo: Paulus, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2019:** Manual**.** Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento final da XV Assembleia Geral do Sínodo da Juventude:** Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Brasília: CNBB, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Exortação Apostólica Pós-sinodal do Papa Francisco. **Christus Vivit:** para os jovens e para todo o povo de Deus**.** São Paulo: Paulus, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Pastoral Universitária**: documentos e conferências**.** v. 1. Brasília: CNBB, 2010**.**

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A JUVENTUDE DA CNBB. **Projeto IDE 2018-2020** – Novo projeto de Evangelização da Juventude Brasileira. São Paulo: 2017.

CORRÊA NETO, Sebastião. **Multiversojovem**: evangelização, acompanhamento e projeto de vida junto aos jovens, numa Igreja em saída. Belo Horizonte: Senso, 2019.

DALLA-DÉA, Paulo Fernando. **Juventude e Vaticano II.** São Paulo: Amazon, 2018, v. 1, 60p.

DALE, Romeu. **A Ação Católica brasileira**. São Paulo: Loyola, 1985.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set. /out. /dez., 2003.

DICK, Hilario**. O caminho se faz – História da Pastoral de Juventude do Brasil.** Disponível em: http://hiladick.wix.com/hilariodick#!O-CAMINHO-SE-FAZ-HIST%C3%93RIA-DA-PASTORAL-DA-JUVENTUDE-DO-BRASIL/cu6k/5580d6f80cf298dc5b9b9016. Acesso em 25 de set. 2020.

DICK, Hilário. Revitalização da Pastoral Juvenil Latino-Americana. In.: **Congresso Latino-Americano de Jovens, III**., 2010, Los Teques (Venezuela), Pronunciamento. Venezuela: 2010. Site: www.pjlatinoamericana.org, 2010. Acesso em: 10 out. 2020.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre a juventude. **Sociedade & Estado**, Brasília, vol. 25, n. 2, p. 185-204, mai-ago 2010. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5529 Acesso em 25 de set. 2020.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **Jovens religiosos e o catolicismo – escolhas, desafios e subjetividades**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2010.

FERNANDES, Sílvia, Regina Alves. **Novas Formas de Crer** - católicos, evangélicos e sem-religião nas cidades. São Paulo: Promocat, 2009.

FERNANDES, Sílvia, Regina Alves. **Mudança de religião no Brasil – desvendando sentidos e motivações**. São Paulo: Palavra e Prece, 2006.

GROPPO, L. A. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROPPO, L. A. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco. PERFIL DA JUVENTUDE BRASILEIRA (2003). *Projeto juventude* – Pesquisa de opinião pública. São Paulo: Instituto Cidadania / Fundação Perseu Abramo, 2017.

GROPPO, L. A. **O novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil.** Em A. A. F. Costa, & L. A. Groppo (orgs). O movimento de ocupações estudantis no Brasil (pp. 85-119). Pedro e João editores: 2018.

GÓMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto. **A JUC**: os estudantes católicos e a política. Petrópolis: Vozes, 1984.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEITA – **INEP**. Censo de Educação Superior 2013. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEITA – **INEP**. Censo de Educação Superior 2013. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.

LIBANIO, João Batista. **Para onde vai a juventude?** São Paulo: Paulus, 2011.

LEITE, Ariane Vieira. **Os movimentos universitários católicos e as diretrizes internacionais da Igreja Católica:** os casos do PUR e da PU. Belo Horizonte: 2000. 163f. Monografia (Conclusão de curso PUC Minas).

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. Tradução: Cláudio Marcondes. In.: Marialice M. Foracchi (org), **Karl Mannheim**: Sociologia. São Paulo: Ática,1982 p.67-95.

MANNHEIM, K. 1993. **El problema de las generaciones**, Revista Espanola de Investigaciones Sociológicas (REIS), n.62, pp.145-168 [“Das Problem der Generation”, in Wissenssoziologie. Auswahl aus dem Werkk, hg. Von Kurt H. Wolff, Neuwied/Berlim: Luchterhand, 1964, pp. 509-565; The Problem of Generations, in Essays on the sociology of knowledge, edited by P. Kecskemeti, Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1952, pp. 251-273] [1928].

MARIZ, C. L.; GRACINO, P. **As novas configurações da religião no século XXI:** um inventário sobre jovens participantes em megaeventos religiosos. Projeto apresentado à FAPERJ, 2013. Mimeo.

MARIZ, Cecília L. & CARRANZA, Brenda. (2017), “Francisco en la Jornada Mundial de la Juventud de Rio de Janeiro”. In: V. Roldán; A. Frigerio (eds.). **Francisco: el impacto de su pontificado en América Latina. Buenos Aires**: Editorial Biblos. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S0100-85872017000200014000013&lng=en. Acesso em: 13 out. 2020.

NOVAES, Regina. Juventude e Religião: sinais do tempo experimentado. **Interseções,** Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 351-368, dez. 2018. Acessível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/39020. Acesso em 15 out.2020.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças, trajetórias. In: Almeida, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.105-120, 2006.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (orgs). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004.

NOVAES, Regina. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, 18 (52), 2004, p.321-330.

NOVAES, Regina & VITAL, Christina. A juventude de hoje: (re) invenções da participação social. In.: THOMPSON, Andrés (Org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo: Peirano, p.112-113, 2006.

OLIVEIRA, Plinio Corrêa de. **Em Defesa da Ação Católica**, 2. ed. São Paulo: Artt press,1983.

OLIVEIRA, Sidney. **Geração Y:** o nascimento de uma nova geração de líderes. São Paulo: Integrare, 2010.

ORTEGA Y GASSET, J. (1966). **La idea de las generaciones,** El tema de nuestro tempo, Obras completas, Vol. 3, Madri: Revista de Occidente, pp. 145-156 [The modern theme, Nova York: Harper & Row, 1961] [1923].

OS IMPERFEITOS. **Folha de São Paulo.** UOL TAB. Reportagem "Os imperfeitos". Publicado em 03 de junho de 2019. Disponível em: https://tab.uol.com.br/edicao/geracao-z/. Acesso em: 12 out. 2020.

PAIS, José M. **Culturas juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In.: **Culturas jovens:** novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.7-21.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **PASTORAL UNIVERSITÁRIA PUC MINAS**: diretrizes de ação 2019-2023. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: PUC Minas, 2019, Coleção Pastoral, 2.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 37, vol. 13, 1997.

RANQUETAT JR., Cesar A. Laicidade, Laicismo e Secularização: definindo e esclarecendo conceitos. **Revista Sociais e Humanas**, CCSH/UFSM, n. 1, v. 21, 2008.

RIBEIRO, José Jair; PERONDI, Maurício; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; GROSSI, Patrícia Krieger (Orgs). **Juventudes na Universidade**: olhares e perspectivas. Porto Alegre: Redes Editora, 2014.

RYLKO, Stanislaw. **As Jornadas Mundiais da Juventude**: uma cascata de luz e esperança. Brasília: Edições CNBB, 2012.

SANTOS, João Vitor. De equivocados a vítimas: as juventudes como para-raios das transformações sociais. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n.536, ano XIX, 2019, p.10-18. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/589048-de-equivocados-a-vitimas-as-juventudes-como-para-raios-das-transformacoes-sociais-entrevista-especial-com-giovane-scherer. Acesso em: 25 de set. 2020.

SANTOS, João Vitor. A consciência de uma juventude que se vê como parte e solução dos problemas globais. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n.536, ano XIX, 2019, p.30-34.

SANTOS, Ivna Sá dos. **Dai-lhes vós mesmos de comer**: um livro histórico e testemunhal do Projeto Universidades Renovadas. Belo Horizonte: Itapuã, 2004.

SOFIATI, Flávio. **Religião e juventude: os novos carismáticos**. São Paulo: Ideias e Letras/ FAPESP, 2011.

SCHERER, Giovane. **Serviço Social e Arte**: Juventudes e Direitos Humanos em cena. São Paulo: Cortez, 2013

SIQUEIRA, Giseli do Prado; BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira; TEODORO-SILVA, Wellington. A Conferência de Medellín: contexto político-eclesial e a posição sobre a Educação e a Juventude. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v.16, n.50, p.648-676, maio/ago. 2018 – ISSN 2175-5841. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p648. Acesso em: 25 de set. 2020.

SOBRINHO, A. A.; ABRAMO, H. W. A juventude na mira da pandemia. **Folha de São Paulo.** São Paulo: 25/04/2021. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/04/a-juventude. Acesso em abr. 2021.

SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga de. **Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil**: hipóteses para uma interpretação. Petrópolis: Vozes, 1979.

SOUZA, Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**, v.14, n. 55, abr/jun. São Paulo: ABEC, 2006. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15033/11226. Acesso em: 08 de out. 2020.

SPOSITO, M. P., Almeida, E., & CORROCHANO, M. C. (2020). Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas (2020). **Educação & Sociedade**, Campinas, 41(e228732). Disponível em https://www.scielo.br/j/es/a/ssmN855vJ5bZWdm5cb6HxxN/?lang=pt. Acesso em out. 2021

STAMATO, M. I. C. **Protagonismo juvenil:** uma práxis socio-histórica de ressignificação da juventude. 2008, 222f. Tese (Doutor em Psicologia). Programa de

Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2008.

TRANCOSO, A. E. R. OLIVEIRA, A. A. S. Produção social, histórica e cultural do conceito de Juventudes heterogêneas potencializa ações políticas. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.26, n.1, 137-147, 2014.

TRANCOSO, A. E. R. **Juventudes: o conceito na produção científica brasileira.** Dissertação (Mestre em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal De Alagoas, Maceió: 2012.

VASCONCELOS, Fábio. Percentual de abstenção nestas eleições cresceu mais entre eleitores jovens e idosos. **G1. Eleições 2020**. Eleições em números. 09 dez. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/12/09/percentual-de-abstencao-nestas-eleicoes-cresceu-mais-entre-eleitores-jovens-e-idosos.ghtml. Acesso em: 15 dez. 2021.

VELOSO, L.; BARBOSA, L. Notas sobre o conceito de juventude e geração. In: BARBOSA, L. (Org.) **Juventude e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 17-27.

VIANA, Nildo. **Juventude e Sociedade:** ensaios sobre a condição juvenil. São Paulo: Giostri Editora, 2015.